

BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — BAPTISTA PEREIRA: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.ª edição.
- 2 — PANDA CALOGERAS: *O Marquez de Barbacena* — 2.ª edição.
- 3 — ALCIDES GENTIL: *As idéas de Alberto Torres* (synthese com indicações) — 2.ª edição.
- 4 — OLIVEIRA VIANNA: *Raça e Assimilação* — (4.ª edição augmentada).
- 5 — AUGUSTO DE SAINT-ILHAIRE: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822)* — Trad. o prof. de Affonso de E. Taunay — 2.ª edição.
- 6 — BAPTISTA PEREIRA: *Valtos e episódios do Brasil* — 2.ª edição.
- 7 — BAPTISTA PEREIRA: *Directrices do Rey Barboza* — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.
- 8 — OLIVEIRA VIANNA: *Populações Meridionaes do Brasil* — 4.ª edição.
- 9 — NINA RODRIGUES: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefacio de Honorio Heres). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — OLIVEIRA VIANNA: *Evolução do Povo Brasileiro* — 3.ª edição (illustrada).
- 11 — LUIZ DA CÂMARA CASCOB: *O Corde d'El-Rei* — Vol. illustrado.
- 12 — WANDERLEY PINHO: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Vol. illustrado.
- 13 — VICENTE LEIANO CARDOZO: *A burguesia na Historia do Brasil* — 2.ª ed.
- 14 — PRIMO CALMON: *Historia da Civilização Brasileira* — 3.ª edição.
- 15 — PANDA CALOGERAS: *Da Regencia a queda do Rosas* — 3.º volume da série "Relações Exteriores do Brasil".
- 16 — ALBERTO TORRES: *A Organização Nacional* — 3.ª edição.
- 17 — ALBERTO TORRES: *O Problema Nacional Brasileiro* — 2.ª edição.
- 18 — VICENHO DE TAUNAY: *Pedro II* — 2.ª edição.
- 19 — AFFONSO DE E. TAUNAY: *Visitaes do Brasil Colonial* (Sec. XVI-XVIII) — 2.ª edição.
- 20 — ALBERTO DE FARIA: *Miná* (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — BAPTISTA PEREIRA: *Pelo Brasil Maior*.
- 22 — C. ROQUETTE-PINHO: *Ensaio do Antropologic Brasileiro*.
- 23 — EVALDO DE MORAES: *A escravidão africana no Brasil*.
- 24 — PANDA CALOGERAS: *Problemas da Administração*.
- 25 — MARIO MARRQUIM: *A lingua do Nordeste*.
- 26 — ALBERTO RANRO: *Rumos e Perspectivas*.
- 27 — ALFONSO ELLIS JUNIOR: *Populações Paulistas*.
- 28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: *Viagem ao Araguaya* — 4.ª edição.
- 29 — JOSÉ DE CASTRO: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — CAR. FREDERICO A. RANRO: *Pelo Brasil Central* — Ed. illustrada — 2.ª ed.
- 31 — ALVARO AMARAL: *O Brasil na crise actual*.
- 32 — C. DE MELLO-LERISS: *Visitaes do Francisco Isperto* — Ed. illustrada. (com 13 figuras).
- 33 — J. DE SAMPAIO FERREZ: *Metheorologia Brasileira*.
- 34 — ANTONIO COSTA: *Introdução á Archeologia Brasileira* — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. SAMPAIO: *Phytogeographia do Brasil* — Ed. illustrada — 2.ª edição.
- 36 — ALFONSO ELLIS JUNIOR: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 3.ª edição.
- 37 — J. F. DE ALMEIDA FERRO: *Principios Evolucionistas do Brasil* — (Ed. illustrada).

- 38 — RUY BARBOSA: *Moeldade e Exílio* (Cartas inéditas (Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe — Ed. Illustrada.
- 39 — E. ROQUEIRO-PINTO: *Rondônia* — 4.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — PEDRO CALMON: *Historia Social do Brasil* — 1.º Tomo — Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição.
- 41 — JOSÉ-MARIA BELLO: *A intelligencia do Brasil* — 3.ª edição.
- 42 — PANDIÁ CALOGERAS: *Formação Historica do Brasil* — 3.ª edição (com 3 mappaes fóra do texto).
- 43 — A. SABOTA LIMA: *Alberio Torres e sua obra*.
- 44 — ESTEVÃO PINTO: *Os indigenas do Nordeste* (com 16 gravuras e mappaes) — 1.º volume.
- 45 — BASILIO DE MAQUILHÊS: *Expedições Geographicas do Brasil Colonial*.
- 46 — RENATO MENDONÇA: *A influencia africana no portuguez do Brasil* — Ed. illustrada.
- 47 — MANOEL DOMINGOS: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Maull.
- 48 — URBINO VIANNA: *Bandeiras e cartanilhas bayanos*.
- 49 — GUSTAVO BARROSO: *Historia Militar do Brasil* — Ed. illustrada, com 50 gravuras e mappaes — 2.ª edição.
- 50 — MARIO TRAYVASSOS: *Projeção Continental do Brasil* — Prefacio de Pandiá Calogeras — 3.ª edição amplada.
- 51 — OCTAVIO DE FREITAS: *Docuças africanas no Brasil*.
- 52 — GENERAL COUTO DE MAQUILHÊS: *O selvagem* — 3.ª edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. DE SAMPAIO: *Biogeographia dinamica*.
- 54 — ANTONIO GONTIJO DE CARVALDO — *Cincoeras*.
- 55 — HILDEBRANDO ACCIOLY: *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America*.
- 56 — CHARLES EXFILLY: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefacio e notas do Gustavo Pennava.
- 57 — FLAUSINO ROSSIGNOL VALLE: *Elementos do Folklore musical Brasileiro*.
- 58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem á Provincia do Santa Catharina (1820)* — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — ALFREDO PELLIS JUNIOR: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.
- 60 — ESTEVÃO RAVASSAU: *A vida dos Indios Camacurus* — Edição illustrada.
- 61 — CONDE D'EU: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss) — Edição illustrada.
- 62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: *O Rio São Francisco* — Edição illustrada.
- 63 — RAYMUNDO MORAES: *Na Fronteira Amazonica* — 4.ª edição.
- 64 — GILBERTO FERRAZ: *Solitudes e Mucambos* — Decadencia patriarchal rural no Brasil — Edição illustrada.
- 65 — JOÃO DOMINGOS FILHO: *Silva Juridica*.
- 66 — PRIMITIVO MORAES: *A Instrução e o Imperio* (Subsidios para a historia da educação no Brasil) — 1923-1933 — 1.º volume.
- 67 — PANDIÁ CALOGERAS: *Problemas do Governo* — 2.ª edição.
- 68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia do Goyaz* — 1.º tomo — Trad. cção e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 69 — PRADO MATA: *Atravez da Historia Naval Brasileira*.
- 70 — AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO: *Concepto da Civilização Brasileira*.
- 71 — F. C. JOHNS — *Bohemia e Agricultura no Brasil no Seculo XVI* — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Segunda viagem ao interior do Brasil* — "Espírito Santo" — Trad. do Carlos Madeira.
- 73 — LUCIA NOGUEIRA-PERREIRA: *Machado de Assis* — (Estudo Critico-Biographico) — Edição illustrada.
- 74 — PANDIÁ CALOGERAS — *Estudos Historicos e Politicos* — (Res. Nestr...) — 2.ª edição.
- 75 — AFFONSO A. DE FREITAS: *Vocabulario Nheengatu* (vernaculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) — Litterar Tupy-guarany.
- 76 — GUSTAVO BARROSO: *Historia secreta do Brasil* — 1.ª parte: "Do descobrimento a abdicção de Pedro I" — Edição illustrada — 3.ª edição.

- 77 — C. DE MELLO-LEITÃO: Zoologia do Brasil — Edição ilustrada.
- 78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem aos nascentes do Rio São Francisco e pela Província do Goyaz — 2.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 79 — CHAVEIRO COSTA: O Visconde do Sinimbu — Sua Vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1859.
- 80 — OSWALDO R. CAVAL: Santa Catharina — Edição illustrada.
- 81 — LEMOS BRITO: A Gloriosa Sobretudo do Primeiro Imperio — Frei Caetano — Ed. Illustrada.
- 82 — C. DE MELLO-LEITÃO: O Brasil Vista pelos Ingleses.
- 83 — PEDRO CALMON: Historia Social do Brasil — 2.^o tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
- 84 — ORLANDO M. CARVALHO: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição Illustrada.
- 85 — WARDENLEY PINHO: Cotegipe e seu tempo — Ed. Illustrada.
- 86 — AURELIO PINHEIRO: A Margem da Amazonia — Ed. Illustrada.
- 87 — PRIMITIVO MOACYR: A Instrução e o Imperio — (Subsídios para a Historia da Educação no Brasil) — 2.^o volume — Reformas do ensino — 1851-1895.
- 88 — PAULO LOBO: Um Varão da Republica: Fernando Lobo.
- 89 — CORONEL E. LOURIVAL DE MOURA: As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil.
- 90 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: A Evolução da Economia Paulista e suas Causas.
- 91 — ORLANDO M. CARVALHO: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco. — Edição Illustrada.
- 92 — ADMIRANTE ANTONIO ALVES CAMARA: Ensaio Sobre as Construções Navicas Indigenas do Brasil — 2.^a edição Illustrada.
- 93 — SERAFIM LESTE: Páginas da Historia do Brasil.
- 94 — SALOMÃO DE VASCONCELLOS: O Fico — Minas e os Mineros da Independencia — Edição Illustrada.
- 95 — LUIZ AGASSIZ e ELIZABETH CARY AGASSIZ: Viagem ao Brasil — 1806-1808 — Trad. de Edgard Suesskind de Mendonça — Edição Illustrada.
- 96 — OZONIO DA ROCHA DINIZ: A Politica que Convém ao Brasil.
- 97 — LIMA FERREIRO: Oeste Paranaense — Edição Illustrada.
- 98 — FERNANDO DE AZEVEDO: A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estudo do S. Paulo" em 1926).
- 99 — C. DE MELLO-LEITÃO: A Biologia no Brasil.
- 100 e 100-A — ROBERTO SIMONSENS: Historia Economica do Brasil. — 2 vols.
- 101 — HERBERT BALDUS: Ensaio de Ethnologia Brasileira — Prefacio do Affonso de E. Taunay. — Ed. Illustrada.
- 102 — S. FERNES ABREU: A riqueza mineral do Brasil. — Edição illustrada.
- 103 — SETTE CARNEIRO: Minérios Africanos no Brasil — Edição illustrada.
- 104 — ABADIA LIMA — Amazonia — A Terra e o Homem.
- 105 — A. C. TAVARES BASTOS: A Provincia — 2.^a edição.
- 106 — A. C. TAVARES BASTOS: O Vale da Amazonia — 2.^a edição.
- 107 — LOIZ DA CAMARA CASCAES: O Município de Olinda e seu tempo (1792-1870) — Edição illustrada.
- 108 — PADRE ANTONIO VIEIRA: Por Brasil e Portugal — Serões commentados por Pedro Cimón.
- 109 — GREGOIR RABEUS: D. Pedro II e o Condo do Gobierno (Correspondencia inédita).
- 110 — NINA RODRIGUES: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — WASHINGTON LOIZ: Capitania do São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.^a edição.
- 112 — ESTEVÃO PINTO: Os Indigenas do Nordeste — 2.^o Tomo (Organização e estrutura social dos Indigenas do Nordeste Brasílico)
- 113 — CASTILHO CRULS: A Amazonia que eu Vi — Obidos — Tatuacumtanga — Prefacio do Ronquette-Pinto — Illustração — 2.^a edição.
- 114 — CAETANO SUSSKIND DE MENDONÇA: Sylvio Romero — Sua Formação Intellectual — 1861-1880 — Com uma introdução de Ronquette-Pinto — Ed. illustrada
- 115 — A. C. TAVARES BASTOS: Cretas do Sertão — 3.^a edição.
- 116 — LOYNO AUGUSTO DE MOURA: Estudos Piauhyenses — Ed. illustrada.

- 117 — GABRIEL SOARES DE SOUZA: *Traçado Descritivo do Brasil em 1587* — Commentarios do Francisco Adolpho Varhaguea — 3.ª Edição.
- 118 — VON SPIX e VON MARTENS: *Através da Bahia* — Excerptos do "Reise in Brasilien" — Tradução e notas do Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — SUD MENEZES: *O Precursor do Abolicionismo* — Luiz Gama — Ed. illust.
- 120 — PEDRO CALVON: *O Rei Phyllopho* — Vida do D. Pedro II.
- 121 — PRIMITIVO MOACYR: *A Instrução e o Imperio* (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) — Volume 3.º — 1851-1859.
- 122 — FERNANDO SAGOTA DO MEDEIROS: *A Libertação da Navegação do Amazonas* — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.
- 123 — HERMANN WATZEN: *O Domínio Colonial Hollandez no Brasil* — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII — Tradução do Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — LUIZ NORTON: *A Corte do Portugal no Brasil* — Notas, documentos diplomaticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição illustrada.
- 125 — JOÃO DONAS FILHO: *O Pastoreado e a Igreja Brasileira*.
- 126 e 126-A — AUGUSTO de SAINT-IBRAIRE: *Viagens pelas provincias do Rio do Jucuro e Minas-Geraes* — em dois Tomos — Edição illustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lencx.
- 127 — ERNESTO ENNER: *As Guerras nos Palatinos* (Subsidios para a sua historia) 1657-1700 — 1.º Vol.: Domingos Jeruz Velho e a "Troia Negra" Prefacio de Affonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — ALBRANTE COSTA JOSE de MELO: *O Governo Provincial e a Revolução de 1698* — 1.º Volume em dois tomos.
- 129 — AFRANIO PEIXOTO: *Clima e Saude* — Introdução Bio-geographica á Civilização Brasileira.
- 130 — MAJOR FREDERICO RONDON: *No Houdonia Occidental* — Ed. illustrada.
- 131 — HILDEBRANDA ACCIOLI: *Limites do Brasil — A Fronteira com o Paraguay* — Edição illustrada com 8 mapas fora do texto.
- 132 — SERAFFÃO PAGOANO: *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817* — Edição illustrada.
- 133 — HEITOR LYRA: *Historia do Dom Pedro II* — 1825-1891. Vol. 1.º "Ascensão" — 1826-1870 — Edição illustrada.
- 134 — PANDIÁ CALOGERAS: *Geologia Economica do Brasil* — (As Minas do Brazil e sua Legislação) — Tomo 3.º — Distribuição geographica dos depositos auríferos. — Edição refundida e actualizada por Djalmá Guimarães.
- 135 — AUGUSTO PIABRO JACOBINA: *Dina Carniceira* — (O Conservador) — Edição illustrada.
- 136 — CARLOS PONTES: *Tavares Bastos* — (Aureliano Candido) 1839-1875.
- 137 — ANIBAL MATTOS: *Prehistoria Brasileira* — Varios Estudos — Edição illustrada.
- 138 — GUSTAVO DODT: *Descrição do Rio Paranahyba e Gurupy* — Prefacio e notas de Gustavo Barroso — Edição illustrada.
- 139 — ANTONIO COSTA: *Migrações e Cultura Indigena* — Ensaio de archeologia e ethnologia do Brasil — Edição illustrada.
- 140 — HERNES LIMA: *Tobias Barreto* — A Epoca e o Homem — Edição illustrada.
- 141 — OLIVEIRA VIANNA: *O Idealismo da Constituição* — 2.ª edição augmentada.
- 142 — FRANCISCO VENANOTO FILHO: *Euclides da Cunha e seus Amigos* — Edição illustrada.
- 143 — DRUM DE ALMEIDA MAGALHÃES: *O Visconde da Abaeté* — Edição illustrada.

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 - São Paulo

DESCRIÇÃO
DOS RIOS PARNAHYBA
E GURUPY

DR. GUSTAVO DODT

★

DESCRIÇÃO
DOS RIOS PARNAHYBA
E GURUPY

COM ILLUSTRAÇÕES E MAPPAS

(Prefacio de Gustavo Barroso)



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO - RECIFE - PORTO-ALEGRE

1939

Indice

Gustavo Luiz Guilherme Dodt.	13
O autor deste livro	15
Ao leitor.	21
O rio Parnahyba	23
I — O curso do rio Parnahyba.	31
II — Os afluentes do Parnahyba.	71
III — Considerações geraes.	75
Annexos	109
O rio Gurupy.	135
I — Historia da exploração.	135
II — Descrição do Gurupy.	140
III — Descrição do terreno entre as cabeceras do Gurupy e a mar- gem do Tocantins, da villa da Imperatriz até a barra do Ara- guaya	215
IV — Estrada entre as margens do Gurupy e Tocantins.	220
V — Considerações geraes.	225
Annexos	227



Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodd.

O autor deste livro

GUSTAVO LUIZ GUILHERME DODT foi um dos jovens engenheiros alemães que o barão de Capanema contratou no Velho Mundo para os serviços do antigo ministério da Agricultura e para a construção de linhas telegraficas. Dedicando sua vida no Brasil, Gustavo Luiz Guilherme Dodt naturalizou-se e nunca mais voltou á Alemanha. Era um homem ativissimo e de grande illustração. Além de engenheiro, doutor em philosophia pela celebre Universidade de Iena.

Nasceu a 14 de março de 1831 na cidade de Dannenberg, no antigo Reino do Hannover, filho legitimo de Henrique Frederico Dodt e sua mulher, Guilhermina Joana von Lauzehr, de antiga e nobre estirpe de Walsrode. A 6 de julho de 1859, casou-se com Eliza Cristina von Mochlebrock, originaria de Dantzig, na Pomerania. Do consorcio nasceram duas filhas: Ana Guilhermina Dodt e Emma Matilde Dodt. A primeira, diplomada com distincção pela Escola Normal de Hamburgo, em 1880, casou em Fortaleza, em 1884, com Antonio Felino Barroso, e ali falleceu em 1889. Era minha mãe. O Dr. Dodt morreu em 1903 como engenheiro aposentado da Repartição Geral dos Telegrafos, na cidade de Blumenau, onde jaz sepultado "do modo mais modesto possivel", conforme pediu no seu testamento.

A maior parte de sua vida passára-a no interior de sua nova pátria. Vivera algum tempo em Juiz de Fôra, em Natal, em S. Luiz do Maranhão e em Fortaleza. Peregrinára longamente, explorando rios e terras, construindo linhas telegraficas por quasi todo o Norte, demorando mais nos sertões do Ceará, do Piauí e do Maranhão. Foi ao Tocantins e ao Araguaia. Além dos serviços que prestava por força dos cargos que exerceu no Governo Imperial, os governos provinciais o encarregavam de estudos de portos e comunicações, da localização de colonias agricolas e do levantamento de plantas e mapas. Esses trabalhos conservam até os dias de hoje o seu valor técnico, dizem os entendidos. Sobre eles escrevia minuciosos relatórios, em que, ao par das questões scientificas e dos dados sobre engenharia, agronomia, geografia, geologia, botânica, etc., transparece a alma do doutor em filosofia. São relativamente bem escritos, sobretudo para quem usava uma lingua de adopção, tão diversa da sua materna. Estão cheios de variadas observações sobre usos, costumes, lendas e tradições dos habitantes, sobretudo dos indigenas das regiões percorridas. O Dr. Gustavo Dodt foi um dos melhores folcloristas do Brasil. Um dos primeiros a notar analogias e similitudes de nossas manifestações demologicas com as de outros povos. Escrevia a propósito interessantissimas cartas a Couto de Magalhães, comentando trechos do "O selvagem" Silvio Romero não se esquecia de citá-lo no prefacio dos "Contos Populares" e de recorrer ás suas informações.

No trabalho que apresento aqui, de autoria do Dr. Gustavo Dodt, sobre os rios Parnaíba e Gurupi, a parte mais curiosa é justamente a referente á vida dos "regatões", aos costumes, usanças e lendas dos índios desses sertões, ao folclore. Vê-se bem que uma alma de folclorista vibrava no corpo do velho engenheiro alemão. Daí sua paixão pelos objetos de arte sertaneja e indígena, armas, utensílios, cerâmica. Reuniu grande coleção, que cuidava com desvelo nos últimos anos de sua vida, em seu retiro de Blumenau, e que legou ao seu amigo, Dr. Hugo Gemeli.

Faleceu, após longos e ásperos anos de serviço público pelo interior, em grande pobreza. Era duma honestidade pessoal agressiva em materia de dinheiros da nação, declarou-me uma feita o Dr. Euclides Barroso, que foi seu auxiliar e, depois, diretor geral dos Telegrafos. Corroborou esse testemunho o senador Antonino Freire, que o conheceu de perto e a quem devo um relatório autografo seu ao governo piauiense sobre a instalação duma colonia agricola. Não possuía outros bens além do pequenino predio, ainda hoje existente e quasi arruinado, que habitava em Blumenau. Roupa, livros, instrumentos científicos, mobilia. Eis a verba do seu testamento referente a mim: "A meu neto Gustavo, o anel de sinete, que usei sempre e que se acha ha séculos na familia." Um aro grosso de ouro muito polido e gaste pelo uso, com uma cornalina oval em que se vê, gravada admiravelmente, uma cabeça de mulher á antiga. Maior riqueza deixou-me no seu velho e puro sangue germanico com o amor dos estu-

dos serios, o pendor para a filosofia, a etnografia, o folclore, o culto da tradição e da terra, a inclinação para construir sempre, a aspiração pelas causas nobres.

No alto duma colina sombreada de árvores do vale do Itajaí, se estende o cemiterio evangelico de Blumenau. Dorme ali o sono eterno, na Paz do Senhor, o velho engenheiro que percorreu quasi todo o Brasil, dos últimos tempos da Monarquia á primeira década republicana. Seu tumulo jazia em abandono, quando em 1935, meus amigos pessoais e companheiros de Blumenau generosamente o reformaram, conservando a simplicidade que ele requerera em seu testamento: uma lápide com este singelo distico em letras de bronze — Dr. Doct. Assim o conheciam e veneravam a.i.

A obra que publico aqui foi editada a primeira vez em 1873, na Tip. M. F. V. Pires, São Luiz do Maranhão. Tornou-se muito rara e, como contém um notavel subsidio para a geografia, a etnografia e o folclore de pouco conhecida região do Brasil, é justo que seja de novo posta ao alcance dos estudiosos das cousas brasileiras. Ao mesmo tempo que, assim, se rende culto a um grande brasileiro adotivo, que muito serviu á nossa patria, eu o rendo á memoria de meu avô materno.

GUSTAVO BARROSO.

Ao leitor

Sendo possível que nos relatorios por mim feitos sobre os rios Parnahyba e Gurupy, e o porto do Maranhão se encontre alguma coisa aproveitavel, julguei conveniente reunil-os no presente volume.

Não recommenda a esses relatorios nem o valor scientifico, nem o merito litterario. Escriptos pela maior parte durante as commissões de que estava incumbido, no meio de penosos trabalhos, para apresental-os logo que fossem ellas terminadas, não dispondo nem de tempo, nem dos meios que a sciencia exige para analyses completas, são muitas as imperfeições que nestes escriptos devem ser notadas, e eu sou o primeiro a reconhecer.

E' o Brasil paiz *quasi* desconhecido dos seus proprios naturaes. Regiões extensissimas, cortadas por caudalosos rios que atravessam terrenos fertilissimos, são verdadeiras solidões, onde o homem jamais esteve, ou, se esteve, de sua passagem não deixou signal, e muito menos noticia alguma. Nestas circumstancias todo o

escripto, fiel e conscienciosa narração do que se observar — caso em que está o que se lê nos meus relatórios — deve ser bem acceito, porque sempre terá um lado pratico que se aproveite.

E' assim, concorrendo cada um de nós com o que puder, que conseguiremos aproveitar as forças inactivas deste portentoso solo, que conseguiremos dar a este venturosos paiz o impulso de que precisa para o mais breve possivel chegar á posição que lhe está destinada.

Animado deste desejo, e contando com a benevolencia do leitor para as faltas, algumas inevitaveis, é que dou á estampa estes imperfeitos trabalhos, dos quaes alguns já foram publicados em diversos periodicos, acompanhados de palavras animadoras das respectivas redacções.

Peço por ultimo toda a indulgencia, pois, conhecendo pouco a lingua portugueza é natural que tenha commetido frequentes erros. Podia, é verdade, ter incumbido a correcção do escripto a alguma pessoa habilitada ; mas isso, lisongean-do apenas a minha vaidade, pouco adiantaria para o fim principal que tinha em vista — fazer entender o que dissesse, e isto cicio que consegui.

Maranhão, 1.º de maio de 1873.

DR. GUSTAVO LUIZ GUILHERME DODT.

O rio Parnahyba

PELO officio datado de 11 de dezembro de 1868, do Exm. Sr. Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, presidente da provincia do Piaulhy, recebi ordem de apresentar uma planta do rio Parnahyba desde suas cabeceiras até sua fóz, que devia representar com exactidão, não só o curso do rio, com suas ilhas, corôas, cachoeiras, recifes e outros obstaculos á livre navegação, mas tambem as embocaduras dos seus confluentes de ambos os lados, e que devia tratar especificadamente dos diferentes rios e riachos, que formam as cabecciras do rio, de modo a conhecer-se qual delles devia ser considerado como sua verdadeira nascença. Em todo o curso do rio deviam-se determinar as posições geographicas dos pontos principaes e de outros, que fossem precisos para dar a todo o trabalho o cunho da exactidão. Além disso, devia-se proceder a sondagens e medições da velocidade da correnteza para poder-se avaliar até aonde poderia ser estendida a navegação no inverno e no verão. A respeito dos obstaculos á livre

navegação devia ser dado um parecer — se elles poderiam ser removidos ou não, e no caso affirmativo apresentar um orçamento da despesa provavel. Todo o trabalho devia ser acompanhado de um relatorio minucioso, indicando-se nelle tudo que fôr de interesse, não só especial, mas tambem geral para o melhor conhecimento das terras que o Parnahyba percorre.

Em cumprimento dessas ordens, tratei em primeiro lugar da parte do rio entre a capital e a cidade da Parnahyba, occupando-me neste serviço durante os mezes de janeiro, fevereiro e março de 1869, e interrompendo-o por causa da estação chuvosa, que tornou qualquer trabalho impossivel. Depois estive sempre occupado dentro da capital e por isso não pude recommençar aquelle trabalho senão quando me foi determinado pelo officio da presidencia da provincia de 5 de maio proximo passado, que continuasse com o levantamento da planta do Parnahyba. Em consequencia dessa ordem segui no 1.º de julho proximo passado para as cabeceiras do mencionado rio. Tomei meu caminho pelas villas de S. Gonçalo e Manga em procura da barra do Gurgueia, d'onde segui acompanhando

do quanto possível a beira deste rio, e passando pelas vilas de Jeromenha e Bom Jesus até a barra do Parahim, a fim de examinar também estes rios. D'alli procurei, passando pela villa de Paranaguá, as cabeceiras do Urussuhy no S. Felix, do Gurgueia, do Urussuhyzinho e finalmente do Parnahyba mesmo. Descendo depois pela sua beira e atravessando o Boi-Preto e o Boi-Pintado nas suas barras, procurei a barra do riacho das Tabocas, onde se acha a maior cachoeira que existe em todo o curso do Parnahyba, e não podendo embarcar alli, como tencionava, por causa das numerosas cachoeiras, que tornam o rio completamente innavegavel, dirigi-me ao Brejão na margem do Parnahybinha, onde embarquei em uma balsa de talos de burity e desci por este confluyente até sua barra com o Parnahyba, no lugar denominado Labyrintho. Alli desembarquei, e subi outra vez por terra até a barra do Urussuhyzinho no Mundé, onde fiz construir uma balsa pequena, a fim de descer o Parnahyba desse lugar para baixo. Effectuei esta descida, apesar dos perigos que offerecem as numerosas cachoeiras entre as barras do Urussuhyzinho e Parnahybinha. De volta no Labyrintho, con-

tinuei a viagem no Parnahyba até a villa de Santa Philomena, onde desembarquei, a fim de percorrer diversas terras que podiam servir para uma colonia agricola, de que dei conta em um relatorio especial. (Annexo n. 2).

Terminados esses exames, voltei a Santa Philomena, e continuei na minha viagem, examinando o rio e colligindo os dados necessarios para a organisação da planta, e cheguei no dia 17 de novembro proximo passado á capital. Gastei dest'arte 4 mezes e 17 dias nessa viagem, que de certo foi muito penosa, visto as difficuldades que encontrei no trajecto por terras em grande parte incultas, e em toda a parte com falta de recursos, onde se tornava difficilissima a acquisição dos mantimentos necessarios, onde em muita parte não se achava pasto para os animaes e ainda menosm ilho para supprir esta falta ; onde se devia romper dias e dias por chapadas ermas, cobertas de um matto rasteiro e fechado, denominado alli "carrasco", sem que se tivesse encontrado caminho algum : onde se devia atravessar brejos, com atoleiros terribes, e os rios, que, não dando váo, exigiam que se passasse a bagagem em balsinhas feitas á pressa de alguns talos de burity, enquanto a

gente e os animaes deviam atravessal-o a nado ; onde finalmente se encontravam ladeiras tão íngremes que os animaes mal podiam subir descarregados, devendo-se passar a bagagem na cabeça dos arrieiros.

A estas difficuldades uniam-se outros incommodos não pequenos, devendo-se supportar de dia um calor que pelas duas horas da tarde subia a mais de 40 grãos (centigrados), e de noite uma temperatura, que descia a 10 grãos, acompanhada de um orvalho abundante, que penetrava tudo, pois era quasi sempre necessario acampar ao ar livre. De outros incommodos provenientes dos carrapatos, das mutucas, dos mosquitos de diferentes qualidades, etc., não quero fallar, apesar de ser muito vexatorio, quando estes bichinhos roubam o descanso depois de feita uma viagem maçante sob um sol abrazador, sem que se encontrasse uma arvore sequer, que desse sombra. Tudo isso, porém, devia desaparecer em comparação com os incommodos que davam as chuvas, que começaram no meiado de setembro e surprehenderam-nos algumas vezes no meio de chapadas ermas, longe de qualquer casa ou outro refugio.

Vencidas todas estas difficuldades, e de volta á capital, tornei a embarcar no dia 2 de dezembro proximo passado a fim de descer até as embocaduras do Parnahyba no Oceano Atlantico e completar o trabalho começado nos primeiros mezes de 1869. Todavia devia limitar-me a colligir os dados, que ainda faltavam entre a capital e a cidade da Parnahyba, pois neste ultimo lugar não havia embarcação nenhuma, em que se podesse affrontar os perigos do mar nas barras mesmo, onde a resaca é muito forte. A capitania do porto, mesmo, que tinha ordem da presidencia da provincia de fornecer-me uma embarcação propria para o serviço, não dispunha naquella occasião senão de um escaler pequeno, em que não era possível sahir das aguas do rio. Por isso voltei para a capital, e tendo, entretanto, resolvido o Exm. Sr. ministro dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas remover-me da provincia do Piauhy para a do Maranhão, reccebi ordem da presidencia da provincia de seguir para o lugar do meu novo destino, onde devia acabar o trabalho. Achando-se este presentemente acabado, venho apresentar os resultados dos meus exames, e para poder tratar melhor e com mais clareza

delles, ser-me-ha licito dividir todo o assumpto da fórma seguinte :

I -- O curso do rio Parnahyba.

1.º -- As cabeceiras do rio, especialmente com a referencia á questão de limites entre as provincias do Piauhy e Maranhão.

2.º -- O curso superior do rio, das suas cabeceiras até a barra do Parnahybinha.

3.º -- O curso medio do rio, da barra do Parnahybinha até a do Canindé.

4.º -- O curso inferior do rio, da barra do Canindé até a bifurcação com o Santa Rosa na ilha dos Poções.

5.º -- As barras do rio, da bifurcação com o Santa Rosa até o Oceano Atlantico.

II -- Os confluentes do Parnahyba.

III --- Considerações geraes.

Devo tambem notar, que todas as distancias, indicadas no seguinte trabalho são contadas da nascença do rio, e que as medidas da largura, profundidade e velocidade se referem ao estado do rio, sendo impossivel dar os mesmos dados em referencia ás enchentes que variam extraordinariamente.

I. O CURSO DO RIO PARNAHYBA.

1.º — *As cabeceiras do rio, especialmente com referencia á questão de limites entre as provincias do Piauhy e Maranhão.*

O rio Parnahyba nasce de dous olhos d'agua ao pé da serra da Tabatinga, que tambem é denominada ás vezes Tungatinga ou Mangabeira, ainda que a denominação de Mangabeira compete com mais exactidão á chapada que forma a continuação daquella serra ao poente das cabeceiras do Riozinho, que é confluyente do Parnahybinha, como este do Parnahyba. A mesma serra da Tabatinga é o despenhadeiro ingreme da vasta chapada alta (plateau) que divide as aguas do Parnahyba das do S. Francisco e Tocantins. A ramificação da mesma, que separa as aguas do Parnahyba e S. Francisco estende-se até perto do Oceano Atlantico, descrevendo um arco grande, e forma a divisa da provincia do Piauhy com as da Bahia, Pernambuco e Ceará, tomando nos differentes lugares denominações locaes. Tanto do tronco principal, como dessa ramificação, partem muitos braços lateraes mais ou menos importantes, que

separam as aguas dos confluentes, umas das outras. Em muitos lugares acabam a chapada e suas ramificações em despenhadeiros íngremes e formam neste caso serras para o lado de baixo ; em outros lugares perdem-se ellas em declives mais ou menos suaves, que conservam o caracter de chapada. No lugar das cabeceiras do Parnahyba dá-se o primeiro destes casos, e a serra da Tabatinga é um talhado a pique e inacessivel, pelo menos em toda a extensão em que eu a vi entre as cabeceiras do Gurgueia e as do Riozinho. Ella tem pouco mais ou menos 880 metros de altura sobre o nivel do mar e 400m. de altura sobre as chapadas que rodeiam seu pé. Estas ultimas não formam planicies, mas ondulações com altos e baixos, ainda que pouco importantes. Nas cabeceiras de uma destas baixas, bem ao pé do talhado da serra em terreno enxuto, coberto em parte de pedregulho e pedras soltas, com um matto rasteiro e muito trançado (carrasco) nasce o Parnahyba de dous olhos d'agua. Parece que fui o primeiro que penetrou até esse lugar, que é de um accesso bastante difficil por causa do mencionado carrasco, que se apresentou tão fechado, que me foi preciso atravessar o ultimo pedaço descalço

dentro do leito mesmo do rio, onde as pedras me dilaceravam os pés. Ao menos todos os que me informaram a respeito das cabeceiras e disseram que já tinham penetrado até lá estavam em contradição entre si e com a localidade. Alguns fizeram nascer o rio de uma lagôa, outros de um brejo, outros de um olho d'agua no meio de uma vargem, etc., dando todos ás cabeceiras mesmas um volume consideravel d'agua. Tudo isto prova que elles nunca foram a nasçença do rio, que se acha na localidade que acabo de descrever. Por isso, e para poder melhor distinguir a localidade em que nasce o Parnahyba denominei-a Páo-cheiroso. Os dous olhos d'agua distam pouco mais ou menos 150m um do outro e em uma distancia igual reuñem-se os regatos que delles tomam sua origem para formarem o *Parnahyba do Flor ou Floriano*, assim denominado do primeiro morador na fazenda Surubim, que dista das cabeceiras 19 a 20km, e da qual esta parte do rio até a barra do Boi-Pintado é as vezes denominada Surubim, dando-se, porém, da dita barra para baixo, ao rio sempre o nome de Parnahyba. Que as cabeceiras indicadas são em verdade as do Parnahyba, mostra o primeiro golpe de vista sobre o

mappa que deixa reconhecer que todos os confluentes entram atravessadamente neste rio e perdem sua direcção primitiva. Além disso é o volume d'agua que o Parnahyba conduz sempre superior ao de cada um dos confluentes, de sorte que não pode haver duvida para quem se collocar na barra de cada um dos confluentes, qual dos dous rios deve ser considerado como rio principal. Uma unica excepção pode haver a respeito do Boi-Pintado, que na distancia de 23km se une ao Parnahyba depois de ter percorrido uma distancia igual do lugar onde nasce, e que se acha quasi na mesma distancia da nascença do Parnahyba. Desta sorte fórma o terreno comprehendido entre os dous rios um triangulo equilatero de 260 kilometros quadrados de superficie. Nascendo ambos no mesmo terreno um perto do outro, e percorrendo elles a mesma distancia é, naturalmente, sua largura como profundidade e direcção quasi a mesma, e com o mesmo direito poderia ser tomado qualquer delles pelo rio principal, se a circumstancia de ser um delles denominado Parnahyba e o outro Boi-Pintado desde o tempo que são conneccidos, não fizesse decidir a questão a favor daquelle, cujas cabeceiras acima descrevi.

Toda a duvida sobre a verdadeira nascença do Parnahyba foi suscitada por causa dos limites entre as provincias do Piahy e Maranhão, negando-se de um lado, que se pudesse diseriminar com certeza o curso superior do Parnahyba, e portanto qual dos confluentes devia ser considerado como a verdadeira cabeceira d'elle. O melhor, que se tem dito a este respeito, encontra-se no officio, que o Dr. José Manoel de Freitas, quando juiz municipal de Paranaguá, dirigiu em data de 10 de janeiro de 1861 ao presidente da provincia e que foi reproduzido no relatorio com que seu autor abriu em 21 de julho de 1868 a assembléa legislativa provincial como vice-presidente da provincia, e que nessa occasião foi acompanhado de um mappa figurativo organizado por mim sobre informações, que depois reconheci terem sido erroneas, e que por isso é totalmente falso, e não mostra a menor semelhança com a planta, que organizei depois de minhas proprias observações e medições.

Para poder-se, porém, fazer uma justa apreciação das informações contidas no mencionado officio, deve-se tomar em consideração, que seu autor não percorreu as localidades de que trata, e que se acham muito distantes do lu-

gar onde residia, de sorte que tinha de basear suas informações sobre noticias, que outros lhe forneceram, e quem conhecer, de sua propria experiencia, os sertanejos não pôde admirar que as noticias, que elles deram, não foram exactas.

O resumo daquelle officio é o seguinte: “quando se estabeleceu o rio Parnahyba como divisa entre o Piahy e o Maranhão, não foi elle conhecido senão até o lugar denominado Serra da Limpeza, onde se formava, como dizia Constancio na sua Historia do Brasil, de tres ribeiras, sendo una dellas, que tomara depois o nome de Parnahyba e as outras o rio Urussuhy e das Balsas.”

Convem notar logo aqui tres circumstancias, sendo a primeira que infelizmente não existem mais, como diz o Dr. Candido Meudes de Almeida nas suas notas para seu atlas do Imperio do Brasil, os decretos de 20 de agosto de 1772 e de 3 de maio de 1774, que se referiram aos limites entre as duas mencionadas provincias, mas o decreto n. 773 de 23 de agosto de 1854 marcou como divisa entre Maranhão e Goyaz uma linha recta entre as cabeceiras do rio Manoel Alves, que é um tributario do To-

cantins, e as do Parnahyba. Portanto foi reconhecido o direito da provincia do Maranhão ás terras nas margens do Parnahyba até as suas cabeceiras.

A outra circumstancia é que da dicção da noticia tirada da *Historia do Brasil* por Constancio se deve concluir, que tinha sido acaso ou capricho, porque se deu o nome de Parnahyba a uma das ribeiras, podendo cada uma das outras pretender a este nome com o mesmo direito. Mas não é assim, o rio das Balsas é muito bem caracterizado como confluyente, e ainda mais o Urussuhy, de sorte que se deu o nome de Parnahyba, que o rio já tinha abaixo daquelle lugar, á ribeira a que competia.

A ultima circumstancia é que a *Serra da Limpeza* se acha 173km acima da barra do *Urussuhy*, e esta ainda 13km acima da do *Balsas*, de sorte que se deve distinguir a localidade, onde o Balsas e Urussuhy entram no Parnahyba daquelle onde se acha a *Serra da Limpeza*.

No mencionado officio contin'ia-se a dizer : "Que daquelle lugar (*Serra da Limpeza*) para cima, entram muitos confluentes no Parnahyba, que nascendo todos no pé da *Serra da Tabatinga*, confundem o leito do rio de tal fórma,

que quanto mais aproximarmos das cabeceiras, tanto mais nos achamos envolvidos em grande labyrintho, acabando por acreditar que todos esses confluentes são o proprio Parnahyba”.

Como já disse acima, isso não é exacto. Na barra de cada confluyente conhece-se perfeitamente, e sem que possa haver duvida, qual o Parnahyba e qual o confluyente, devendo-se notar além disso, que só o Urussuhyzinho do lado do Piahy, e o Boi-Pintado, Parnahybinha e Medonha do lado do Maranhão nascem ao pé daquella serra, todos os mais daquelles, que entram no Parnahyba acima da barra do Balsas tomam origem longe della, até em uma distancia de 200km. Tambem a asseveração de que a Serra da Limpeza fosse a mesma serra da Tabatinga carece de uma modificação, pois esta serra que já se perde em alguma distancia ao poente das cabeceiras do Riozinho, e dalli por diante fórma a chapada da Mangabeira, manda uma ramificação desta chapada na direcção do norte, que divide as aguas do Parnahyba e Balsas, desaparecendo perto da barra deste. Dessa ramificação principal apartam-se braços lateraes que tomam sua direcção para o Parnahyba, e separam as aguas dos diferentes confluentes, dos quaes os principaes são

o Medonha, Pedra Furada, Pureza, Marcellino, Babylonia e Limpeza. Estes braços lateraes acabam as vezes em despenhadeiros ingremes, que formam serras, e uma destas é a Serra da Limpeza. Portanto, não é ella a mesma Serra da Tabatinga, mas uma ramificação secundaria della, se se quizer considerar a chapada da Mangabeira, como a sua continuação.

Portanto, se o Dr. Freitas conclue : "Que por causa da mistura dos rios e da incerteza de qual delles seja o Parnahyba, se devia considerar a Serra da Limpeza e depois a da Tabatinga, como a divisa natural das duas provincias", e se elle allega mais em favor desta pretensão : "Que só as autoridades do Piahy, tanto civis como ecclesiasticas têm exercido alli sua jurisdicção", não posso concordar com elle, visto que essa mistura de rios e a certeza subsequente de qual delles seja o Parnahyba, não existe, e que a circumstancia de autoridades do Piahy alli terem exercido as vezes sua jurisdicção, nada póde provar em terrenos pertencentes ao mesmo Imperio, que ainda hoje são quasi incultos e ermos, e que se acham em distancias grandes das povoações maiores do Maranhão. Além de que com abusos não se pode argumentar. Convem

mencionar que me consta que o vigario da freguezia piauihyense de Santa Philomena tem fornecido o pasto espiritual aos povos que moram no outro lado do Parnahyba, em virtude de uma provisão especial do Exm. e Rvm. Sr. bispo da diocese do Maranhão, por causa da distancia extraordinaria em que elles ficam da séde da parochia de S. Felix das Balsas, donde foram declarados parochianos. (1)

A respeito das autoridades civis tem sido considerada aquella parte como pertencente á comarca maranhense de Pastos-Bons, e ainda no anno passado foi creada pela presidencia do Maranhão uma subdelegacia de policia na povoação de Nossa Senhora da Victoria, que se acha situada na margem esquerda do Parnahyba, 17km acima da villa de Santa Philomena. Finalmente tambem a respeito da conveniencia do serviço publico não me parece haver motivos para modificar-se uma divisa que não é sujeita a duvidas, substituindo-a por outra que não pôde ser traçada com a mesma certeza, pois se se allega que as terras que demoram entre o Parnahyba e Parnahybinha ficam 400km distantes da séde da

(1) Por uma lei provincial maranhense de 1871 foi creada uma nova freguezia na povoação de Nossa Senhora da Victoria.

comarca de Pastos-Bons, e que por isso a acção da autoridade é difficil e morosa, deve-se tambem lembrar que o mesmo acontece em relação á comarca de Paranaguá, e que tambem no Piauhy não existe uma villa ou povoação maior em menor distancia, sendo a villa de Santa Philomena tão insignificante, que apesar de ser creada em 1865, ainda não poude ser inaugurada por falta de numero sufficiente de pessoas, que possam servir de vereadores e jurados (2). Se se quizesse, não obstante estas considerações, modificar a divisa, devia-se abstrahir da serra da Limpeza e escolher ao menos a linha das vertentes entre o Parnahyba e o Balsas como limite novo, por ser uma linha de mais facil demarcação.

Conforme o que deixo exposto, podia haver duvida se o terreno entre o Parnahyba e o Boi-Pintado pertence á provincia do Piauhy ou á do Maranhão. Ainda que sou da opinião, pelas razões acima indicadas, que elle deve pertencer ao Maranhão, cumpre-me dizer, que esse terreno não tem importancia alguma, sua área superficial é insignificante, como já mostrei, e

(2) Posteriormente foi realizada por uma lei provincial piauhyense a villa do Santa Philomena á povoação.

compõe-se de chapadas estereis e uns brojinhos, que mal podem servir de refrigerio a algum gado no rigor da estação secca. Por isso tambem não ha alli um só morador.

2.º — *O curso superior do rio, das suas cabeceiras até a barra do Parnahybinha.*

O rio Parnahyba, cujas cabeceiras acabo de descrever e que se acham em L. 10º 13' S. e Lg. 2º 18' O começa como um regato pequeno. Suas aguas crystallinas correm com muita velocidade sobre um leito pedregoso, procurando seu caminho em mil voltas caprichosas. O volume d'agua, que elle conduz, augmenta porém rapidamente, brotando esta em toda a parte do fundo e dos lados do leito. Sua direcção geral vai para o norte com pequena inclinação para o oeste, e tendo percorrido apenas 3km recebe logo o primeiro confluyente do lado do Maranhão — o Boi-Preto, que é do mesmo tamanho. Unidos formam elles um riachinho bonito de 3m de largura e 1m de profundidade, ficando ainda o leito pedregoso e apertado em uma baixa, que deixam as chapadas entre si. Na distancia de

N. — L. Significa a latitude e Lg. a longitude contada do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro, 43º 8' 30" O. de Greenwich.

12km, porém, alarga-se essa baixa e o valle do rio fórma uma planicie ainda que estreita. Alli se tornam tambem as beiradas abrejadas e apparecem os primeiros burityseiros. Deste ponto para baixo até a barra do Urussuhyzinho conserva o valle do rio em geral o mesmo character. As beiradas abrejadas são cobertas de uma vegetação viçosa de arvores grandes, como pindahyba, sapucaya do macaco etc. Esta zona, que é sempre muito estreita e talvez nunca exceda a uma largura de 40m é acompanhada de ambos os lados por planicies arenosas cobertas do capim "amarra-veado", privadas de arvores e arbustos, e de 20 a 40m de largura, que são denominadas "veredas", e servem de pasto ao gado, quando o capim começa a crescer depois de ser queimado, pois sendo elle mais creseido não ha animal que o coma. Ao lado das veredas encontra-se o pé das chapadas, que se elevam com declive mais ou menos suave. Onde as chapadas formam seio encontra-se quasi sempre no fundo um riacho, que repete o character do valle, e é denominado alli "brejo". Esse riacho que tem muitas vezes confluentes e todos elles apresentam o mesmo character com a differença que as dimensões diminuem sempre mais. Naturalmente não

exclue isso o desaparecimento da matta alagadiça aqui e acolá, e neste caso encosta-se a vereda directamente ao rio. Tambem esta desaparece ás vezes e a mesma chapada forma a beira do rio.

Nos brejos lateraes predominam na vegetação o burityseiro e encontram-se alli buritysaes immensos.

Onde o rio entra na zona das veredas, que acabo de descrever, perde com o declive rapido do terreno a velocidade grande, que tem perto de sua nascença. Começa então a correr mansamente e recebe de ambos os lados as aguas de differentes riachos ou brejos, augmentando dest' arte seu volume extraordinariamente. Já no lugar denominado Surubim, 19km distante das cabeceiras, tem elle 13m de largura e 2^m, 2 de profundidade, e na distancia de 23km, onde entra do lado do Maranhão o Boi-Pintado, cresce a largura a 18m e a profundidade a 2^m, 5. Ainda que as dimensões podiam parecer sufficientes para admittir uma navegação ao menos de botes, seria esta inexequivel por causa das muitas voltas estreitissimas que o rio dá e tambem por causa das difficuldades, que se encontram mais em baixo. Pois, chegando á distancia de 80km

encontra-se a primeira cachoeira denominada do *Váó*, que é insignificante, mas seguida por uma outra na distancia de 84km na embocadura do riacho das Tabocas, que é a maior das que existem no Parnahyba.

Alli se despenham as aguas de uma altura de 8m, sem formarem todavia cascata, porque a differença na altura se reparte em uma extensão de 100m pouco mais ou menos e as aguas caem desta forma de pedra em pedra. Com esta cachoeira começa a zona das cachoeiras e corredeiras, que deste ponto até a barra do Urussubyzinho (L. 9° 7' 45" S; Lg. 2° 55' O.), que é o primeiro confluente grande do lado do Piahy na distancia de 126km, se seguem quasi sem interrupção, de sorte que embarcação alguma, nem mesmo balsas, pode descer e portanto ainda menos subir. Da barra do Urussubyzinho até a do Parnahybinha na distancia de 153km (L. 9° 17' S; Lg. 2° 41' O.) torna-se o rio um pouco melhor. As cachociras e corredeiras ficam mais espaçadas e ha muitas partes, onde o rio corre sem o menor obstaculo.

Todavia existem algumas cachociras, como as do *Beija-mão*, do *Costa*, dos *Tres Irmãos*, e outras que impossibilitam toda a navegação

e seria difficil removel-as. Alem disso, ha diversos lugares, e principalmente logo acima da barra do Parnahybinha, onde o rio é muito raso e não tem mais de 0,m5 de profundidade. Por isso deve-se considerar tambem esta parte como innavegavel.

O caracter do terreno, porém, muda completamente da barra do Urussuhyziinho para baixo. Em vez das beiradas abrejadas apparecem ribanceiras ingremes de 5 a 6m de altura, que consistem de um barro vermelho muito fronxo. A chapada encosta-se em toda a parte ao rio e em um ou outro ponto eleva-se ella a uma altura mais consideravel, formando serras com despenhadeiros a pique, que mostram suas camadas de "pedra de arêa vermelha" (*bunter sandstein, red sandstone, grès rouge*) alternando aqui e acolá com camadas de argila de diferentes cores (tabatinga). A vegetação propria aos alagadiços não se encontra senão na beira dos confluentes e rarisimas vezes se acha na beira do rio um capão de matta. As chapadas, porém, não são tão estereis como mais acima, e principalmente a zona estreita da beira mesma do rio, que é sujeita á inundações, é propria para a lavoura de diferentes legumes, mas tem a

desvantagem das cheias destruírem muitas vezes as plantações. Este caracter geral do terreno adjacente ao rio acompanha-o até perto de sua foz.

Todavia nota-se em uma extensão tamanha uma differença muito grande tanto na flora como na fauna. Sem poder entrar em investigações minuciosas acerca destes assumptos, que sem duvida são tão interessantes, como importantes para as sciencias naturaes, mas para que me faltou o tempo necessario, seja-me licito apresentar aqui poucas observações. Na flora, predomina na região superior do rio entre as palmeiras em terrenos frescos o burityserio e a burytirana, misturados com algumas bacabas, e nos terrenos seccos as piassabas e o catolé. Paulatinamente começam a apparecer da barra do Balsas para baixo as carnaubeiras e os coqueiros vulgarmente denominados babaçú, e estes ultimos compõem mais abaixo cocaes immensos, misturados com alguns patys. As formas tão distinctas destas differentes qualidades de palmeiras modificam extraordinariamente o caracter das paizagens. Da mesma maneira nota-se na fauna, que o guará (lobo brasileiro) só se encontra acima da barra do Parnahyba, e que a gua-

riba ou macaco barbado é muito frequente da barra do Balsas para baixo; acima della, porém, raro apparece. Tambem se encontra a ararauna só acima dessa barra; abaixo della é substituida pelo canindé, que de S. Gonçalo para baixo se vê raras vezes; e a cigana não é encontrada senão abaixo de S. Gonçalo.

Voltando, porém, ao Parnahyba, resulta do que deixo exposto, que elle é innavegavel no seu curso superior, das suas cabeceiras até a barra do Parnahybinha em uma extensão de 153km, e que seria muito difficil qualquer melhoramento, principalmente porque as vantagens, que se podiam obter, não estariam em relação com o despendio, que se devia fazer, visto a pobreza da terra, onde se cria só algum, pouco, gado.

3.º — *O curso médio do rio da barra do Parnahybinha até a do Canindé.*

Toda esta parte é ainda innavegavel, mas, como pretendo demonstrar, é susceptivel de melhoramentos importantes, achando-se o dispendio em relação com as vantagens que se podem obter. O rio tem já na barra do Parnahybinha uma largura de 70^m e uma profundidade que varia entre 1,^m 2 e 5^m. Elle recebe no principio



Mapa do Estado do Piauí, vendo-se todo o curso do rio Parnaíba.

muitos tributarios, tanto de um como do outro lado, até a barra do Balsas. D'alli para baixo não existem no lado do Maranhão outros confluentes senão riachos pequenos, o que se explica facilmente pela configuração do terreno, que forma o valle do Parnahyba, e que é muito estreito desse ponto para baixo na margem esquerda, por causa da proximidade das vertentes, que dividem as aguas do Parnahyba e as do Itapecurú. Do lado do Piahy, porém, ha dous tributarios importantes o Gurgueia e o Canindé. Como estes interceptam o curso de todas as aguas que tomam sua origem ao pé da serra, que limita para o leste o valle do Parnahyba, desaparece tambem neste lado a quantidade de tributarios pequenos, que se nota mais acima. Em toda esta parte varia a velocidade da correnteza entre 0^m, 8 e 1^m, 6 por segundo, e só nas cachoeiras excede ella a este maximo, sem se tornar um obstaculo á navegação a vapor.

Como se trata principalmente nesta secção do rio dos obstaculos, que se oppõem á livre navegação, subdividirei a mesma, a fim de poder melhor indiear os lugares, onde elles se acham.

A, da barra do Parnahybinha (L 9° 17' S ; Lg. 2° 41' O.) em 153km de distancia, até a

do Taquaraçu no Piauíhy (L. 9° 9' S ; Lg. 2° 40' O.) em 170km de distancia, existem algumas corôas, que tornam o canal estreito e tortuoso, além disso é obstruido em alguns lugares por páos, e tem em um lugar só 0,™6 de profundidade, em geral, porém, 1,™3 a 1,™7. O rio recebe do lado do Piauíhy : o Mclosa, Arêa, Extrema e Bonito ; do lado do Maranhão : o Caitetés e o Cavallos ; neste lado acha-se tambem em 168km de distancia a povoação de Nossa Senhora da Victoria. Será facil desobstruir-se o canal dos páos, e tendo o lugar raso, não só pouca extensão, mas achando-se elle tambem em terreno duro, poder-se-á tambem aprofundal-o e tornar navegavel essa parte do rio, mesmo na estação secca.

B, até a barra do Tapuya, no Piauíhy, (L. 9° 2' S ; Lg 2° 41' O.) em 185km de distancia. O canal é franco e tem em toda a parte mais de 1,™5 de profundidade. Os confluentes são do lado do Piauíhy : o Besta, e do lado do Maranhão : o Anta, S. José e Rapadura. No fim desta subdivisão acha-se na margem direita a villa de Santa Philomena.

C, até a barra do Medonha ou Duraço, no Maranhão (L. 8° 56' S ; Lg. 2° 42' 30'' O.) em

198km de distancia. Nesta parte é o canal franco, mas ha duas ou tres pedras que exigem muita cautela e existe um lugar, onde o canal é raso, não tendo mais de 0,^m8 de profundidade, que todavia pôde ser cavado. Tambem ha alguns páos no rio que podem ser tirados com facilidade. Os confluents do lado do Piauihy são: Quebra-bunda, Sumidouro, Lagedo e Cachorro; do lado do Maranhão: Prata, Galheiro e Brejo-comprido.

D, até a barra do Riachão no Piauihy (L. S.^o 48' 30'' S. ; Lg. 2^o 41' O.) em 216km de distancia. Nesta subdivisão encontra-se uma corredeira com o canal franco, que é perigosa por causa de uma pedra, que se acha encostada a margem direita, mas que pôde ser tirada sem difficuldade, e a cachoeira da Apertada-hora que tem todavia um canal franco. Além disso, ha diversas pedras isoladas no rio, que difficultam, mas não impossibilitam a navegação, porque deixar o canal livre, e podem ser removidas sem difficuldade. Os confluents são do lado do Piauihy: Melosa e Sacco-grande; do lado do Maranhão: Pedra-furada e Inhuma. Nessa subdivisão muda o rio sua direcção para o nordeste e conserva a mesma até sua foz, incli-

nando-se ora mais para o norte, ora mais para o léste.

E, até a barra do *Sucuriú* no Piauhy (L. 8.º 42' S. ; Lg. 2º 34' O.) em 249km de distancia. Nesta parte não existem perigos serios para a navegação além de um pác atravessado no canal; ha tambem umas pedras no rio, porém o canal é franco, e só em um lugar o embaraçam as arvores da beira do rio, que devem ser cortadas. Os confluentes são do lado do Piauhy : Malhadinha, Genipapo, Vargem e Pandeiro ; do lado do Maranhão : Pureza, Valle do Paraizo e Ti-boera.

F, até a barra da *Vargem-grande* no Piauhy (L. 8º 33' S. ; Lg. 2º 28' 30'' O.) na distancia de 274km. Nesta parte ha muitas pedras, e tão perigosas, que não póde passar uma embarcação sem o maior risco, portanto devem ellas ser tiradas ; tambem existe um pác no canal. Os confluentes são do lado do Piauhy : Pandeiro, Mucuri e Lages, do lado do Maranhão: Penda-ga e Desmazelo.

G, até a barra do *Riozinho* no Piauhy (L. 8º 25' S ; Lg. 2º 26' O.). Tambem esta parte, que alcança uma distancia de 292km é innave-gavel. Além da cachoeira dos Caitetés, que não

tem um canal sufficiente, ha diversas pedras isoladas, que não são muito perigosas, porém todos estes obstaculos podem ser destruidos. Os confluentes são do lado do Piauhy : Lagôa, e do lado do Maranhão : Marcellino e um riacho pequeno, cujo nome ignoro.

H, até a barra do *Babylonia* no Maranhão em 311km de distancia (L. 8° 16' S ; Lg. 2° 22' 30'' O.). Nesta parte acha-se principalmente a cachoeira do Tatú, que não dá passagem, e além disso existem ainda umas pedras e páos perigosos. Os confluentes são do lado do Piauhy: Atoleiro, Bonito, Piranhas e Paracaby ; do lado do Maranhão : Lorena.

I, até a barra do *Santa Rosa* no Piauhy em 335 km de distancia (L 8° 5' 30'' S ; Lg. 2° 18' O.). A cachoeira Se-me-apanha torna esta parte innavegavel, porque não tem canal aberto e além disso ha um lugar muito raso de 0^m,77 de profundidade, onde existem tambem algumas pedras perigosas. Todavia não é difficil a destruição das pedras tanto da cachoeira como das isoladas, e a escavação do lugar raso. Os confluentes são do lado do Piauhy : Poço e Riachopequeno ; do lado do Maranhão : Fosdem e Regalo.

J, até a barra da *Limpeza* no Maranhão em 367km de distancia (L. 7° 54' S ; Lg. 2° 16' O.). Nesta parte ha em muitos lugares pedras, porém o canal é franco com excepção da cachoeira do Jacú e de dous outros pontos, onde uma pedra e um páo obstroem o mesmo. No lado do Piauhý não ha confluentes, no lado do Maranhão : Cavallo, Santo Antonio e Farinha.

K, até a barra do *Sobradinho* no Piauhý em 391km de distancia (L. 7° 44' 30'' S ; Lg. 2° 12' 30'' O.). Algumas pedras destacadas, mas de facil extracção, tornam o rio perigoso. Os confluentes são do lado do Piauhý : Jacú e Onça; do lado do Maranhão não ha.

L, até o *Remanso grande* na distancia de 427m (L. 7° 34' S ; Lg. 2° 1' O.) que causa muito receio a todos que descem pelo rio em balsas, pois acontece que estas, sendo apanhadas pelo redemoinho, andam nelle tres e quatro dias, sem poderem sahir, até que finalmente o rio mesmo as leva para fóra. Todavia não poderá elle incommodar um vapor com marcha regular, nem outra embarcação que tiver uma espia em terra. Tambem nesta parte existem muitas pedras e alguns páos, que difficultam a navegação. Os confluentes são do lado do Piauhý : Matto-bom,

Estiva e Prata ; do lado do Maranhão : Sonhém e Santo Amaro.

M, até a barra de S. Estevão no Maranhão em 447km de distancia (L. 7° 31' 30'' S.; Lg. 1° 55' 30'' O.). Existem no rio algumas pedras, porém não perigosas para a navegação. O canal passa entre a ilha de S. Estevão e a margem piauiense, e alli impossibilita um páo, que se acha no rio, toda a navegação. Confluentes não existem nesta parte.

N, até a cachocira do Urubú em 481km de distancia (L. 7° 24' S.; Lg. 1° 38' O.). Só duas pedras obstroem o canal tendo a cachoeira mesma um canal sufficiente. Confluentes não ha fóra do Floresta, do lado do Piauihy.

O, até a ilha do Espinho em 521km de distancia (L. 7° 21' S.; Lg. 1° 23' 30'' O.). Nesta parte ha na ilha de Andrade um canal muito tortuoso e por isso difficil, além disso existe uma pedra e um páo no meio do canal. Os confluentes são do lado do Piauihy : Volta, e do lado do Maranhão : Pedra de Fogo.

P, até a barra do Urussuihy no Piauihy em 533km de distancia (L. 7° 17' 30'' S.; Lg. 1° 18' O.). Existe nesta parte só uma pedra no canal, que deve ser removida. O rio tem ad-

quirido neste lugar uma largura de 101m. Não ha confluentes.

Q, até a barra do Balsas no Maranhão em 546km de distancia (L. 7° 12' S.; Lg. 1° 14' 30'' O.). Existem no rio algumas pedras, porém sem perigo. Confluentes não ha.

R, até a cachoeira da Cannavieira em 612km de distancia (L. 6° 51' 30'' S.; Lg. 0° 51' 30'' O.). Perigos serios não existem nesta parte. Alem de alguns páos enganchados, é o canal franco em toda a parte, mesmo na cachoeira. Confluentes são do lado do Piauby : Tucuns, Macaúba, Espora, Taboleirão e Engano ; do lado do Maranhão : Curimatan e outros riachos pequenos.

S, até a cachoeira Boa-Esperança em 685km de distancia (L. 6° 44' 30'' S.; Lg. 0° 23' 30'' O.). Nesta parte ha dous remansos, sendo o do Comboieiro insignificante, enquanto o outro ao pé da fazenda do Cercado é da mesma forma temido como aquelle que mencionei sob a letra M. Alem disso ha somente alguns páos antes de chegar-se na cachoeira, que é uma das mais perigosas, e sem ser ella beneficiada não poderá passar embarcação alguma sem o maior risco. Confluentes são do lado do Piauby : Caruaúba

e Cannabrava ; do lado do Maranhão : Lages, Pinguella, Congo, Belem e Bôa Esperança.

T, até a barra do Gurgueia no Piauihy na distancia de 703km (L. 6° 49' 30'' S ; Lg. 0° 15' O.). Nesta partenão ha obstaculos, pois tanto o remanso dos Macacos como o do Surubim são sem importancia e igualmente a cachoeira da Melancia. O rio que já tinha a adquirido na barra do Balsas uma largura de 120 a 140m fica reduzido em alguns lugares a 80m e no Poço de Surubim a 40m, correndo entre dois lagedos e conservando uma profundidade consideravel. Na distancia de 696km acha-se no lado do Piauihy a povoação dos Veados, onde existe um commercio activo de peixes, que se apanham principalmente no Poço do Surubim. O unico confluyente é, no lado do Piauihy, o Prata.

U, até a cachoeira da Vargem da Cruz, em 740km de distancia (L. 6° 45' S.; Lg. 0° 1' 30'' E.). O obstaculo grande desta parte é a mencionada cachoeira, que tem um canal ; porém, a correnteza leva as embarcações com facilidade sobre umas pedras, que se acham já quasi fóra da cachoeira no lado de baixo della encostadas á margem do Maranhão e, por isso devem ser destruidas. Todavia já foi ella atravessada mais

de uma vez durante as enchentes por vapores, e com a ajuda de uma espia em terra poderiam estes passar mesmo nas aguas baixas. Na distancia de 717km acha-se do lado do Piauihy a villa da Manga. Confluentes são do lado do Piauihy : Corrente, Caldeirão e Cupim ; do lado do Maranhão : Corda.

V, até a barra do Canindé no Piauihy na distancia de 816km (L. 6° 15' 30" S.; Lg. 0° 14' E.). Nesta parte não ha mais obstaculo serio para a navegação, pois o baixo das Sete-Ilhas tem um canal sufficiente, ainda que exija cuidado para poder passar-se. Confluentes são do lado do Piauihy : Itaueira, Meio, Sant'Anna, Gamelleira e mais alguns riachos pequenos ; do lado do Maranhão alguns riachos pequenos, cujo nome ignoro. O rio chega neste ponto a uma largura de 200m.

Desta exposição vê-se que toda esta secção do rio na extensão de 646km por emquanto deve ser considerada como innavegavel, não obstante já terem subido botes até Santa Philomena, e que eu julgo possivel que suba até lá um vapor durante as enchentes sem grande perigo, se tiver bom pratico a bordo. Mas tambem não será difficil a remoção de todos os obstaculos, sendo as

obras, que se têm de emprehender para este fim mais morosas do que difficeis. Em muitos logares basta descortinar-se a matta na beirada, em outros tirar um páo, que se acha no canal ou uma pedra de dimensões modicas e nos lugares mais difficeis hão de quebrar-se por meio de alavancas e polvora algumas pedras. Tambem este serviço não é muito diffieil, visto que não se tem de trabalhar em profundidades consideraveis que tornariam necessarios appparelhos dispendiosos e um trabalho penoso. Quasi todo o serviço é a flor d'agua ou em tão pouca profundidade que o braço póde alcançar o que fôr preciso, sem se tornar necessario mergulhar. O rochedo consiste em toda a parte de pedra de arêa muito molle, menos na cachocira Vargem da Cruz, onde é um conglomerado de quartzo, que é mais diffieil de broquear-se.

E muito diffieil um orçamento exacto da despeza necessaria, porque na execução podem sobrevir tantas circumstancias, que favoreçam ou que empatem o trabalho. Todavia creio que o orçamento (annexo N.1) não será excedido se não houver circumstancias de todo excepçionaes. Se se quizer emprehender esse trabalho parece-me que seria melhor começal-o de cima e

continual-o descendo o rio. Neste caso seria sufficiente levar durante uma enchente um bote para cima, e este, que serviria de base aos trabalhos, bem como as balsas, que seriam necessarias, iriam descendo, enquanto que, começando o serviço em baixo, seria necessario procurar em toda a parte material novo para as balsas e construir estas sempre de novo, pois não é possível levá-las contra a correnteza. Seria sufficiente que se limpasse o canal do rio de tal fórma, que houvesse em toda a parte nas aguas mais baixas uma profundidade de 1,^m0 a 1,^m2 e uma largura de 15m livre de perigo.

4.º — *O curso inferior do Rio, da barra do Canindé até sua bifurcação com o Santa Rosa.*

Toda esta parte é navegada ha annos por vapores e barcas a vela, o que é a melhor prova da sua navegabilidade. Existem todavia alguns obstaculos que difficultam a navegação e que não são de facil remoção. No principio é o canal ainda fundo e encontram-se tres cachoeiras, a do Arassá na distancia de 869km, a das Panelas na de 882km, e a da Caieira na de 943km. Todas ellas têm um canal sufficiente. Embora fosse melhor sua remoção, não parece esta ur-

gente em vista do estado em que se acham outras partes do rio. Da ultima cachocira para baixo começam as corôas de arêa movediça, que são tão pouco estaveis, que em menos de uma semana o canal se muda ás vezes de um lado para o outro. As enchentes, principalmente, nivelam o leito do rio, de sorte que no fim das mesmas não existe canal algum. Acontece nessa época que o rio em um ou outro lugar não tem em toda a sua largura mais de 0,^m6 de profundidade. Só quando as aguas de baixo da pressão do vento geral, denominado alli Parnahybano, tomam outra vez um curso mais regular, se restabelece o canal. Já em 4 de setembro e 26 de outubro de 1867 (annexos N. 3 e 4) dei a respeito desta parte do rio dous pareceres mostrando as difficuldades que oppõem as numerosas corôas de arêa e a falta de um canal á navegação, indicando as causas principais e o unico remedio que se pôde empregar contra a tendencia de piorar o estado do rio. O que disse naquella occasião é ainda actualmente minha opinião, pois tendo-se derrubado em toda a parte a matta na beira do rio, ficaram as ribanceiras expostas á acção das enchentes, a que ellas não podem resistir, visto

que se compõem de um barro muito frouxo e arenoso. Isso produz o inconveniente, que de um lado o rio ganhando mais largura, e espraian-do suas aguas, se torna mais raso e perde na força da sua correnteza; do outro lado augmenta-se directamente o volume de arêa, que se acha dentro do leito do rio e difficulta desta fórma seu transporte para o mar. Para obstar a estes inconvenientes não ha outros meios senão os seguintes: resguardar as ribanceiras contra o ataque das aguas, dando-se-lhes uma inclinação conveniente e cobrindo-as de plantações apropriadas, ou onde o ataque fôr mais forte, de outras obras, como calçamento, etc, estreitar o leito do rio em tal fórma, que as aguas baixas sejam contidas em um canal de largura correspondente ao volume d'agua, empregando-se para este fim obras de fachina; e finalmente endirei-tar o curso do rio em algumas voltas apertadas por meio de canaes.

Estas obras são dispendiosas, porque hão de abranger uma extensão de muitas leguas, e além disso exigem muito tempo. Por isso não é provavel, que sejam empreendidas. No esta-do actual do rio devia ser feita a navegação por vapores mais apropriados do que são os

actuaes. Elles não deviam calar mais de 0,^m7, ter uma largura de 8 a 9m entre as caixas das rodas com o comprimento correspondente para poderem comportar machinas de 60 cavallos. Deveriam esses vapores receber a bordo só passageiros e alguma bagagem e rebocar barcas apropriadas para cargas. Desta fórma podia-se tornar a navegação regular, que até esta parte não se poude conseguir por causa dos frequentes encalhes.

Nesta parte do rio entram do lado do Piauí ainda dous confluentes importantes o Poty (L. 5° 1' 30'' S.; Lg. 0° 17' E.) em 993km, e o Longá (L. 3° 10' S.; Lg. 1° 34' E.), em 1357km de distancia. Todos os outros de um como do outro lado são riachos de pouca importancia que constam do mappa do rio. As differentes povoações, entre as quaes se contam 2 cidades e 3 villas, constam em relação a sua posição da tabella do fim do presente capitulo 1, em que incluí, para que ella fosse mais completa, tambem as situadas mais acima e já mencionadas, bem como as que se acham mais em baixo até as barras. O rio tem em toda esta secção uma largura media de 240m, em alguns lugares, porém, espraia-se elle de tal forma que a largura fica

dupla; a profundidade é muito variavel pelos motivos expostos e a velocidade é em termo medio 1m por segundo.

5.º — *As barras do rio, da bifurcação com o Santa Rosa até o Oceano Atlantico.*

Logo abaixo da ilha dos Tucuns, no lugar denominado Poções (L. 3º 2' S.; Lg. 1º 41' E.), divide-se o rio pela primeira vez e manda um braço para o lado de oeste, que toma o nome de Santa Rosa. Sendo o rio principal a divisa entre as duas provincias, corre este braço só por territorio maranhense. Chegando á costa corre algum tempo quasi parallelamente com esta, deixando entre si e o mar diversas ilhas, até que alcança o lugar denominado Tutoya com 1450km de distancia, onde faz sua barra principal em L. 2º 44' S.; Lg. 1º 13' E. As ilhas maiores são as do Paulino, do Cajú e das Canarias. O intervallo entre as duas primeiras forma a barra do Carrapato ou das Melancias, e o entre as duas ultimas a barra do Cajú. Entre estas ilhas maiores e a costa existe um verdadeiro labyrintho de ilhas e ilhotas, todas cobertas de mangue.

Do rio principal aparta-se 8km abaixo da 1.^a bifurcação um outro braço para o lado de leste, que corre por terreno piauhyense com excepção do ultimo pedaço que banha territorio cearense. (1) Elle toma o nome de Iguaraçú. Na sua margem direita achia-se a cidade da Parnahyba.

Este braço deixa entre si e o rio principal a Ilha Grande e entra no Oceano Atlantico em frente da povoação cearense da Amarração com uma extensão total de 1408km. O rio principal, finalmente, faz sua barra entre a ilha das Canarias e a Ilha-Grande em frente da povoação maranhense Canarias, situada na ilha do mesmo nome, onde elle alcança uma extensão de 1416km. A navegação deste braço principal não teria difficuldade alguma, porém, não é aproveitada, porque a barra das Canarias é pessima por causa das corôas.

Tambem no Santa Rosa não tem navegação, não obstante ser a barra da Tutoya a mais franca entre todas, porque a comunicação com a cidade da Parnahyba, que é o emporio do commercio da provincia do Piauhy é difficil

(1). E' o territorio da Amarração, que o Ceará troca com o Piauhy pelo de Crateús, dando áquelle uma pequena faixa de litoral.

por causa da distancia. Pelo mesmo motivo não são aproveitadas as barras do Carrapato e do Cajú, que além disso são muito inferiores á da Tutoya. Desta fórma resta só a barra do Iguaraçú, na Amarração, que serve de porto marítimo ao commercio da cidade da Parnahyba e de toda a provincia do Piauihy. Por este motivo é o Iguaraçú de muita importancia. Elle é muito estreito e tortuoso e além d'isso existe perto do lugar onde se aparta do rio principal um baixo denominado "Maria Pequena", que dá passagem só nas marés vivas. Tambem a barra é ruim por causa das corôas, que se formam na sua frente, de sorte que navios de maior calado devem esperar pe'la época d'aquellas marés, para poderem entrar ou sahir. Em vista destas circumstancias chamei repetidas vezes a attenção dos presidentes da provincia para este ponto, propondo a abertura de um canal, que, separando-se do rio principal no lugar S. José na Ilha Grande, devia entrar no Iguaraçú um pouco acima dos Tucuns. Nesta direcção existe uma baixa natural por onde correm as aguas das enchentes.

Pormeio de obras adequadas poder-se-hia fazer entrar a quantidade de agua, que se qui-

zesse, neste canal e desta fôrma obter-se que se profundasse o leito do Iguaçu entre a cidade de Parnaíba e a barra, e que esta ultima se melhorasse igualmente.

As despesas, que haviam de fazer-se com este canal avaliei em 40:000\$000, se se tomar por base uma largura normal de 15m e uma profundidade de 1,^m1 na secca e maré baixa. Perto da Povoação da Amarração entra uma gambôa denominada tambem Iguaçu, que a provincia do Ceará tomou por divisa, de sorte que a provincia do Piauby ficou sem porto maritimo, o que traz consigo inconvenientes muito grandes, visto que a alfandega se acha na cidade da Parnaíba, bem como a capitania do porto.

TABELLA DAS POVOAÇÕES NAS MARGENS DO PARANAHYBA

DE NOMINAÇÃO	CATEGORIA	PROVINCIA	LATITUDES.	Longitude do Rio de Janeiro	Distancias das cabeceiras em kilometros	OBSERVAÇÕES
Nossa Sra. da Victoria	Povoação	Maranhão	9°11' 0"	2°40' 0"	178	
Santa Philomena . . .	Villa . . .	Piauhy . . .	9° 2' 0"	2°11' 0"	197	
Veados	Povoação . . .	Dito	6°49'30"	0°14'30"	696	
Mangu	Villa	Dito	6°47'30"		717	
Manga	Povoação . . .	Maranhão.	6°46' 0"	0° 3'30"	718	
São Francisco	Villa	Dito		0°14' 0" E	817	
São Gonçalo	Dita	Piauhy	6°15'30"			
Queimadas	Povoação . . .	Dito	5°59'30"	0° 4' 0" E	857	
Therezina	Cidade	Dito		0° 1'00" E	984	
S. José das Cajaseiras	Povoação . . .	Maranhão.	5° 6' 0"			
Poty	Dita	Piauhy	5° 1'30"	0°17' 0" E	993	
União	Villa	Dito	4°34'30"	0°17' 0" E	1.057	
Curralinho	Povoação . . .	Maranhão.	4°16' 0"	0°11' 0" E	1.103	
Nazareth	Dita	Dito	3°57' 0"	0°27' 0" E	1.159	
Repartição	Dita	Dito	3°42' 0"	0°32'30" E	1.190	
Santa Quitéria	Dita	Dito	3°31' 0"	0°42' 0" E	1.210	
Barral do Longá	Dita	Piauhy	3°10' 0"	1°31' 0" E	1.357	
Parahyba	Cidade	Dito	2°50' 0"	1°41' 0" E	1.395	Rio Iguaraçá
Amarração	Povoação . . .	Ceará	2°52'30"	1°49'30" E	1.408	Dito
Canarias	Dita	Maranhão.	2°49'30"	1°38' 0" E	1.412	Rio principal
Engetado	Dita	Dito	2°56' 0"	1°35' 0" E	1.395	Rio Santa Rosa
Carnahubeiras	Dita	Dito	2°54'30"	1°36'30" E	1.406	Dito

II. - OS CONFLUENTES DO PARNAHYBA.

Todos os afluentes do Parnaíba podem ser classificados em tres categorias, conforme sua importancia. A 1.^a abrange os maiores, que nascem todos ao pé da serra da Tabatinga ou da sua continuação. Elles são do lado do Piauí : o Urussuhyzinho, Gurgucia, Canindé, Poty e Longá ; do lado do Maranhão : o Boi-Pintado, Parnaibinha, Medonha e Balsas. O mais importante entre todos estes rios é no lado do Piauí : o Gurgucia que nasce em L. 10° 10' S. ; e Lg. 1° 28' O. e em cuja margem se acham as villas de Jeromenha (L. 7° 4' S ; Lg. 0° 20' O.) e Bom Jesus (L. 9° 6' S ; Lg. 0° 57' O.). Elle tem muitos tributarios, dos quaes o mais importante é o Parahim que atravessa a lagôa, a cuja margem se acha a villa de Paranaguá (L. 10° 14' S. ; Lg. 1° 3' O.). No lado do Maranhão é o maior o Balsas, mas o mais importante o Parnaibinha, que tem o Riozinho por tributario. Da beira deste Riozinho exportam-se em proporção muitos legumes e toucinho em balsas, que descem até S. Gonçalo, enquanto o Balsas ainda é quasi despovoado. Todos estes afluentes

não admittem navegação regular ; em parte são obstruidos por cachoeiras e em parte são demasiadamente tortuosos. Além disso, têm, com excepção do Parnahybinha, na estação secca tão pouca agua, que seu curso fica totalmente cortado ou ao menos tão raso, que nem canôas pôdem passar. Nas enchentes, porém, torna-se a velocidade extraordinaria e se ella não impossibilita, ao menos difficulta a navegação de tal fórma que o resultado é o mesmo para a pratica. Por isso sou de opinião, que todos elles são innavegaveis, ainda que um vapor possa subilos durante as enchentes em viagem de experiencia, o que ainda não constitue navegabilidade.

Os confluentes de 2.^a categoria nascem em mais ou menos distancia da serra principal e são menores do que os da 1.^a, mas têm quasi todos um leito profundo e conduzem muita agua, de sorte que canôas pôdem navegar mesmo na estação secca. Por causa da sua pouca largura e tortuosidade não admittem embarcações maiores. Pertencem a esta categoria do lado do Piaulhy : o Taquaraçú, Riachão, Sucuriú, Riozinho e Urussulhy ; do lado do Maranhão : Pedra funda, Pureza, Marcellino, Babylonia e Limpeza.

O numero dos confluentes da 3.^a categoria,

que comprehende os riachos propriamente ditos, é muito grande. Seus nomes e sua distribuição já foram mencionados na descripção do rio principal, e tambem constam do mappa do rio.

III. - CONSIDERAÇÕES GERAES.

A provincia do Piauhy occupa a maior parte do valle do Parnahyba, que se acha separado, como já disse acima, dos grandes valles do S. Francisco e do Tocantins pela chapada alta (plateau) do centro do Brasil, que tem uma extensão muito grande, e talvez em parte nenhuma menos de 60km de largura. Em muitos lugares acaba essa chapada por despenhadeiros e fórma serras que tomam nos differentes lugares denominações locaes, como Serra Geral, Tabatinga, dos Tres Irmãos, Ibiapaba, Serra Grande etc. Em outros lugares confunde-se com as chapadas baixas por declives mais ou menos suaves. O valle mesmo é dividido pelo Parnahyba em duas partes desiguaes, sendo a de oeste, que pertence á provincia do Maranhão, muito estreita, ao menos da barra do Balsas para baixo por causa da proximidade das vertentes que separam as aguas do Itapecurú das

do Parnahyba, e que em muitos lugares distam delle menos de 30km.

A outra parte do valle, que demora ao lado léste do rio, é muito mais larga, e dão-se-lhe em alguns lugares 400km de largura, o que eu mesmo não pude verificar.

E' esta que forma a provincia do Piauhy, cujo territorio portanto é muito extenso pelo comprimento em comparação com a sua largura. O caracter geologico da parte do valle do Parnahyba, que tive occasião de percorrer, corresponde, como me parece, em toda a parte á formação da "pedra de arêa vermelha superior" (*bunter sandstein, upper new red sandstone and red marle, "nouveau grés rouge"*), que é a parte inferior da formação triasica. E' naturalmente muito difficil fazer-se estudos geologicos em terrenos onde não ha obras artificiaes de qualidade alguma, que permittam ao olhar penetrar nas profundidades da terra, e onde tudo ha de limitar-se ao estudo dos rochedos que se acham á vista. Ainda maior torna-se a difficuldade, se se têm de considerar taes estudos como um fim muito subordinado, com que não se pode gastar muito tempo, que já é assás absorvido pelo fim principal, não se podendo desta fórma

fazer mais do que colligir o que se apresenta espontaneamente. Por isso devia limitar-me a observar os caracteres principaes que as differentes serras apresentam, e felizmente são quasi todas talhadas a pique, de sorte que a vegetação não esconde suas canadas. Assim, vê-se logo que todas as serras isoladas, que demoram entre a serra principal e a margem do rio, repetem em ponto pequeno o caracter da serra principal. Todas formam em cima planicies mais ou menos extensas e nos lados despenhadeiros a pique a cuja estratificação corresponde perfeitamente á da serra principal.

Reconhece-se desta fórma com toda a evidencia que ellas são partes da chapada alta, denominada Serra da Tabatinga, separadas desta pela acção das aguas anti-diluvianas. Por entre ellas estendem-se chapadas muito mais baixas, cujo terreno é formado dos materiaes produzidos pela decomposição e destruição mechanica dos rochedos daquellas serras, e niveladas pela acção das aguas, devendo-se tambem attribuir a esta que o cimento argiloso, que unia nos rochedos os grãos de quartzo para formar a "pedra de arêa", e que era mais soluvel, desappareceu, ficando só uma arêa muito fina

de quartzo. Ainda actualmente se observa em ponto pequeno esta acção da agua no leito do Parnahybinha, cujas ribanceiras são formadas de um barro vermelho muito arenoso, evidentemente o resultado da decomposição daquelles rochedos, enquanto as corôas, que obstroem em muitos lugares o rio, consistem de arêa de quartzo pura e muito fina, que se achava no barro, quando este cahiu no rio na occasião de serem atacadas as ribanceiras pelas enchentes. Estas corôas acham-se continuamente em movimento, pois são desmanchadas no lado de cima, e formadas de novo no lado de baixo, até que chegam finalmente ao mar.

A força das aguas parece sufficiente para explicar todos os phenomenos de transformação, que se encontram alli, mesmo das camadas de seixos quasi só de quartzo, que se acham em alguns lugares, sem que fosse necessario para sua explicação recorrer aos phenomenos do "drift", porque se encontram no valle mesmo do Parnahyba, principalmente nas proximidades da villa do Paranaguá, conglomerados de quartzo, cujo cimento é argiloso, e portanto pouco resistente á acção da atmospherá e da agua.

As serras mesmas consistem em geral de uma "pedra de arêa vermelha" com o cimento argiloso e de pouca resistencia, que em muitas partes pôde ser considerada como "argila schistosa" (*schiefer-thon*), mas em outras adquire bastante dureza. Camadas subordinadas de argila de diferentes côres (tabatinga) apparecem aqui e acolá, e sendo a côr vermelha, que predomina, proveniente do hydrato de peroxydo de ferro, apparece tambem este ás vezes puro (tauá). Tambem se encontram em alguns lugares camadas de pedra calcaria, porém eu mesmo não tive occasião de examinal-as, porque ficavam muito longe do meu caminho e em certo lugar denominado Serra dos Caracões, não muito distante das cabeceiras do Urussuhy no S. Felix, encontrei alguns fragmentos de porphyro, sem poder encontrar rochedos desse material, que sem duvida se devem achar por alli, visto que as pedras não mostravam signaes de serem transportadas de longe, não tendo os cantos arrombados. Todas aquellas serras são impregnadas de sal (chlorureto de sodio) que em muitos lugares aflora e é aproveitado de uma maneira muito rustica pelos habitantes. Sem duvida poder-se-iam tirar maiores vantagens por uma exploração mais

racional em terras para onde o transporte de sal é difficilimo. De petrefactos não pude achar senão um fragmento de calamites, planta propria, ainda que não característica da formação indicada.

O caracter geral da vegetação já expuz mais em cima, bem como no meu relatorio ácerca do estabelecimento de uma colonia agricola (annexo n. 2) e d'elle resulta, que toda a parte da provincia que percorri é sómente propria para a criação. Ella tem terrenos sufficientes, que se prestam á agricultura para poder produzir os mantimentos necessarios para uma população muito mais crescida, do que possui actualmente, mas de fórma alguma póde ser considerada como uma provincia agricola.

Por isso seria um erro grave no sentido da economia politica, se se quizesse perder de vista esta circumstancia e favorecer a lavoura em prejuizo da criação. De certo não se deve abandonar a lavoura, nem tão pouco oneral-a em favor da criação, o que seria uma medida extrema tão prejudicial como a primeira. Mas, parece-me que devia ser o objecto principal para uma administração esclarecida arrancar a criação do estado rotineiro em que ella se acha e baseal-a

sobre principios racionais, desenvolvendo ao mesmo tempo as industrias, que se ligam immediatamente a ella.

Não se pôde negar, que a tarefa é ardua e talvez inexequivel enquanto o povo mesmo não sentir sua necessidade. Por isso devia-se promover pela palavra e principalmente pela evidencia dos factos o reconhecimento das faltas e dos erros do systema actual e dest'arte provocar o desejo de melhoramentos. Infelizmente para a provincia ainda não se tem feito cousa alguma neste sentido ; ao contrario, tem-se considerado a criação como uma mina inexgotavel para as rendas da provincia, onerando-a não só demasiadamente, mas tambem (o que é ainda peor) de uma maneira toda desigual e portanto prejudicial, que recae principalmente sobre os criadores menos abastados em favor dos mais ricos. Isto matou completamente a criação pequena, sem que ao menos os cofres publicos fossem indemnizados pelo augmento da criação grande.

O que acabo de dizer é um facto geralmente conhecido e proveniente da forma do imposto, que é a do "dizimo". A importancia da produçãõ de cada criador é avaliada pelo

collector do respectivo municipio e esta avaliação serve de base á cobrança de impostos pelos dizimeiros, que o arrematam em hasta publica, tendo um prazo de 2 annos, contado da data da arrematação ou de pouco mais de 1 anno contado da epoca da cobrança, para pagarem ao thesouro provincial a importancia da sua arrematação, pela qual passam letras.

Este systema tem seus defeitos muito grandes, pois é impossivel que os collectores tenham dados sufficientes para uma avaliação exacta-visto a extensão dos municipios e por isso apparecem todos os dias reclamações de pessoas, que foram lançadas no dizimo, sem que ellas possuíssem uma fazenda de criação e, complicando-se por causa da arrematação os interesses da fazenda publica com os dos particulares, torna-se ainda mais difficil uma decisão justicira em todos os casos. Por esta razão ha um prazo improrogavel dentro do qual deve ser feita a reclamação, mas muitos criadores, principalmente os pequenos, não têm conhecimento do lançamento, senão quando esse prazo está ha muito expirado, isto é, quando o dizimeiro se apresenta para cobrar o imposto.

Deste modo dá o systema em vigor causa a erros involuntarios ; piores, porém, são aquelles que se commettem reflectidamente, sem que as autoridades superiores possam obstal-os, pois os collectores são quasi sempre pessoas necessitadas, que se sujeitam ao emprego para ganharem os meios para sua subsistencia. Quem conhecer a vida no interior dos nossos sertões sabe tambem que as pessoas abastadas exercem alli grande influencia e que um homem pobre, que se achar por ventura intrigado com ellas, não pode viver alli. Assim se vê o collector quasi obrigado a procurar suas boas disposições, o que não deixará de influir no lançamento para o dizimo. De outro lado, não quer elle, cujo ganho consiste pela maior parte na percentagem sobre o dizimo, perder tudo que sacrificou constrangidamente ás circumstancias, a que alludí, e carrega alguma cousa mais sobre o lançamento das pessoas que não predominam no seu municipio. Acrescem mais as disposições de amizade ou inimizade entre o collector e os lançados, e ainda mais as entre estes e as pessoas, que podem exercer qualquer pressão sobre o primeiro. Mais de una vez se tem visto, que, cubiçando uma pessoa de influencia

as terras de um pobre, que não quiz cedel-as, faz lançal-o no dizimo com urna importancia muito superior a que lhe competia pagar. A consequencia é que elle não podendo satisfazer ao imposto agglomerando-se este por alguns annos, decreta-se-lhe finalmente a execução judicial e é levada sua propriedade á hasta publica, onde aquella pessoa a arremata por pouco mais de nada. E' verdade que ao lançado assiste o direito de reclamar, mas este torna-se ficticio quando elle, morando 30 ou 40 leguas da séde da collectoria, não tem em tempo competente conhecimento do lançamento, ou, se o tiver e reclamar, é sua reclamação desattendida pe'lo collecter, e elle deve recorrer ao Thesouro da provincia da capital, o que se torna inexecutable para um homem pobre, que mora talvez cem leguas distante della. Dest'arte mostra a experiencia que, das garantias que offerece a legislação, o criador pequeno é quasi sempre prejudicado.

Accresce mais outra circumstancia que favorece ao criador grande de uma maneira extraordinaria e que se explica melhor por um exemplo. Seja alguém que amansa em verdade 1000 bezerros. Este nunca é lançado com mais

de 500, dos quaes deve pagar o imposto de dizimo na razão de $1/15$, portanto $33 \frac{1}{3}$ bezerros. Elle aparta com seu vaqueiro na razão de $1/8$, portanto dá-lhe dos 1000 bezerros 125, mas cobra de sua vez deste o dizimo na razão de $1/10$. Elle recebe desta forma do seu vaqueiro $12 \frac{1}{2}$ bezerros, e o resultado é que em verdade paga só $20 \frac{5}{6}$ em vez de $66 \frac{2}{3}$ bezerros, como devia.

De outro lado, o criador que amansa só 30 bezerros, dos quaes devia pagar 2, é muitas vezes lançado em 10 bezerros.

Mostrando-se dest'arte o dizimo como uma forma de imposto, que se torna prejudicial para muitos contribuintes, tem elle tambem suas desvantagens para os cofres publicos. Em primeiro lugar é o lançamento defeituoso e prejudica a fazenda publica, porque é abaixo da verdade, depois tem-se mostrado que uma cobrança directa do gado é inexequivel para a administração, que devia correr o risco do transporte delle para as feiras e ficar sujeita ás fluctuações do mercado. Por isso tem-se adoptado o systema de arrematação no intuito de ter o thesouro um só devedor em cada freguezia, garantido

por outro fiador, podendo-se desta forma contar com quantias mais avultadas em epochas fixas. A experiencia, porém, tem mostrado, que as vantagens, que se esperavam desse systema, não se realizaram. A ambição e especulação fazem com que os pretendentes cheguem ás vezes na occasião da arrematação a offertas que depois lhes dão prejuizos e todos os annos se vê a administração da fazenda provincial obrigada a conceder moratorias, para não levar os devedores e seus fiadores á bancarota, ou a entrar em cobranças judiciaes, que são sempre demoradas. Além disso não pode ser fiscalizado este imposto pelas autoridades superiores, e finalmente constitue elle contra todas as regras da economia politica um imposto sobre um producto ainda illiquido, sujeito ás perdas pelas molestias e intemperies.

Pelos motivos expostos parece-me ser uma medida de urgencia o abandono de um systema de impostos, que se tem mostrado prejudicial em todos os sentidos. Mas, tirando a provincia a maior parte da sua renda deste imposto, ha de ser elle substituido por outro, que deve recahir sobre um producto já liquidado, ser

repartido com justiça e imparcialidade e admitir uma fiscalização mais facil.

Neste sentido apresenta-se logo, como um equivalente, a adopção franca da medida, que no anno passado foi tomada como palliatio contra o estado triste em que se acham as finanças da provincia, sem que se tivesse abolido o dizimo, isto é : o dizimo deve ser substituido por um imposto de consumo e exportação. Este recae sómente sobre um producto já liquido, pois não é pago senão quando o gado sae da mão do criador ; não pode ser repartido com injustiça, porque não é pago senão á vista do objecto e finalmente pode ser fiscalizado com mais facilidade visto que para o Ceará, Pernambuco, e Bahia conduzem poucas estradas por que pode ser transportado o gado e tambem para o Maranhão não pode passar o gado pelo rio em toda a parte, principalmente porque não pode ser transportado occultamente, e em todo o caso será o prejuizo por algum contrabando muito inferior ao que resulta dos lançamentos erroneos.

Livrando-se a criação das difficuldades existentes pode-se esperar vêr renascer a criação pequena, que actualmte é quasi completa-

mente supprimida pelos vexames que produzio o dizimo e de cuja falta a provincia se resente muito, que tem diminuido extraordinariamente a produção e que é justamente a criação pequena, que faz avultar a mesma e que espalha uma abastança geral, enquanto a agglomeração nas mãos de poucos individuos produz o contraste entre ricos e pobres com todos os seus males. Porém não é sufficiente remover os obstaculos existentes, é preciso tambem o desenvolvimento desta industria, baseando-a sobre principios racionais. Actualmente reina a rotina mais trivial possivel, achando-se a criação quasi entregue á revelia. Solta-se o gado, o vaqueiro olha ás vezes para elle afim de saber se ha alguma rez com bicheiras e neste caso leva-a para o curral a applicar um remedio, se elle não preferir por causa da sua preguiça e para evitar o trabalho de pegar a rez, a applicação de uma sympathia estúpida, que elles chamam "curar pelo rasto" de cuja efficacia com toda a razão se pode duvidar.

No inverno recolhem-se os bezerros ao curral, até que elles se acostumam á gente e finalmente são marcados a ferro quente. Não se tem a menor idéa de melhorar a raça do gado

pela escolha de bons marruás ; ao contrario, para este mister escolhem-se muitas vezes novilhos defeituosos, enquanto os melhores são destinados para o serviço de puxar carros, ou para serem vendidos para o consumo. Ainda não se lembrou ninguem de melhorar o gado pelo cruzamento de raças e onde se tem feito tentativas fracas neste sentido se tem procedido de uma maneira tal que não podia dar resultado favoravel. Pois, para este fim não é sufficiente soltar-se um marruá no meio de um gado numeroso e deixar correr tudo á revelia.

Devia-se adoptar um systema racional de criação e além disso estabelecer outras industrias, que podem auferir vantagens maiores, entre as quais conto principalmente a conservação da carne. Para este fim não se presta muito o methodo geralmente usado no Brasil de secar a carne ao sol depois de ser retalhada em mantas finas, e salgada. Esta carne, conhecida como "xarque ou carne do Ceará", nunca poderá achar mercado fóra do Brasil, e todavia é a necessidade da Europa tamanha, que se importam na Inglaterra todos os annos quantidades enormes de carne vinda da Australia ; portanto quatro vezes mais longe do que do

Brasil. Allí existem muitas companhias, que só se occupam com a exportação de carne em conserva e uma dellas, que tem seu deposito no "Saltwater river", perto de Melbourne, remette todas as semanas 40 toneladas ou 2160 arrobas para a Inglaterra, o que dá por anno 112,320 arrobas.

Mas, não sendo bastante simples os methodos allí empregados, tem-se procurado ainda outros e o Dr. Gamgee fez no anno passado uma descoberta, que já é posta em execução em escala grande no açougue de Gamgee, no mercado de Columbia em Londres, onde se preparam todos os dias quantidades grandes de carne por seu systema. Este é muito simples e, ainda que todo chunico, pode ser experimentado com tanta facilidade, que não posso deixar de esboçal-o aqui com poucas palavras: A cabeça da rez é mettida em uma especie de carapuça, que communica com um deposito cheio de oxydo de carbono, que é um gaz que se obtem pela combustão de carvão de madeira. A rez, respira dest'arte durante alguns segundos o gaz, perde os sentidos e cae. Neste estado mata-se. Depois de esfolada e esquartejada, mettem-se os pedaços em um caixão de cimento, que pode ser fechado

hermeticamente e em que se acha um receptaculo meio cheio de carvão embebido de acido sulfuroso, cuja tampa pode ser aberta por meio de um arame, que passa pela tampa do caixão grande de tal forma que não possa penetrar o ar atmosphérico. Depois de fechado o caixão põe-se em movimento um ventilador, que communica com elle e com um fogão coberto a modo de um forno de assar pão e que de sua vez communica tambem com o caixão, passando o tubo, que estabelece esta communicação por um deposito de agua fria (1).

O resultado é que o ventilador tira do caixão o ar atmosphérico, que contem, faz passar o mesmo pelo fogão, onde ha carvão em braza, e onde é transformado em oxydo de carbono, que substitue depois de esfriado o ar atmosphérico do caixão. Este resultado obtem-se em poucos minutos, e reconhece-se que todo o oxygenio do ar atmosphérico é transformado em oxydo de carbono quando se apaga o fogão.

Então, fecham-se os tubos de communicação entre o caixão e o fogão ventilador, e abre-se a tampa do receptaculo cheio de carvão

(1) E' curioso ter-se conhecimento deste processo primitivo na epoca do frigorifico...

embebido de acido sulfuroso, que começa desde logo a despregar-se e fazer sua acção sobre a carne. Quando o acido tiver penetrado toda a carne, o que depende da grossura dos pedaços, sendo preciso uma semana para um carneiro inteiro, duas para um quarto de boi, abre-se o caixão e retira-se a carne, que pode ser guardada em qualquer lugar enxuto por muito tempo sem deteriorar-se e que conserva todo o aspecto e todas as qualidades da carne fresca, de modo que a carne preparada deste modo, depois de cozida, assada, guizada ou aranjada de qualquer outro modo, parece ter sahido naquelle mesmo dia do açougue sem conservar as qualidades nocivas do acido sulfuroso, que se evapora completamente. Carne preparada deste modo foi levada da Inglaterra para a America e, depois de ter voltado para Inglaterra, mostrou-se ainda perfeita.

A despeza que é necessaria, para montar-se um estabelecimento para este fim é insignificante porque se reduz a compra dos caixões e do ventilador, para que pode servir um simples folle e o custeio é ainda menos dispendioso porque se reduz a carvão de madeira e algum acido sulfurico para a preparação do acido sulfuroso. As van-

tagens porém são muito grandes, permitindo aproveitar-se o gado na época em que tiver adquirido a maior gordura e o melhor sabor sem expô-lo aos riscos do transporte, que principalmente para o gado criado em pastos de "mimoso" são tanto mais de receiar como este é muito sujeito ao "mal triste" que em poucos dias pode acabar com boiadas inteiras. Além de outras vantagens, que traria consigo esta industria, seria possível obter-se carne boa na estação secca, em que ella costuma ser pessima.

Tambem merece ser tomada em consideração a exploração do leite. E' verdade que têm falhado até esta parte as experiencias de fabricar com vantagem manteiga em paizes quentes, mas elle pode ser aproveitado para o fabrico de queijo, desenvolvendo-se o principio desta industria, que já existe, e ainda melhor seria a introdução da fabricação de leite condensado, que pode ser conservado por mais de um anno com o gosto e todas as qualidades de leite fresco.

Para esta industria não são necessarios apparelhos dispendiosos, nem conhecimentos especiaes, e só cuidado e limpeza. Considerando-se, porém, como é apreciado o leite e como é dif-

ficil obter-o fóra da estação chuvosa, pode-se avaliar a utilidade de uma tal empresa.

Tambem merece ser desenvolvida a criação de gado lanigero, para cujo fim existem terrenos excellentes nas ribeiras do Gurgucia, Parahim e Urussubyzinbo, onde ha os campos denominados "malbadas". A criação, que existe é insignificante e tratada sem o menor cuidado, por isso acontece o que em toda a parte nestas circumstancias tem lugar, que a lã não sendo cortada em tempo, cae espontaneamente e é substituida por cabellos. Por este motivo apparecem alli todos os carneiros cabelludos, emquanto elles nascem cobertos de lã. É' verdade que a raça existente não tem a lã muito fina, mas, se existisse uma criação mais desenvolvida, poder-se-ia melhoral-a em poucos annos pelo cruzamento com outra raça, sendo o gado ovelhum o mais susceptivel de melhoramentos. Mas seria preciso mais algum cuidado do que soltar os carneiros nos campos e deixar entregue tudo o mais á natureza.

Se desta forma a criação deixa muito que desejar, não se acha a lavoura melhor desenvolvida e ainda não pode desligar-se da rotina antiga. Ainda se cinge á derruba e queima das

mattas, plantação no terreno bruto descoberto pelo fogo, quando muito a capinar a roça.

A provincia tem terras sufficientes de bôa e até da melhor qualidade possível para poder sustentar um numero de habitantes muito mais crescido do que existe, mas as plantações são tão limitadas que se importam da provincia do Maranhão muitos mantimentos, e raro é o anno em que não apparece em um ou outro ponto da provincia carencia de viveres e mesmo fome.

Examinando-se as causas, que produzem tão lamentavel estado, não podem ellas ser achadas só no desfavor do tempo ainda que este influirá sem duvida em uma ou outra localidade, pois este podia ser neutralizado pela escolha das plantações. Existindo diversas qualidades de mandioca (a base principal da alimentação) cujas raizes duram muitos annos na terra sem deterioração, e que dão depois uma farinha muito bôa, como entre outras a "manipeba", podiam-se ter em reserva plantações destas qualidades, e a fome nunca poderia apparecer, não sendo conhecidas no Piauhý seccas repetidas por muitos annos. A causa verdadeira é outra e pode ser achada sómente na indolencia e preguiça da classe dos trabalhadores livres. A

escravatura é tão insignificante, que seu producto não pode entrar em conta. A classe dos trabalhadores livres, porém, acha na caça, na pesca, nos fructos do matto tantos meios de subsistencia que a necessidade não os obriga a trabalharem, e elles preferem ao bem-estar, que podiam obter por um trabalho regular, uma vida ociosa ainda que miseravel, mendigando, furtando e caloteando aos proprietarios, em cujas terras habitam. Que estes os tolerem, acha-se a explicação em circumstancias especiaes. As datas de terras concedidas antigamente a um individuo passaram por heranças, compras e outros titulos ás mãos de muitos, sem que ellas jamais fossem subdivididas, de sorte que a propriedade de terras quasi em parte nenhuma da provincia consiste na posse exclusiva de um certo e determinado terreno, mas no direito a uma parte maior ou menor de uma certa data, que em geral tem uma area superficial de 3 leguas quadradas. Cada um dos co-proprietarios de uma tal data julga-se com o direito de poder admittir quantos aggregados quizer e a ambição de querer apresentar-se em dias de eleição com um numero crescido de votantes, faz com que muitos abusem deste direito e sob a protecção de

um delles se estabelece ás vezes uma multidão de pessoas como aggregados nas terras, que pertencem a muitos. Se elles apresentassem uma população laboriosa e industriosa, seria isso uma vantagem, mas em vez de trabalharem, arruinam elles as terras, derrubando e queimando as matas para fazerem uma rocinha, que ao depois não plantam por causa da sua demasiada preguiça, prejudicam a pescaria matando os peixes principalmente os novos, de veneno como tinguí &c, e destróem a pouca caça, que ainda existe, sem que prestem o menor serviço em compensação desses prejuizos.

A queixa sobre estes inconvenientes é geral, mas ninguém procura um paradeiro ao mal, esperando tudo da iniciativa do governo, onde a acção deste não pode ser senão indirecta.

A raiz do mal pode ser arrancada só pelo procedimento uniforme de todos os proprietarios das terras, que não deviam tolerar aggregados, que não se empregassem em verdade na lavoura ou industria. Este procedimento uniforme, porém, não terá lugar, se elles não forem directamente constrangidos a elle. Estabeleça-se um imposto de dez mil reis sobre cada aggregado e filho adulto d'elle, a cujo pagamento deve

ser obrigado o proprietario das terras, em que habita ou sob cuja protecção elle se acha em terras de propriedade communa de diversos e dê-se aos proprietarios das terras a faculdade de cobrar o imposto de sua vez dos aggregados, quer em dinheiro, quer em serviços prestados, e bem depressa acharão os mesmos proprietarios meios para obrigar seus aggregados a trabalhar. Tambem seria uma medida desta ordem um meio indirecto para obrigar os proprietarios a dividirem suas terras, e finalmente alcançar-se-ia a vantagem, que se pudesse abolir o dizimo de miunças, que pesa actualmente sobre a lavoura, como o de criação sobre esta, e talvez se conseguisse abolir ou ao menos diminuir os impostos provinciaes sobre a exportação.

Outro obstaculo ao desenvolvimento da lavoura é a falta absoluta de estradas. Em toda a provincia não existe um só caminho em que se tivesse feito um beneficio maior de que roçar os ramos e galhos das arvores, isso mesmo somente se tem feito pela necessidade para fins particulares, como o da criação. Fóra disso são feitas todas as estradas pelo casco dos animais e portanto só são boas nas paragens onde

o proprio terreno offerece transito facil. Mas onde ha barrocas, onde se deve atravessar um riacho ou onde existe qualquer outro obstaculo, se encontram todas as difficuldades primitivas. Na estação chuvosa tornam-se naturalmente taes estradas intransitaveis nos lugares que formam atoleiros ou onde os rios e riachos deixam de ser vadeaveis.

Portanto, se se quizer desenvolver a agricultura, deve-se libertal-a dos obstaculos, que a opprimem, ganhando-se para ella braços pelos meios indicados ou outros ainda mais efficazes, abolindo-se o dizimo de miunças e melhorando-se as vias de communicações, cuja arteria principal é o Parnaityba, para onde devem convergir todas as outras.

E' indispensavel abrir-se uma estrada bôa com as pontes necessarias, que, partindo de S. Gonçalo, passe em Oeiras, e, dividindo-se em dous braços, siga de um lado para Jaicós e Picos, e do outro lado para S. Raymundo Nonnato ; uma outra, que partindo de Manga ou Veados vá por Jeromenha, e Bom Jesus para Paranguá.

Depois de se terem removido deste modo os obstaculos existentes, poder-se-á dar um im-

pulso forte á lavoura, promovendo-se o augmento na producção dos generos, que já se cultivam e entre estes além dos legumes, principalmente o algodão, e introduzindo-se a cultura de outros como o café.

Animando-se dest'arte a criação em primeiro lugar e depois a lavoura, pode-se esperar que a provincia saia do estado de marasmo, em que jaz, e que se revela em toda a parte. As villas antigas de Jeromenha e Paranaguá estabelecidas em 1762, que portanto têm mais de um seculo de existencia, em vez de se acharem em estado florescente, mostram só vestigios de decadencia. Ao viajante apresentam-se em toda a parte casas arruinadas e até completamente cahidas sem que se cuidasse de levantá-las de novo.

Jeromenha pode ainda ter umas 80 casas com 500 almas e alli se encontram ao menos algumas casas de negocio, embora insignificantes ; mas em Paranaguá não existem talvez 50 casas com 300 almas, aquellas são casebres, com excepção de 3 edificios bons, e estes são pobrissimos. Alli não ha commercio algum, nem mantimentos, nem fazendas se encontram. Todavia vê-se que Paranaguá já viu tempos melhores e

a lagôa extensa (15km comprida e 5km larga) a cuja margem se acha a villa, e as terras frescas, abundam a seu redor, podiam ser elementos de prosperidade, enquanto actualmente não se encontra alli de venda, nem peixe, nem carne, nem legume algum.

Convem talvez dizer aqui algumas palavras a respeito da lagôa. Ella é atravessada pelo Parahim, que lhe serve de sangrador e depois se une ao Gurgueia. Logo abaixo do lugar onde elle sae da lagôa recebe como confluyente o Rio-fundo, que tem um leito todo arenoso e conduz só as aguas das enxurradas da estação chuvosa, sendo secco em todo o mais tempo. Durante a epoca, em que se acha com aguas, corre com muita velocidade e transporta uma quantidade enorme de arêa, que se deposita no Parahim e alteia o leito deste de tal forma que não acha sahida toda a agua, que entra na margem opposta na lagôa. A consequencia é que a lagôa ganha todos os annos mais terreno. Dizem, que antigamente se achava uma vargem, onde actualmente se encontra a lagôa. Isso não parece ser exaggeração, pois é certo que a lagôa cresce todos os annos, e provavelmente continuará a crescer enquanto o Rio-fundo não tiver restabe-

lecido uma communicação com ella, o que aliás acontecerá talvez em poucos annos, visto que elle já mudou ha alguns annos seu leito sempre mais para o lado da lagôa, da qual dista em um ponto tão pouco que seria facilimo, estabelecer-se a communicação. Feito isso, não será mais obstruido o sangrador, as aguas, hão de caval-o mais profundo, e acharão então uma sahida mais franca. As arêas depositadas neste caso na propria lagôa e a abertura maior do sangrador influirão depois para tornar-se esta menos extensa.

Quanto aos phenomenos que deram origem á fama de ser a lagôa encantada, são miragens no ar, que se mostram frequentemente em paragens, onde se podem formar na atmosphera camadas de ar de differente densidade. A lagôa é extensa e rodeada de todos os lados de morros de sorte que em dias de calmaria não existe o menor movimento na atmosphera e o ar fica parado.

Sobre a lagôa, que reflecte os raios do sol, esquentá-se extraordinariamente o ar e principalmente as camadas inferiores tornam-se muito dilatadas, e por isso menos densas do que as camadas superiores e aquellas, que se acham

sobre a terra coberta de vegetação. Todas as vezes, porém, que os raios da luz passam de um meio para um outro de densidade differente, são refractados, e até reflectidos. É' justamente o que acontece na lagôa como em outros lugares, por exemplo entre a costa do norte da Africa e a Sicilia, nos desertos arenosos da Africa e Asia, onde este phenomeno é conhecido debaixo do nome de *Fata Morgana*. Explica-se deste modo facilmente, que se tem visto a lagôa e a villa longe do seu lugar no meio de uma chapada, ou em outras occasiões a lagôa no lugar da villa, ou esta na lagôa. A propensão do povo para o milagroso e a falta de conhecimentos para poder achar uma explicação satisfactoria do phenomeno fizeram pol-o em relação com uma tradição antiga, que se refere a um infanticidio, e faz vagar pela lagôa a criança assassinada na forma de um velho com barbas brancas e assentado em uma vasilha de ouro.

Já estava cahida em esquecimento essa tradição, que uma vez tinha produzido tanto medo que grande parte da população se retirou da villa, quando ella reviveu no animo do povo e causou um susto extraordinario por um facto

que se deu em 1854, e que me seja licito relatar em poucas palavras.

João de tal, conhecido como homem serio incapaz de mentir, foi tomar um banho na lagôa pelas 2 horas da tarde de um dia, em que o sol abrasador e a falta de toda a viração tornava o calor insupportavel. Escolheu um lugar onde uma gamelleira frondosa ofrecia uma sombra densa na margem e assentou-se onde a agua mal lhe chegou até o peito. Como logo começou a deitar agua na cabeça, abaixou esta e não viu o que estava adiante de si. Tanto maior foi o susto, quando erguendo a cabeça viu em sua frente um homem assentado como elle na agua, com os cabellos e barbas brancas, que o olhava.

Levantou-se e correu para a villa sem se lembrar que estava sem roupa alguma, pois lhe veiu á mente aquella tradição antiga, a que já alludi, e embora não visse senão a miragem de si mesmo como em um espelho, deu sua phantasia a esta todos os traços que a lenda exige e isso com tanto mais facilidade como a miragem naturalmente se mostrava pallida e esbranquecida.

Neste caso vê-se evidentemente que a differença na densidade do ar sobre a lagôa, onde batiam os raios do sol, e na sombra da gamelleira produzia o phenomeno, mas ao povo que não sabia explical-o devia parecer milagroso.

Voltemos, porém, ao assumpto.

Mostrei que as villas antigas Jeromenha e Paranaguá não possuem actualmente elementos de prosperidade; em condições piores, porém, acham-se as villas modernas de Manga, Bom Jesus e Santa Philomena.

Manga situada na margem do Parnahyba pouco abaixo da barra do Gurgueia foi erigida em freguezia pela resolução da Assembléa Provincial n. 502 de 7 de agosto de 1860, e em villa pela dita n. 586 de 25 de agosto de 1865. Ella compõe-se de 30 casas entre as quaes ha 5 cobertas de telha, sendo as outras palhoças, com 150 habitantes. Todo o commercio concentra-se em uma quitanda, que é uma especie de loja e venda ao mesmo tempo.

Actualmente não tem recursos para poder prosperar, e é tambem duvidoso se prosperará no futuro, pois, se se estende a navegação no Parnahyba de S. Gonçalo para cima, será tão

facil chegar-se na povoação Veados como na Manga e nessa povoação já existe um commercio activo de peixe, que se pesca em grande quantidade nas suas proximidades, no Parnabyba, durante a estação secca.

Falando dos veados, devo mencionar um phenomeno, que se dá alli todos os annos e de cuja veracidade não tenho motivos de duvidar, porque me é referido por pessoas fidedignas.

Não muito distante dessa povoação acha-se um morro, onde se diz que todos os annos, quando as aguas do rio começam a baixar, se faz ouvir um estrondo muito forte, e logo depois apparecem as aguas do rio turvas. Parece que a pedra de arêa, que compõe todo esse terreno, contém muitas cavernas (o que é confirmado por outras experiencias) e que essas cavernas provavelmente se estendem até debaixo d'aquelle morro. Durante a estação chuvosa enchem-se estas de agua, que penetra até lá por meio das fendas das pedras, sendo a communicação com o rio cortada por barro e arêa, que se depositam nas cavernas mais proximas a este. Quando depois as aguas baixam e aquellas que

se acham nas cavernas ficam superiores ao nível do rio, rompem o obstaculo, produzindo deste modo o estrondo e entram carregados de lama no rio turvando suas aguas.

A villa de Bom Jesus do Gurgueia, situada na margem esquerda deste rio, foi erigida em freguezia pela resolução da Assembléa Provincial n. 88 de 22 de setembro de 1839: e em villa pela dita n. 897 de 16 de setembro de 1855, e compõe-se quasi toda de palhoças, pois as poucas casas cobertas de telha, que se construíram alli, já estão arruinadas; a mesma casa da camara municipal, que foi comprada ha poucos annos pelo Thesouro da provincia, está completamente arruinada, não tendo uma sala decente para as sessões da camara e do jury, que se effectuam em uma especie de corredor, cuja janella é representada por um buraco grande na parede da frente do edificio. A igreja ainda não está acabada, mas já ameaça ruina, que é por ora demorada por ter-se escorado o edificio de todos os lados. O interior della acha-se no estado o mais indecente possível e contrasta neste sentido extraordinariamente com as da Manga, e de Paranaguá, onde o respectivo vigario, na pri-

meira, e o Dr. José Mariano Lustosa do Amaral, na ultima, tratam dellas com sacrificios pessoas para conserval-as decentes, embora simples.

Santa Philomena, situada na margem do Parnahyba, foi erigida em freguezia pela resolução da Assembléa Provincial n. 413 de 8 de janeiro de 1856 e em villa pela dita n. 586 de 25 de agosto de 1865, porém ainda não pode ser posta em execução esta ultima resolução, porque não ha numero sufficiente de pessoas qualificadas para os cargos de vereadores e jurados. Ella consiste sómente das casas habitadas pelo coronel Lustosa e sua familia, pelo vigario e pelo professor de primeiras letras e finalmente de uma capella pequena e de meia duzia de palhoças. Todo o lugar não tem importancia alguma e só poderá obtel-a, quando as terras nas cabeceiras do Parnahyba forem mais povoadas ; e para isso só pode contribuir a extensão da navegação a vapor até lá.

A unica villa na provincia do Piauhy que tem prosperado é a de S. Gonçalo, cuja posição a faz entreposto do commercio dos municipios de S. Gonçalo, Oeiras, Picos, Jaicós, Manga, Jeromenha, Bom Jesus, Santa Philomena e Pa-

ranaguá. Por este motivo desenvolveu-se alli o commercio extraordinariamente em prejuizo da propria capital (1), attrahindo a si todo o commercio della, e reduzindo-a a uma mera cidade de empregados publicos. A villa da União é tambem um lugarejo sem importancia e só a cidade da Parnahyba merece ainda ser mencionada, porque seu commercio directo de importação e exportação com o estrangeiro tem augmentado consideravelmente nestes ultimos annos e, se se tivesse mudado a séde do governo para lá em vez de Therezina, quando se abandonou Oeiras como capital, teria ganho muito a provincia e podia ter um emporio grande de commercio em vez de depender completamente do mercado do Maranhão, com o qual as communicações são muito morosas.

Maranhão, 22 de abril de 1871. --- O engenheiro em commissão do ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas. — *Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt.*

(1) A antiga capital do Piauí em Oeiras.

Annexos

N. 1.

Orçamento das despesas que se hão de fazer para tornar navegavel o rio Parnahyba entre as barras do Parnahybinha e Canindé.

Toda esta parte do rio tem uma extensão de 668 kilometros, cujo estado actual se descreveu acima. Suppõe-se que se tem de estabelecer um canal livre de perigo de 15m de largura e 1,^m2 de profundidade nas aguas baixas conhecidas e que o serviço se tem de effectuar dentro de dous annos, isto é, dentro de duas estações secas de sete mezes cada uma.

N. 2

Illm. e Exm. Sr. — Por officio de 25 de julho proximo passado foi servido V. Exc. de incumbir-me dos exames necessarios nos terrenos, que demoram na confluencia dos rios *Parnahyba* e *Urussuhy*, para poder dar uma informação minuciosa sobre sua topographia, fertilidade,

propriedade para os diversos generos de cultura, facilidade de communicacão com a capital e mais circumstancias, que pudessem orientar essa presidencia na creacão de uma colonia agricola nacional.

No desempenho de uma commissão tão importante entendi que devia estender minhas indagações mais do que prescreveu estrictamente a ordem de V. Exc. afim de poder indicar uma localidade propria, se por ventura o terreno designado não se achasse apropriado para o fim que V. Exc. tem em vista.

Portanto, logo que atravesssei o *Gurgueia* e entrei no territorio denominado *Jerubões*, em que nascem o *Parnahyba* e o maior numero dos seus confluents do lado direito, prestei a maior attencão á configuracão do terreno, porque entendi, como de facto achei, que o caracter geral do terreno não variaria muito naquelle circulo, de sorte que, formando-se uma idéa geral desses terrenos quanto á sua fertilidade e propriedade para a agricultura, pudesse reconhecer-se logo, onde se deviam procurar terras proprias para uma colonia agricola. Por isso V. Exc. me permittirá, que trate em primeiro lugar do caracter geral desses terrenos e depois com especialidade

d'aquelles que encontrei proprios para o fim indicado e entre estes tambem dos da barra do *Urussuhy*.

O terreno, que acabo de indicar como objecto dos meus estudos, forma um triangulo muito extenso, cujos lados são o *Parnahyba* e o *Gurgueia*, tendo por base a *Serra da Tabatinga*. Ao pé desta nascem o *Parnahyba* e o seu confluente o *Gurgueia*, bem como um outro confluente denominado ora *Urussuhyzinho*, ora *Urussuhy*. Devo notar aqui, que mais embaixo entra um outro confluente no *Parnahyba* igualmente denominado ora *Urussuhyzinho*, ora *Urussuhy*, ora *Urussuhy de S. Felix*. Podendo haver desta forma uma confusão na denominação desses dous rios, parece-me, que deve ser sustentada a denominação de *Urussuhyzinho* para o confluente, que nasce ao pé da *Serra da Tabatinga* e a de *Urussuhy* para aquelle que nasce no lugar denominado *S. Felix* e faz barra com o *Parnahyba* pouco acima do rio das *Balsas*.

A propria *Serra da Tabatinga* é nada mais do que o despenhadeiro da chapada alta, que divide as aguas do *Parnahyba*, *Tocantins* e *S. Francisco*, e apresenta em toda esta parte um talhado a pique sem subida alguma. Ella é

inhabitavel por causa da falta absoluta de agua. Seu pé acha-se rodeado por chapadas menos elevadas, que deixam entre si baixas mais ou menos largas, e é nas cabeceiras de algumas destas baixas, que nascem o mesmo *Parnahyba*, o *Urussuhyzinho* e o *Gurgueia*, bem como muitos riachos, que desaguam nelles. Os mais importantes destes são :

O riacho da *Porteira*, de *Santa Isabel e das Lontras*, que despejam suas aguas directamente no *Parnahyba*, do lado direito ;

O riacho das *Arêas*, da *Serra*, da *Pedra furada*, do *Sacco e dos Morrinhos*, da margem esquerda do *Urussuhyzinho* ;

O riacho do *Ouro*, da *Vargem-Grande*, das *Faveiras*, do *Cascavel e da Santa Cruz*, da margem direita do *Urussuhyzinho* ;

O riacho do *Ricardo*, do *Brejinho e das Cannas*, da margem esquerda do *Gurgueia* ; e finalmente o riacho da *Matta grande*, do *Jalobá e da Prata* da margem direita do *Gurgueia*.

As chapadas, a cujo pé nascem os riachos mencionados e muitos outros inferiores cobrem quasi todo o terreno comprehendido entre o *Parnahyba* e o *Gurgueia*, e em alguma distancia

da *Serra da Tabatinga*, elevam-se ellas a uma altura consideravel com despenhadeiros a pique para o lado dos rios e formam alli serras. Desta forma correm todos aquelles rios e riachos em valles circulados por serras mais ou menos elevadas, em cujos reconcavos nascem muitos outros riachos. Os mais importantes entre estes, e que entram directamente no *Parnahyba* são o *Taquaraçú*, o *Riachão*, o *Sucuriú*, o *Riozinho* e o *Urussuhy*.

Além das serras formadas pelos despenhadeiros das chapadas existem muitas outras serras menores isoladas e serrotes, que todas apresentam o mesmo character ainda que em ponto menor. Todas ellas são cobertas de uma matta rasteira, denominada *catinga* ou *carrasco*, conforme sua natureza e de um capim agreste muito duro com excepção de una zona entre o *Gurgueia* e o *Urussuhyzinho*, onde apresentam campos limpos, cobertos de capim *panasco*, denominados *malhadas*, cujo terreno é formado de barro vermelho, enquanto as outras são mais arenosas e muitas vezes cobertas de pedregulho. Umás e outras são seccas e de pouca fertilidade, de sorte que não se prestam á lavoura e só podem ser aproveitadas para a criação. As

baixas, que deixam entre si, começam com pouca largura e alargam-se depois, sem todavia alcançar uma largura consideravel. Aquellas que entram directamente no *Parnahyba*, tornam-se perto das suas barras outra vez estreitas. No meio destas baixas correm os riachos e formam brejos cobertos de *mattas* de *alagadiço*, cuja largura naturalmente é muito variavel porém, talvez em parte nenhuma excede a 90 metros (200 braças). O espaço entre estas *mattas* e o pé das serras é quasi sempre occupado por uma chapada baixa, ficando entre o pé desta e a *matta* uma planicie estreita coberta sómente de capim *amarra-veado* que não serve de pasto aos animaes senão emquanto muito novo, que depois de grande não ha animal que o coma.

Estas planicies estreitas, mas compridas, são denominadas alli *veredas*; ellas são arenosas e não destituidas de fertilidade, mas sua cultura exige o uso do arado. Todavia são muito inferiores ás *mattas* mesmas, que formam o terreno verdadeiramente fertil e proprio para a lavoura, e o unico, que é aproveitado actualmente, empregando-se na sua exploração um systema rotineiro que ameaça as terras boas de uma ruina total dentro de um prazo pouco remoto.

Nos reconcavos ou boqueirões das serras, nos quaes nasce muitas vezes um olho d'agua, encontram-se tambem mattas bôas, cujo terreno se presta muito á agricultura, porém quasi sempre se acha separado dos alagadiços por uma chapada mais ou meuos extensa.

Finalmente é uma zona estreita na margem do Parnahyba e dos confluentes maiores, perto de suas barras, propria para *vasantes*, cuja cultura é todavia muito arriscada, porque uma cheia, um pouco maior do que de costume, destróe tudo e faz perder todo o trabalho.

As terras ferteis e proprias para a cultura dividem-se por tanto em 4 classes: *vasantes*, *boqueirões*, *brejos* e *veredas*.

Todas ellas são por sua natureza estreitas e compridas. Ellas constituem una parte relativamente muito pequena do total do territorio, cuja parte maior não serve senão para criação e para este fim mesmo não é ella muito apropriada, visto a natureza do capim, que é em toda a parte um *agreste* muito duro. De forma nenhuma podem ser consideradas as terras do Jeruboés como geralmente ferteis e proprias para a lavoura. Não receio faltar á verdade, se considero de 100 partes de todo o terreno

apenas 2 partes cultivaveis, 70 partes aproveitaveis para a criação e 28 partes sem proveito algum nas serras e nos serrotes. Esta avaliação é talvez ainda demasiadamente favoravel, sendo a parte sem prestimo algum talvez muito maior e a que se presta á lavoura, menor. Todavia como o territorio é muito extenso, tambem a quantidade absoluta dos terrenos proprios para a lavoura não é pequena e suportaria uma população sem comparação muito mais crescida, do que a que se acha actualmente alli, principalmente se ellas fossem exploradas racionalmente e não arruinadas pelo systema rotineiro, que actualmente reina.

Sendo, porém, a população muito escassa e as terras que se prestam á lavoura muito férteis, torna-se possivel que se exportem alguns mantimentos pelo Parnalyba abaixo. Assim se prestam as *vasantes* para a cultura do arroz, milho, algodão, mandioca, banana, batata etc.

Nos *boqueirões* pode-se plantar com o maior proveito : algodão, milho, feijão, mandioca e café; ao menos vi alguns cafeeiros tão viçosos, que para mim não ha duvida alguma a este respeito.

As terras nos brejos são excellentes para *canna de assucar, arroz, milho, mandioca, araruta, inhame, baunilha, banana e algodão herbáceo*; finalmente nas *veredas* podiam ser cultivadas *mandioca, mamona, anil, batatas de differentes qualidades e fructeiras*.

Este caracter geral repete-se em toda a parte e tratando-se dos differentes rios e riachos, pode ser a questão sómente do *mais* ou do *menos*, e não havendo em parte alguma na beira do Parnahyba outro terreno, senão para vasantes, que por si só não admittem um estabelecimento agricola de alguma importancia, é preciso afastarse d'elle e procurar os brejos e boqueirões. Por este motivo tambem as terras na *confluençia do Urussuhy com o Parnahyba* não são apropriadas para uma colonia agricola e como V. Exc. naturalmente quererá estabelecê-la em condições, que promettam um futuro prospero, parece-me que deve escolher um outro terreno.

Por isso creio corresponder ás vistas de V. Exc., se procurar responder á questão: *qual é o terreno mais apropriado para a colonia agricola?* devendo-se tomar em consideração que:

1.º — haja terreno sufficiente para a lavoura de 50 familias de colouos ao menos, tanto de

alagadiço como enxuto (bem entendido para uma lavoura racional).

2.º — seja a communição com a capital facil, ou ao menos não muito difficil.

3.º — sejam as terras do dominio do governo.

Collocada a questão neste terreno, pode se excluir desde já dos exames o *Parnahyba* e o *Urussuhy*, porque não satisfazem a nenhuma das 3 condições estabelecidas. Restam para serem examinados o *Urussuhy*, *Riozinho*, *Sucuriú*, *Riachão* e *Taquaraçú*.

Quanto ao *Urussuhy*, são terras na sua barra com o *Parnahyba* muito baixas, de sorte que se acham expostas ás cheias e por isso muito arriscada sua cultura. Estas terras formam uma zona muito estreita em ambos os lados do *Urussuhy* e na beira do *Parnahyba* entre duas chapadas seccas, que de forma alguma se prestam á agricultura. Só na distancia de 130 kilometros (22 a 23 leguas) da barra começa a alargar-se um pouco a zona das terras férteis e a apparecer um ou outro boqueirão de mattas enxutas. Todavia não são abundantes as terras boas e seria difficil achar-se alli um terreno, onde se pudessem accommodar 50 familias sem espalhar-as por um

terreno de 4 ou 5 leguas de extensão ou mais. A comunicação com a capital devia ter lugar pelo Parnahyba, não podendo haver no Urussuhy mesmo outra navegação senão rio abaixo em balsas ou em botes pequenos, que todavia subirão com muita difficuldade. As terras proximas á barra são do dominio do governo, ainda que occupadas por umas fazendas, começando as do dominio particular na distancia de 150 kilometros da barra. Portanto, não se acha satisfeita a 1.^a condição, querendo-se satisfazer á 2.^a e a 3.^a, ou satisfazendo-se a estas não pode satisfazer-se a 1.^a. Por isso parece-me que não devem ser escolhidas as margens do Urussuhy para o estabelecimento de uma colonia agricola, principalmente não da primeira, que ha de ter de lutar com tantas difficuldades, que não se pode esperar por um resultado feliz, se ella não for collocada nas condições mais favoraveis possiveis.

No *Riozinho* e *Sucuriú* tambem não se acham terras boas senão na distancia de 80 a 100 kilometros (12 a 15 leguas) da barra.

Dalli para cima, porém, abundam as terras boas, principalmente no *Riozinho*, pois sendo o *Sucuriú* um riacho muito menor, tambem as

terras na sua margem são menos abundantes. Por isso satisfazem á 1.^a condição e sendo, com excepção das que ficam proximas ás barras, do dominio do governo, tambem se acha satisfeita a 3.^a condição. A' 2.^a condição, porém, não correspondem bem aquellas terras, pois não sendo aquelles riachos navegaveis accresce ao transporte pelo Parnahyba um trajecto por terra bastante extenso.

No *Riachão*, porém, acham-se satisfeitas todas as 3 condições, ainda que tambem alli resta o que desejar. Ha terras boas, com sufficiencia, das tres qualidades acima expostas : de *brejos*, *boqueirões* e *veredas*, porém os boqueirões ficam distantes dos brejos, o que difficulta sua cultura. O centro dellas fica só 25 a 30 kilometros (4 a 5 leguas) distante da margem do Parnahyba, passando o caminho por um terreno chão e sem difficuldade, e finalmente são do dominio do governo. Accresce em seu favor que já se acham muitas fazendas situadas em redor, de sorte que não faltam todos os recursos necessarios para o principio ; e que a serra, que acompanha o curso do rio, contem muito sal, de sorte que tambem este genero de primeira necessidade pode ser suprido alli mesmo. Tambem será facil construir-se

alli um engenho d'agua para mover todas as machinas necessarias para a lavoura, como *moenda de canna, roda de farinha, descaroçador de algodão, descascador de arroz, debulhador de milho, despulpador de café, moinho etc.* Por isso parece-me que estas terras merecem ser escolhidas para uma colonia, senão se quizer dar preferencia ás terras na margem do *Taquaraçú* e dos seus confluents *Malteiro, Aldêa e Cocos*. Alli, em verdade, nas fazendas da *Matta e Cachoeira* se encontram terras ainda superiores, onde os terrenos enxutos são pegados aos brejos e a configuração da serra admite que se cerque um terreno muito grande por uma cerca pequena. Porém estas terras são do dominio particular, e V. Exc. verá da carta junta o preço que pede o proprietario, que todavia me parece muito alto. Além disso distam uns 50 kilometros (8 leguas) da beira do *Parnahyba* e portanto não satisfazem á 2.^a condição.

Em todos estes casos suppuz que a navegação do *Parnahyba* fosse franca, o que por enquanto não acontece, mas que pode ter lugar para o futuro, como hei de desenvolver com minuciosidade no meu relatorio acerca do rio. Porém, ainda que não se queiram tomar as providencias

que hei de aconselhar para tornar navegavel o Parnahyba até a barra do *Parnahybinha* ou ao menos até *Santa Philomena*, todos esses terrenos serão affectados quasi da mesma forma por estas difficuldades, e sempre poderia ter lugar a exportação pelo rio abaixo em balsas, e a importação, ainda que com difficuldade, no inverno, por barcas ou botes.

Sendo estas as informações, que posso fornecer á V. Exc. em relação a um terreno proprio para o estabelecimento de uma colonia agricola, devo pedir desculpa dos defeitos, de que se resente o meu trabalho, pois ha muita difficuldade em dar uma idéa exacta daquelles terrenos e em avaliar bem as vantagens que um terreno offerece em comparação com o outro.

Deus guarde a V. Exc. Therezina, 17 de novembro de 1870. Ilmo. e Exm. Sr. Dr. Manoel José Espinola Junior, M. D. 1.º vicepresidente da provincia.

O engenheiro ao serviço do ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas,

Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt.

Illm. e Exm. Sr.

.. Quanto as observações sobre o estado do rio, que pude fazer nesta viagem, devo dizer a V. Exc. que este, em verdade, é lastimoso. Este rio grandioso é um dos primeiros entre os rios navegáveis do Brasil tanto pela extensão em que podia ser navegado, como pela fertilidade das suas margens. Elle forma a divisa entre as provincias do Piauhy e Maranhão e é portanto da maior utilidade para ambas, porém principalmente para a primeira, que não tem outro rio navegavel, e cujo territorio é banhado por elle em toda a sua extensão, servindo o mesmo de via principal de comunicação a toda provincia. Elle podia ser navegado em uma extensão de mais de 1200 kilometros, porém torna-se quasi sempre innavegavel durante a estação secca, isto é desde do mez de abril até o de outubro.

Assim, da cidade da Therezina para cima acha-se a navegação interrompida de distancia em distancia por cachoeiras, que, porém, conforme me informam, podiam ser removidas sem grande difficuldade, e do mesmo ponto para

baixo existem bancos de arêa, que dificultam a navegação de uma maneira extraordinaria. Se a arêa que forma estes bancos fosse grossa e pesada, formar-se-ia um canal certo, que podia modificar-se durante as enchentes, mas que teria sempre profundidade sufficiente para poder ser navegado sem difficuldade. Porém a arêa é muito fina e extraordinariamente movediça, de sorte que os bancos formados por ella se acham em um movimento continuo, fechando muitas vezes de um dia para o outro o canal, que a correnteza ajudada pelo vento tinha conseguido abrir.

Os vapores nunca podem fazer a viagem entre esta capital e a cidade de Parnahyba seguindo na ida e na volta pelo mesmo canal. Sempre encontram em muitos lugares, onde acharam na descida um canal fundo, na subida aguas tão baixas, que não podem mais passar ; felizes ainda se já se tem aberto um novo canal em outro lugar, por onde podem romper ; muitissimas vezes, porém, são elles, como tambem as outras embarcações, obrigados a passar estes baixos arrastados por meio de correntes, ancoras e guinchos, pois partes extensas do rio, onde suas aguas se espraíam, ficam tão seccas, que se não

encontram mais do que 0,^m2 a 0,^m4 (1 a 2 palmos) de profundidade. Occorre que este estado do rio tende a piorar de anno para anno pelo motivo de que os habitantes das margens do rio costumam cortar o matto, que cobre as ribanceiras para plantarem nestas fumo. As enchentes encontram desta forma as ribanceiras despidas de qualquer vegetação e sendo ellas formadas de uma arêa mui fina e pouco barrenta não podem resistir ao ataque das aguas e partes consideraveis dellas são arrojadas todos os annos ao meio do rio, augmentando alli a quantidade de arêa movediça ,que já existe. Na mesma proporção, em que as enchentes atacam as ribanceiras e as destroem, alarga-se naturalmente o leito do rio e espraia-se a agua, que desta forma se torna sempre mais rasa e perde a força necessaria para poder levar as arêas para baixo e conservar o canal aberto.

Ao mesmo tempo que as aguas atacam as ribanceiras, descobrem as raizes das arvores grandes da matta alta, que cobre as margens do rio, e que estas caem, e arrojadas pela correnteza até ao meio do rio alli ficam com aquellas, que se cortáram, afim de se descobrirem as ribanceiras para a cultura do fumo. Ficando

estas arvores por seu volume fóra da agua, são a causa de se formarem immediatamente bancos de arêa no seu lado de baixo, que ás vezes crescem até que formam ilhas ; e ficando ainda cobertas de agua, tornam-se muitissimo perigosas para a navegação. Assim se vê todos os annos naufragarem muitas embarcações, e ainda ha poucos dias se perdeu totalmente o vapor "Urusuhy", que bateu em uma arvore submergida que está no meio de um canal fundo coberto de 0,^m4 (3p.) de agua.

Portanto, tem de vencer a navegação desta parte do rio duas difficuldades : a inconstancia do canal e a pouca profundidade da agua, que resulta della, de um lado ; e do outro lado os perigos que constituem os páos submergidos no meio do rio e as pedras soltas que se acham em alguns lugares igualmente cobertas de agua. A estas accresce mais uma outra difficuldade menos importante, que resulta das voltas estreitas que se encontram em alguns pontos do curso do rio. Todas estas difficuldades em vez de melhorarem, tendem, pelos motivos a que alludi, a peiorar sempre mais, e tornar um melhoramento de anno para anno mais difficil e mais

dispendioso, pois os unicos meios para melhorar o estado actual do rio são os seguintes :

1.º *Resalvar as suas ribanceiras do ataque das enchentes* ; o que se obterá ataludando-se aquellas, que se acham cortadas á pique pelas aguas, da forma mais conveniente e cobrindo-as, onde o ataque fôr mais forte, de camadas de ramos de tal modo, que estas formem uma especie de tecido entre si, ligadas e presas por estacas. Ao mesmo tempo se devem plantar nestas ribanceiras arbustes proprios que as cubram com seus ramos, e formem para o futuro a resistencia mais energica e menos dispendiosa, como o "galumbi" e outros semelhantes. Que é necessario prohibir-se o corte do matto que ainda existe e a cultura do fumo ou de qualquer outra lavoura ; não carece ser mencionado que esta prohibição se deve estender a uma zona de 25m (11 1/4 br) de largura, em ambos os lados do rio. O prejuizo que os moradores da beira do rio soffrerão por uma tal prohibição é tão diminuto que parece não merecer attenção alguma em vista dos beneficios que todo o paiz colherá della.

2.º *Estreitar o leito do rio em relação ás aguas baixas* por meio de uma margem artificial

que reduza sua largura á largura normal que corresponde á quantidade de agua que elle conduz e que obrigue as aguas, emquanto estiverem baixas, a conservarem-se unidas e prevenindo que ellas se espraíem. Desta forma terá a correnteza sempre força sufficiente para conservar o canal com uma profundidade, que provavelmente será de 3 a 4 metros (13 1/2 a 18 p.). Este mcio naturalmente se empregará sómente nos lugares onde as aguas tendem a espraíar-se demasiadamente e obter-se-á por obras que se construam de ramos estacas, arêa e pedras. Estas obras pouco conhecidas até esta parte do Brasil, mas empregadas em toda a parte, onde se fazem correções de rios, são da maior efficacia e ao mesmo tempo as mais baratas. Ellas se constroem com tal altura, que as enchentes as cobrem e se espraíam até onde as ribanceiras permitem.

3.º *Endireitar o curso do rio em algumas voltas mui apertadas, o que se obterá simultaneamente com o estreitamento do leito do rio, construindo as obras mencionadas no lado concavo do rio em direcção conveniente.*

4.º *Limpar o canal que se formar, pelos meios enumerados, dos páos e outros obstaculos.*

Naturalmente não posso entrar aqui nos detalhes destes melhoramentos, pois para isso são precisos estudos minuciosos de todo o curso do rio e principalmente uma planta exacta delle com os perfis transversaes e só depois de se terem feitos estes estudos será possível formar-se um projecto exacto e calcularem-se aproximadamente as despezas. Todavia pode-se dizer desde já, que pela mesma natureza das obras não podem ser executadas senão durante um tempo bastante prolongado. Muitas vezes será conveniente esperar algum tempo para observar-se o effeito de uma obra antes de começar-se uma outra perto della. Desta sorte, seria talvez a marcha mais conveniente marcar-se uma quantia certa, que se empregará annualmente na forma como fôr determinada mais convenientemente, em vista do plano geral e dos effeitos obtidos pelas obras já executadas.

Tomando-se em consideração a summa importancia destes melhoramentos não seria talvez fóra de proposito se se marcasse uma quantia de 60 contos de reis annuaes, que se deviam repartir entre o cofre geral e o das provincias interessadas, e, se me fosse licito emittir uma opinião sobre este assumpto, acharia deviam re-

cahir sobre o cofre geral 30 contos, sobre a provincia do Piahy, como a mais interessada, 20 contos, e sobre o da provincia do Maranhão 10 contos de reis annuaes.

O primeiro passo, porém, será sempre o estudo minucioso do rio e o levantamento de uma planta exacta, e para este trabalho torna-se necessario a aquisição dos instrumentos precisos indispensaveis, sendo que a importancia delles não chegará a 2:000\$000, se se mandar compral-os directamente na Europa.

Tambem será muito conveniente, no caso que V. Exc. se resolva a mandar proceder a estes estudos, aproveitar-se uma barca pertencente ao governo, que se acha encostada no porto da cidade da Parnahyba, e que carece de alguns concertos, para servir nestes estudos e depois na execução das obras, que se determinarem.

Deus guarde a V. Exc. Therezina, 5 de setembro de 1867. Illm. e Exm. Sr. Dr. Adelino A. de Luna Freire, M. D. Presidente desta provincia. O engenheiro ao serviço do Ministerio da Agricultura Commercio e Obras Publicas.

Dr. *Gustavo L. G. Dodt.*

Illm. e Exm. Sr.

Em cumprimento da ordem de V. Exc. exarada no officio dessa Presidencia de 18 do mez corrente, segui no dia 20 a bordo do *Conseheiro Paranaguá* para a villa de S. Gonçalo, examinando, quanto possivel em uma tal viagem, o estado do rio Parnahyba ; e venho apresentar á V. Exc. no presente o resultado desse estudo.

O Parnahyba apresenta desta capital para cima e em uma distancia de 75km pouco mais ou menos as mesmas difficuldades para a navegação que indiquei no meu officio de 4 de setembro proximo passado a respeito do seu curso desta capital para baixo, isto é : elle tem uma largura superior ao volume d'agua, que conduz, e portanto torna-se muito raso.

Daquelle ponto para cima diminue sua largura, crescendo na mesma proporção sua profundidade, e os unicos obstaculos, que incommodam a navegação, são 5 cachoeiras ou antes baixos de pedra.

A primeira, que encontra quem sóbe pelo rio é a da "Caieira" logo acima do porto de S. Antonio. Alli entra no rio do lado do Piauhy um recife deixando na margem opposta uma passagem, que ás vezes fica entupida por uma corôa de arêa, que diminue ou augmenta seu tamanho conforme a força da correnteza crescer ou abaixar. Nas occasiões em que elle toma todo o canal, são os navios obrigados a passar por um outro canal mui estreito e tortuoso no meio do recife, e seria bastante alargar-se um pouco este canal para tornar a passagem franca e livre de qualquer perigo.

Não se pode calcular com exactidão a despesa, que exige este trabalho, porém creio, que ella não excederá a quantia de 800\$000 reis, se se excluir o custo dos utensilios.

A segunda cachocira é a das "Panellas" que se acha logo abaixo de uma volta muito apertada. Alli existe tambem um canal, que todavia se torna um pouco difficil para a navegação por causa de algumas pedras soltas. Podia-se evitar toda esta passagem, se se abrisse no lado do Piauhy um canal, que atalhasse a volta. Este canal, porém, devia ter pelo menos 1km de extensão e só por um exame mais minucioso,

quando as aguas do rio tiverem baixado, poder-se-á reconhecer se convem mais remover os obstaculos existentes no canal ou abrir-se o canal indicado.

A terceira cachoeira é a do "Araçá", onde um recife estreito entra no rio do lado do Maranhão, deixando um canal estreito e tortuoso do lado do Piahy. Será conveniente remover-se este obstaculo, pois tendo o rio bastante profundidade de um e outro lado do recife, cuja largura não excede a 15m, será sufficiente abrir-se nelle uma abertura de 10m de largura para poderem passar os navios livremente, e creio que a despeza não chegará a 2:000\$000 reis, abstrahindo-se do custo dos utensilios.

A ultima cachoeira é a do "Riachão" que é um baixo mais extenso com algumas pedras soltas. Na occasião de minha passagem nesse lugar já havia tanta agua no rio que não era possivel avaliar-se o trabalho necessario para a remoção deste obstaculo, porém parece não ser difficil a remoção das pedras, que podem pôr em perigo a navegação.

Não sendo possivel fazer-se actualmente um exame minucioso nesses lugares por causa de terem já crescido muito as aguas do rio, devo

limitar-me a esta curta exposição do estado do rio. Antes de concluir, porém, tomo a liberdade de chamar a attenção de V. Exc. para a conveniencia de se aproveitarem os mezes invernosos, durante os quaes nada se pode fazer, para se apromptar tudo o que fôr preciso, afim de que se possam começar os trabalhos logo que o rio tiver baixado. Os utensilios, que consistem em brocas, tenazes, correntes, cabos, moutões, bateria electrica com arame de cobre e platina, etc., serão melhor adquiridos na capital do Maranhão, onde se encontram mais recursos do que aqui.

Deus guarde a V. Exc. Therezina, 26 de outubro de 1867. Illm. Exm. Sr. Dr. Adelino A. Luna Freire. M. D. presidente da provincia.

O engenheiro ao serviço do ministerio de Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt.

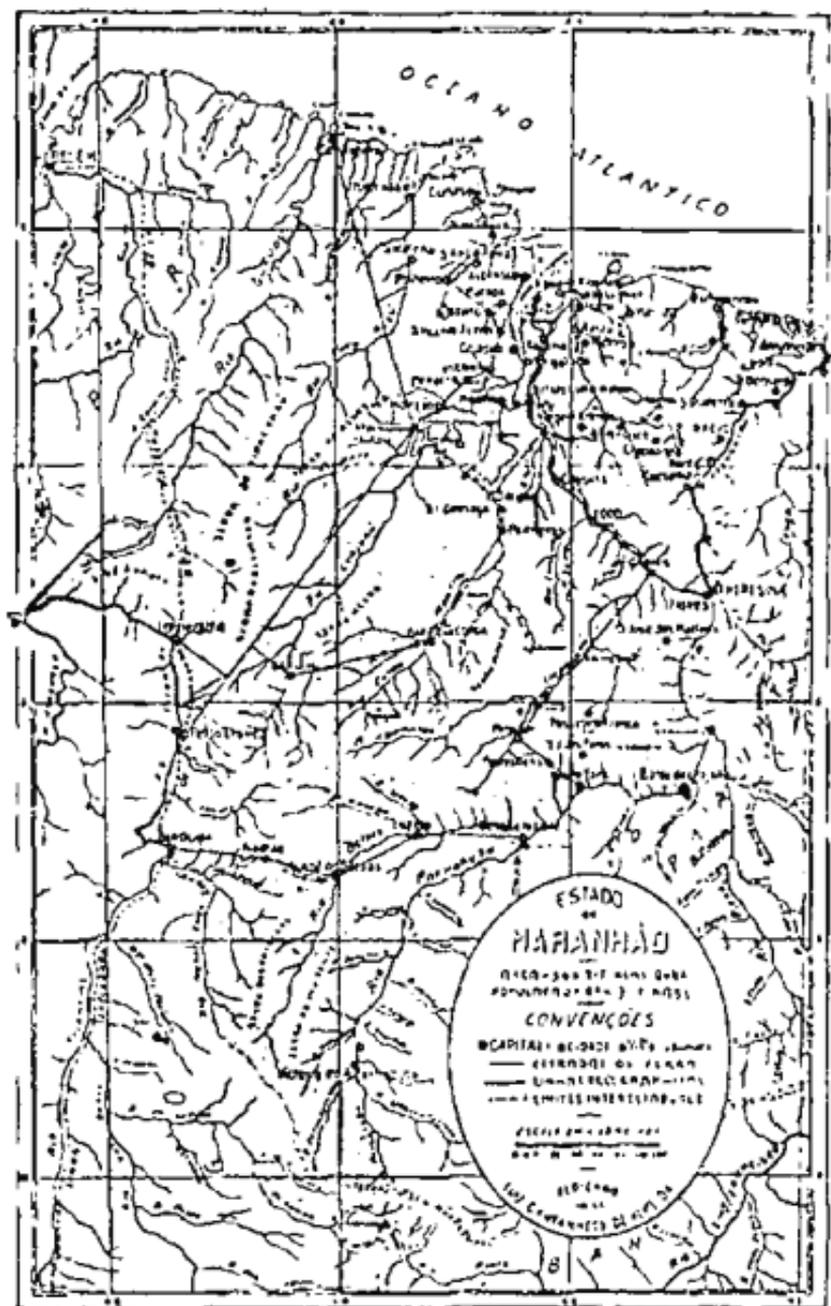
O rio Gurupy

I. — HISTORIA DA EXPLORAÇÃO

Em 18 de abril do anno findo, ordenou-me o Exm. Sr. presidente da provincia, Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, que explorasse o rio Gurupy e levantasse uma planta exacta do mesmo rio de sua foz ás suas cabeceiras ; bem como o traçado mais conveniente de uma estrada, que ligasse o Gurupy ao Tocantins, segundo as instrucções que acompanharam a mesma ordem. (Annexos 1 e 2).

No vapor que partiu no dia 1.º de maio seguí para Vizeu, onde cheguei a 4. Nesta villa tive de esperar que regressasse do Pará o director da colonia militar de S. Pedro de Alcantara, unica pessoa que podia fornecer-me os meios precisos para subir o rio.

No dia 18, seguí na companhia do director, e chegamos á referida colonia no dia 24. A corrente e volume das aguas obrigaram-me a nova demora, mais longa, porém menos enfadonha do que a que tivera em Vizeu.



Mapa do Estado do Maranhão, vendo-se todo o curso do rio Gurupy.

No dia 12 de junho, comeci a viagem para as cabeceiras do rio. Após 39 dias de sofrimentos de todo o genero, em uma canôa pequena, exposto ao sol e a chuva, e, ás vezes, á fome, cêeguei aó lugar Cajú-apára. Dahi em diante tornou-se a exploração mais penosa. Se bem que pequena, não se prestava a canôa em que sahira da colonia á continuacão da viagem. Tive de servir-me de outras menores, fabricadas da casca de jatobá, obra dos indios, que dellas se servem nos seus trabalhos de pesca e caça.

Percorri primeiro o Ytinga e Tucumandina e, depois, o Cajú-apára, pelo qual pude subir até o porto da Sapucaya, onde cheguei no dia 9 de agosto. Tinha entretanto despachado portadores para o sertão da villa da Imperatriz á procura de alguns cavallos para a viagem á dita villa ; foi-me, porém, preciso esperar alli até o dia 16, quando chegaram fialmente 4 cavallos, mas um delles em estado tal, que não poudes prestar-se ao serviço. Sendo indispensaveis 3 cavallos para o transporte dos instrumentos, da bagagem mais necessaria e de alguns mantimentos e agua, vi-me obrigado a fazer a viagem a pé ; e sabindo no dia 17 cheguei á villa da Imperatriz no dia 22 com seis dias de

viagem, que se tornou ainda mais penosa por termos consumido quasi todos os mantimentos trazidos de Cajú-apára durante a longa demora na Sapucaya. Da villa da imperatriz parti no dia 26 de agosto, embarcando no Tocantins para a barra do Araguaya, onde cheguei no dia 28 e, voltando de lá, achei-me no dia 3 de setembro outra vez na villa da Imperatriz. Esperava-me ahi um grande embaraço ; não me foi possível obter cavallos para o meu regresso ao Gurupy. Tive de esperar chegasse o indio João Mucura, com quem tinha contratado durante minha estada na Sapucaya a abertura de uma picada entre o Cajú-apára e o Tocantins, que devia atravessar um terreno melhor do que o existente, pelo qual passei na minha ida e que era, como tinha sido informado já naquella occasião, quasi intransitavel. Quando chegou o indio á villa, despachei-o immediatamente para chamar alguns outros da tribu dos Pivocas, que moram entre a villa da Imperatriz e a Serra do Gurupy, afim de que elles transportassem minha bagagem com os instrumentos, mantimentos etc.

Voltando elle no dia 19 de setembro, segui no dia seguinte outra vez a pé para o Gurupy, passando pela picada ultimamente aberta e

acompanhado de 16 Pivocas, cheguei no dia 26 do mesmo mez á Sapucaya, onde embarquei e no dia 1.º de outubro aportei outra vez em Cajúapára.

Partindo d'alli no dia 5 d'aquelle mez desci o Gurupy, colhendo os dados para a planta do mesmo, e cheguei no dia 4 de novembro á colonia militar de S. Pedro de Alcantara.

Não podendo acabar o levantamento da planta até a fóz em tempo de alcançar o vapor d'aquelle mez na sua volta do Pará, demorei-me na colonia de onde parti no dia 27 de novembro. Tendo finalmente acabado o trabalho até a barra do Gurupy, aproveitei o vapor de Dezembro e voltei para esta capital, onde cheguei no dia 17.

Aproveito-me da occasião para reconhecer aqui a valiosa coadjuvação que tanto o director da colonia militar de S. Pedro de Alcantara, o Sr. capitão Leonardo Luciano de Campos, como o director parcial dos indios do 18.º districto, o Sr. Cesario Augusto de Noronha, me prestaram no desempenho da minha commissão, tendo-me acompanhado o ultimo em toda a parte da viagem de Cajú-apára até as cabeceiras do rio.

Passo agora a expôr quanto cabe nas minhas fracas forças as circumstancias do rio e de todo o terreno que percorri, referindo-me aos mappas que junto apresento, sendo um o mappa geral em 1 a 500,000 do tamanho natural, comprehendendo todo o terreno desde a fôz do Gurupy até a barra do Araguaya, e o outro um mappa especial mostrando em 1 a 25,000 do tamanho natural o Gurupy de Cajú-apára até sua fôz, dividido em 50 secções sobre 28 folhas.

II. — DESCRIÇÃO DO GURUPY

1.º — *As cabeceiras.*

Na base septentrional da serra conhecida pelo nome de Serra do Gurupy, que me parece ser um braço ou prolongamento da Serra da Desordem, parallela ao Tocantins, nasce um numero consideravel de pequenos rios ou igarapés, só conhecidos dos indios que habitam as mattas daquelles sertões. Todos elles reúnem-se em tres braços principaes, sendo o mais meridional o Cajú-apára e o mais septentrional o Ytinga ou Rio Branco.

Entre elles, porém mais ao lado do Norte, fica o Tucummandiua que depois se constitue tributario do Ytinga. Formando-se estes tres braços principaes de muitos igarapés pequenos, torna-se até certo ponto difficil a determinação do lugar onde nascem. Considerando-se, porém, que as ultimas veias d'agua são muito insignificantes, e aproximadas umas ás outras, de sorte que o terreno occupado por todas ellas se torna muito limitado, e como uma differença de um ou dous kilometros nada influe em um terreno tão vasto e inculto, podemos ter como muito aproximadas senão exactas as posições seguintes :

A nasçença do Cajú-apára	5° 9' S.; 4° 45' O.
A „ „ Tucummandiua	4° 40' S.; 6° 2' O.
A „ „ Ytinga	4° 26' S.; 5° 42' O.

Desses pontos para baixo correm os tres riachos no meio de jussaraes immensos, recebendo de um e outro lado pequenos tributarios que os fazem engrossar insensivelmente de tal maneira, que o Ytinga, depois de ter recebido o Tucummandiua em 4° 26' 10'' S. e 5° 18' 30'' O. tem 10m de largura e 0,^m5 a 1,^m de profundidade. O Cajú-apára adquire as mesmas dimensões já

no lugar denominado Repartimento em 4° 46' 20" S. e 4° 57' 0" O.

Todas essas veias d'agua accumuladas de um lado no Cajú-apára, do outro no Ytinga reúnem-se finalmente no lugar denominado Cajú-apára, em 4° 17' 4" S. e 5° 9' 10" O. para formarem o Gurupy. Ellas são naturalmente innavegaveis ou ao menos só navegaveis por canôas feitas da casca do jutahy ou jatobá, que actualmente são alli os unicos vehiculos para o transporte de cargas.

Mas essa mesma navegação de canôas pequenas é extremamente difficultosa por causa das muitas madeiras que obstruem em toda a parte os canaes e sobre as quaes muitas vezes são arrastadas as canôas. O fundo um pouco flexivel das canôas feitas da casca do jutahy presta-se a esta manobra melhor do que o das de madeira, e além disso demandam aquellas menos agua. Estas vantagens reunidas ás de ser sua construcção mais facil e seu custo menor, fazem com que sejam ellas preferidas ás de madeira, se bem que não durem tanto e offereçam maior risco, pois basta romper-se um dos cipós com que são amarradas para que se afundem.

Pelo decreto n. 773 de 23 de agosto de 1854 fixaram-se os limites da provincia do Maranhão nessa região da forma seguinte : . . . “e o ditto rio Tocantins desde a fôz do Manoel Alves Grande até a do Araguaya no presidio de S. João do Araguaya, comprehendidas as illhas proximas á margem direita ; e deste ultimo ponto até encontrar as vertentes septentrionaes do rio Gurupy. . .” De conformidade com esta disposição da lei, tracei eu no mappa como linha divisoria entre as provincias do Pará e Maranhão uma recta entre a barra do Araguaya em 5° 22' 30" S. e 7° 2' 0" O. e nascença do Ytinga em 4° 16' 0" S. e 5° 42' 0". que é a cabeceira mais septentrional do Gurupy. Menciono esta circumstancia expressamente, porque hei de referir-me a ella mais adiante.

2.º - *Curso do Gurupy de Cajú-apára até a barra do Gurupy-merim.*

O Gurupy, formado, como já disse, pela confluencia do Cajú-apára e Ytinga, começa seu curso com uma largura de 20m e uma profundidade variavel de 1m a 2m. Pouco augmenta elle estas dimensões antes de receber as aguas do Gurupy-merim, apezar de nesta extensão re-

ceber como tributarios do lado do Maranhão: o Cajueiro, Guarimandua, Apára, Apuy, Puranga e Panema; do lado do Pará: o Surabijú; e de um e outro lado alguns outros riachos menores, que ainda não têm nomes.

Como todos os rios pequenos procura o Gurupy nesta extensão seu caminho em mil voltas caprichosas que augmentam a distancia em linha recta entre os dous pontos extremos de 97km, 5 a 190km, portanto o mais do dobro. Estas voltas, em grande parte apertadissimas, são um obstaculo extraordinario á navegação. Todavia parece-me que lanchas a vapor poderiam navegalo ainda na vasante das aguas, se não fosse um outro obstaculo, que difficulta se não impede uma tal navegação até na epoca das enchentes, e que consiste na quantidade extraordinaria de madeira, que entulha completamente o rio. Actualmente navegam alli apenas canôas, que carregam de mil e quinhentos a dous mil kilogrammos, e para que estas possam passar, é preciso um trabalho continuo de machados. Qualquer arvore das margens, que cae, atravessa o rio e os roçados que os indios costumam fazer, contribuem para augmentar a madeira, que em muitos lugares forma coivaras, que occupam toda

a largura do rio e se elevam 2m a 3m acima delle.

3.º — *Curso do Gurupy da barra do Gurupy-merim até Pedras d'amolar.*

Só depois de ter recebido em 3º 32' 44" S. e 4º 45' 30" O. as aguas do Gurupy-merim, que vem do lado do Pará, começa o Gurupy a merecer o nome de rio, tendo sido até esse lugar pouco mais do que um riacho. Sua largura eleva-se logo ao dobro da que tem mais acima, isto é, de 40m attinge nesta secção a 80m. Sua profundidade, porém, não augmenta, antes diminue. Em muitos lugares chega ella em verdade, a ser de 4m e 5m, mas em muitos outros fica reduzida a 0,^m6. As curvas deixam de ser tão apertadas como na secção superior, todavia são ellas ainda consideraveis, e augmentam a distancia, que é em linha reeta de 170km, a 304km. As accumulações de madeiras ainda continuam, porém, não são mais tão numerosas, nem tão consideraveis como mais acima, e eu achei apenas quatro, que formavam um obstaculo real á navegação. Para tornar esta secção navegavel, ao menos na epoca das cheias isto é, de dezembro a maio, bastaria a

remoção das indicadas coivaras ou de quaesquer outras, que por ventura se formarem.

O rio recebe nesta secção como tributarios do lado do Maranhão : Boca-funda, Traquatua, Cinhan-mocú, Araparytiua, Açú, Jararaca e alguns riachos menores; do lado do Pará: Pimental, Aningal, Uraim e igualmente alguns riachos menores. De todos estes confluentes é, porém, o Uraim o unico importante, que pode ser navegado em não pequena distancia por canôas de 1000 a 1500 kilogrammos de porte. O mesmo acontece a respeito do Gurupy-merim.

4.º — *Curso do Gurupy de Pedras d'amolar até a povoação de Gurupy.*

Esta secção do rio, que começa em 2º 30, 0'' S. e 3º 49' 0'' O. vae até 1º 35' 30'' S. e 3º 3' 0'' O., tem 132km de extensão em linha recta que as voltas do rio augmentam a 228,5km, é a mais importante de todas, pois ella abrange a zona das cachoeiras, que tornam o rio innavegavel com excepção no tempo das aguas. Excluindo-se as menores, que são consideradas como baixos, contam-se 13 cachoeiras distinctas, que se repartem, todavia, com muita desigualdade sobre a zona de que trato. Logo no prin-

cipio se acham 7, tão proximas umas das outras, que formam um grupo separado, o mesmo acontece mais em baixo com outras 7. Das restantes 4, acham-se 2 destacadas no meio entre esses dous grupos, e das outras 2, uma em pouca distancia abaixo do grupo inferior, e a outra separada desta por uma distancia consideravel no fim da presente secção. As partes do rio que ficam entre os dous grupos principaes e as cachoeiras destacadas entre ellas, bem como as que ficam entre as que compõem os grupos, são em muitos lugares tão cheias de pedras isoladas, de baixos e corredeiras, que por si só difficultariam a navegação, se não ficassem desapercibidas em vista dos perigos e das difficuldades que se apresentam nas mesmas cachoeiras. E estas são em verdade consideraveis. As canôas que navegam alli são arrastadas por espias de pedra em pedra, aproveitando-se dos remansos, que se formam no lado de baixo das pedras maiores, para segurar a canôa, enquanto a parte da tripulação que trabalha na espia ganha uma outra pedra onde pode firmar o pé para puxar a canôa um pouco mais adiante. Ao mesmo tempo devem pelo menos duas pessoas sustentar a canôa por meio de varas compridas, afim de conservar-se

sempre no fio da agua, pois se ficar atravessada ou, se se partir a espia póde contar-se com toda a certeza que se alaga, ou despedaça nas pedras mais em baixo. Se desta forma a subida é arriscada e trabalhosa, é a descida ainda mais perigosa e exige o maior cuidado para poder vencer-se esta zona sem desastre. Mas não ha anno em que estes não se dêem.

Desde o lugar denominado : "Pedras d'amo-lar", começa uma serie de pedras isoladas que forma em 2,5km de distancia uma cachoeira pequena denominada : "Baixo da Mucura-aia". Desta para baixo continuam as pedras isoladas, ora augmentando ora diminuindo seu numero em uma extensão de 5km, onde o rio começa a dividir-se no meio de numerosas ilhotas de pedra em muitos braços pequenos, que, ora unindo-se, ora apartando-se, correm em leitos erçados de pedras e formam no principio a cachoeira de "Mocão-açú" 0,5km mais adiante a da "Lavandeira", 1km mais adiante a da "Magdalena", 1km mais adiante a do "Jacarécanga" e mais 1km adiante a do Tapiú-assú. Abaixo desta e tendo passado com mais 1km,5 o baixo da barra do "Gurupy-ina", encontra-se 3km,5 distante deste baixo a cachoeira do "Canindé-

açú" e 4km mais adiante a do "Cauindé-merim" que é a ultima do primeiro grupo, que contem na cachoeira do Tapiú-açú a mais perigosa e consideravel de todas. Podendo-se avaliar a queda em termo medio de cada uma das outras mencionadas em 1,^m5, julgo que a desta importa em 3m a 4m, e só pode ser vencida pelas canôas passando-as pelos canacs lateracs.

Abaixo da cachoeira do "Cauindé-merim" apresenta o rio uma extensão de 21km quasi toda livre de perigo, apparecendo só aqui e acolá umas pedras isoladas até a cachoeira do "Muria-jupêma" que não é muito consideravel. Abaixo desta segue na distancia de 27km a da "Tauary-uira" que tambem é pequena, e 28km abaixo desta começa o segundo grupo com a da "Itapeua", a que segue em 3km de distancia a da "Tucunaréquara", 6km mais abaixo a do "Tamauary", depois com 11km de distancia a da "Bacury-uira" e com mais 1km de distancia a das "Panellas", a que se emenda na distancia de 1km a da "Maguarizinha" e com mais 2km de distancia a da "Cicatan-minhangaúa". Os intervallos entre estas 7 cachoeiras são mais ou menos criçados de pedras, de forma que as tres ultimas cachoeiras parece formarem uma só.

Abaixo deste grupo de cachoeiras encontra-se ainda na distancia de 12km a cachoeira pequena da "Algibeira", 2km mais abaixo o secco da "Juta-hysica", 7km abaixo deste o do "Carcoal" e 15km mais abaixo o da barra do "Gurupyiznio". Depois segue uma extensão de 65km apenas interrompida pelo baixo do "Taquandiu" na distancia de 30km, para encontrar-se a ultima cachoeira de "S. Antonio" 2km,5 acima da povoação do "Gurupy" que é a mais insignificante de todas, pois, estendendo a maré sua acção ainda mais acima della, encontra-se alli ao menos nas horas da enchente agua morta, de sorte que não ha perigo algum na sua passagem.

Pelo que fica exposto comprehende-se que toda esta secção do rio é completamente innavegavel. Só durante o inverno, quando as aguas são muito altas ficam as cachoeiras de tal forma cobertas, que não ha mais perigo na sua passagem.

O rio augmenta paulatinamente sua largura de 30m a 250m, recebe nesta secção como tributario do lado do Maranhão além de diversos riachos sem nome o Gurupy-una, Paratiua, Tucunaré-quara, Aua-çú-tiua, Catherina; do lado

do Pará: o Coraço-paraná, Tapaiuna-quara, Guajára, Gurupyzinho, Sampaio, Taquandiua, Ariramão, Aningal, Pirirez e outros riachos sem nome. Os mais importantes entre estes são o Gurupy-una, Coraço-paraná e Sampaio. Nesta secção e 56km acima da povoação do Gurupy acha-se no lado do Maranhão a colonia militar de S. Pedro d'Alcantara.

5.º -- *Curso do Gurupy da povoação do Gurupy até sua barra.*

Nesta ultima secção adquire o rio proporções mais consideraveis, sua largura augmenta de 250m a 2km e a profundidade é tal que os vapores da linha costeira podem chegar sem inconveniente algum ao menos até a villa de Vizeu, que se acha distante da barra 25km. As curvas que augmentam tão consideravelmente as distancias mais acima, ficam nesta secção sem grande influencia de modo que a distancia em linha recta de 68km só cresce a 93km,5. O rio forma quatro ilhas maiores achando-se a da "Samauna" 5,15km abaixo da povoação do Gurupy, a da "Uajára" 64,5km e a do "Carangueijo" 72km abaixo do mesmo ponto, bem como a "Ilha-nova" na propria barra. Em frente da

ilha da "Uaijára" e na margem esquerda do rio está collocada a villa de Vizeu.

Logo abaixo da ilha do Carangueijo acha-se um lugar onde o canal fundo é muito estreito, de sorte que nas aguas baixas das marés vivas a passagem dos vapores se torna um pouco difficil e estes ás vezes alli encalham. Sendo, porém, o fundo de arêa e lama não ha perigo algum.

Na margem direita, 12km acima da barra, aparta-se um braço, que communica mais em cima por meio de um canal natural com o rio "Carutapera".

Os confluentes do rio nesta secção são do lado do Maranhão: o "Uruna", "Farandua", "S. Lourenço", "Auaçutiua" e "Fortaleza"; do lado do Pará: "Uiratua", "Manáo", "Traquatiua", "Juquiritiua", "Tapuytiua", "Piritua", "Matauna" e alguns riachos menores de ambos os lados.

Além destes, encontram-se abaixo de Vizeu no lado do Pará os igarapés da Aguida, do Campo e da Sumauna, e no lado do Maranhão os de Timbotiua, Carutapera e Bacanguinha. Estes, porém, não podem ser considerados como verdadeiros confluentes, pois são braços lateracs

cheios de agua salgada pelo fluxo e refluxo da maré.

A barra que se acha em 1° 4' S. e 3° 3' O. é franca para navios de mais de 400 toneladas de porte, apesar de que se estendem de um e outro lado bancos de areia e um baixo de pedras muito para dentro do mar. Este ultimo, porém, é muito bem balisado pela "Pedra grande", rochedo isolado de cerca de 100m de comprimento sobre 60m de largura e de 12m de altura sobre o mar, que dista da barra 9km.

6.º - *Descrição do terreno, que percorre o Gurupy.*

Como já se mencionou mais em cima nascem as veias d'agua, que formam as cabeceiras do Gurupy ao pé da "Serra do Gurupy" no meio de jussaraes immensos e correm no meio delles por muitas leguas. Estes jussaraes formam planicies alagadiças e onde seu terreno é arenoso não deixam de formar atoleiros cobertos de uma camada espessa de folhas e troncos meio apodrecidos, de sorte que todo esse terreno forma uma esponja immensa, que no inverno se embebe de aguas, e só mui lentamente as deixa escoar. Por este motivo ainda quando appareçam

cedo as chuvas na região das cabeceiras, tarde sobrem os repiquetes na região inferior.

Nestes pantanaes, além das jussareiras apenas vegetam algumas isoladas sapucayaranas, guanans da vargem e outras arvores semelhantes. Raras vezes aproxima-se a terra firme á margem do rio na forma de uma barreira mais elevada ; onde porém isto acontece, é o terreno fertilissimo, coberto de mattas virgens, que abundam em madeiras excellentes.

Na proximidade do lugar denominado Cajú-apára, apparecem algumas vargens, pela maior parte do anno cobertas de agua e formando nessa epoca lagos, que se cobrem de capim e aningaes, quando as aguas seccam. Desse lugar para baixo desapparecem os jussaraes e o aspecto do terreno não muda até perto da barra, onde pela influencia da agua salgada das marés a vegetação adquire um caracter completamente differente. Nessa grande extensão, porém, são as margens cobertas de mattas virgens. Durante a epoca das aguas baixas, corre o rio entre barreiras de 4m a 8m de altura ; quando elle, porém, enche ficam estas transbordadas pelas aguas, pois durante as enchentes cresce o rio ordinariamente por 8m a 10m e muitas vezes chegam

as aguas a 12m e 15m mais do que na estação secca.

Aquellas barreiras são ao mesmo tempo aterros estreitos na beira do rio, formados pelo mesmo rio, pois descendo as aguas carregadas de arêa e outros sedimentos, ficam estes suspensos pela velocidade até que, transbordando o rio por um e outro lado, perde a agua sua velocidade logo que entre pelas ramadas das arvores e arbustos das margens, deixando, portanto, cahir aquelles sedimentos que se accumularam no curso dos seculos e formaram aquelles aterros. Por isso se encontram em quasi toda a extensão do rio estes aterros mais elevados na beira e, atraz delles, uma baixa que se enche no inverno de agua e forma deste modo lagos immensos, que conservam a agua e a deixam escoar lentamente como acontece nos terrenos esponjosos dos jussaraes. Estas duas circumstancias fazem com que as enchentes deste rio se conservem por mais tempo e com mais regularidade do que em muitos outros dos nossos rios, onde passam rapidamente; mas fazem tambem com que se encontrem na beira do rio tantos bamburaes quasi impenetraveis, aproximando-se tambem em toda

essa zona o terreno não inundado no inverno só em raras pontas á beira do rio.

Todavia se reconhece pelo viço da vegetação e fertilidade do terreno. A experiência confirma plenamente este juizo, e, como se encontraram em toda a parte terrenos em circumstancias differentes, na beira do rio alagados e frescos, um pouco mais afastado delle enxutos, tanto arenosos como barrentos, pode-se dizer com toda a certeza, que nas margens do Gurupy se pode quasi em toda a parte encontrar terrenos adequados á lavoura que se escolher.

O café dá com abundancia e de bôa qualidade, como mostram as poucas plantações que ha em Vizeu, na povoação do Gurupy, na colonia militar de S. Pedro de Alcantara, e alguns outros sitios abaixo desse lugar. Se o café que se encontra ali é ruim e mesmo pessimo, não é isso devido ao producto natural, mas ao tratamento que se lhe dá para apromptal-o, pondo-se o café de molho para deixar apodrecer a casca. Está visto que um café tratado deste modo não pode prestar, entretando vi café colhido no quintal do director da citada colonia e tratado convenientemente, que era de muito boa qualidade.

O cacoeiro dá com abundancia, como se pode verificar em um cacaoal pertencente á mencionada colonia, e que apesar de estar quasi abandonado não deixa de produzir todos os annos com abundancia. Lè eu notei em alguns cacoeiros nos quintaes da colonia, que estavam com fructas maduras, quando subi o rio em maio, que quando desci em novembro, elles estavam com novas fructas, já quasi maduras.

Para canna d'assucar ha igualmente terrenos excellentes como se vê não só de alguma canna que encontrei na colonia militar, como até da que encontrei nas cabeceiras do Cajú-apára cultivada pelos indios Timbiras.

Da mesma forma é o fumo cultivado pelos indios Timbés nas margens do Uraim, não só de muito boa qualidade, mas encontra-se as vezes de superior qualidade, ainda que não muito forte, emquanto aquelle que se cultiva no Cajú-apára não só é excellente de aroma como tambem muito forte.

Milho, arroz e mandioca bem como batatas, cará e outras raizes tuberculosas produz o terreno em abundancia e ás vezes de tamanho extraordinario. Assim me deram, quando estava entre os Timbiras, um cará que pesou 8kg,

que de certo é um tamanho pouco vulgar. Alli vi umas capoeiras abandonadas por elles cobertas dos ramos do "cará do ar" que estavam cobertos de fructos.

Tambem as arvores fructiferas prosperam extraordinariamente, ainda que ha poucas por falta de quem plante. Bananeiras e mamoeiros encontram-se, até em abundancia, nas aldêas dos indios nas cabeceiras do rio, e até no meio das mattas em capoeiras velhas abandonadas por elles. Estas estão tambem cheias de urucú, que, abandonados, chegam a ser alli verdadeiras arvores, ainda que não cresçam muito altas. Na colonia militar e nos sitios abaixo della encontram-se tambem laranjeiras, limociros, tamarindeiros, mangueiras, figueiras etc. e, se todavia não ha abundancia de fructas, a culpa é da gente, mas não do terreno.

As mattas abundam de madeiras das melhores qualidades para todas e quaesquer obras. Assim ha para construcções navaes: Angelim, Bacury, Cajú-açú, Copauba, Cupiúba, Guananim-carvalho, Guariúba, Itaúba, Jarána, Maçaranduba, Páo d'arco (que é tão bom como o *teak* (teca), que se importa na Inglaterra da Ilha de Ceylão e das Indias), Sapucaya, Sucupira, & para

construcções civis, afora as já mencionadas, que se prestam a este fim tão bem como ás construcções navaes: Anoirá, Amapá, Boi-açú, Bruto ou Guaribeira, Caraná, Cumariuba, Cumarú, Embira do caçador, Macucú, Merim, Murajica, Piqui, Pintindiba, & para fins mais especiaes como para esteios de casas e outros empregos em que a madeira fica enterrada no chão: Atiriba, Brôca, Guabijú, Páo-santo, & para caibros: Araracanga, Mijuba-preta, & ; para taboado: Jutahy, Louro-tachi, Louro-vermelho, Mangaba da matta, Sobreiro, Tamacuari & ; para marcenaria: Andiroba, Arapary, Ariraba, Baracutiara, Cedro, Favcira, Genirana, Jurema, Louro-rosa, Marapinima (esta acha-se só no Uraim,) Mirapiranga, Paparumba, Tatajuba, Páo-marfim ou Gepió, & ; para tinturaria: Mucunan (um cipó cujo entre casco dá uma tinta vermelha), Guaruba e Tatajuba (arvores grandes, cuja madeira dá uma tinta amarella), Tatacajuba (cujas folhas dão uma tinta preta) & ; para fins medicinaes: Abuta (um cipó que dá uma bebida amargosa), Guananim da vargem (arvore grande cujo leite é empregado como purgante e em emplastros para curar quebraduras), Jaraúba e Matáo, empregados como laxantes, Ocuuba (para

curar feridas na boca), Cravo, (cuja casca é exportada para a fabricação do óleo de cravo) &c. As frutas da Andiroba, do Cumarú, da Ocuuba e de outras arvores são mui oleosas e empregadas para a fabricação do sabão, as do Cajú-açú, Bacury, Piqui, Jacaratiá, da Jussareira, Anajá & servem de alimento.

O leite da Maçaranduba dá uma espécie de guttapercha, porém duvido que se possa tirar grande vantagem d'elle, porque esse leite é tão grosso que não corre sufficientemente dos talhos, que se praticam na casca da arvore. Actualmente é elle muito procurado para servir de breu para os côxos em que se transporta o óleo de Copauba, pois este óleo, que dissolve as outras resinas não tem acção sobre esta, que é portanto a unica que pode servir para calafetar aquelles côxos. Para obter este leite commete-se um verdadeiro vandalismo, pois se derruba uma arvore de vinte e mais metros de altura e de mais de um metro de grossura para tirar pouco mais de um frasco de leite, ficando a madeira, que é optima para construcções, abandonada para apodrecer na matta.

Ha muitas arvores que dão resinas boas, assim o Almexigar, a resina medicinal deste nome,

o Jutahy, a Jutahysica ou Copal da terra, a Siquiriba e o Páo de breu, o Breu da terra, o Cajueiro, uma gomma que pode bem substituir a gomma arabica &c.

A arvore, porém, que até esta parte é mais explorada é a Copaubeira, que dá o conhecido oleo da copauba. Infelizmente se tem procedido com verdadeiro vandalismo a seu respeito, por isso já está exterminada em muita parte, e o que resta não escapará de ser destruido em poucos annos. O oleo acha-se no amago da arvore, por isso abre-se nella um talho a machado que penetra até lá e que em termo medio tem 0,^m3 de altura e 0,^m4 de largura. A arvore não pode resistir a uma tal ferida, morre, cae e apodrece. Quantas copaubeyras seculares não vi naquellas mattas apodrecendo no chão ! e sua madeira é uma das melhores, que temos, para construcções. O seguinte calculo aproximado mostra como se tem procedido para exterminar completamente esta arvore, tomando todos os dados pelo minimo. A exportação deste genero importa annualmente em 20 contos de reis, sendo o preço de uma arroba 20\$000 rs. portanto é a quantidade exportada 1,000 arrobas. Em termo medio pode se tomar que 3 arvores dêem 1

arroba, por isso mata-se todos os annos 3.000 arvores. Suppondo que isso já dura ha 10 annos, são 30.000 copaubeiras que se destruirão; tomo aqui só 10 annos, apesar de que ha mais de vinte que se trata deste ramo de industria, e da mesma forma só 1.000 arrobas para exportação annual que tem sido nos ultimos annos o dobro, mas no principio não foi a procura tão grande como actualmente.

O terreno do Gurupy, se bem que vasto, não é todavia tamanho que a reproducção pudesse equilibrar tal destruição, tanto mais que esta arvore não vegeta senão em terra enxuta. Por isso não se encontram mais copaubeiras perto do rio, e as paragens em que ainda ellas existem são nas cabeceiras do mesmo rio e de alguns dos seus confluentes. Com a procura actual pode-se prever que em cinco annos esta fonte de riqueza estará exausta no Gurupy sem ter-lhe trazido a menor vantagem. Terei de occupar-me deste assumpto ainda mais adiante.

Não devo deixar de mencionar que existem tambem no Gurupy e principalmente nas margens do seu confluyente Apára seringueiras, mas dizem-me que são demasiadamente isoladas, de

sorte que não se pode trabalhar nellas para tirar borracha.

Quanto aos productos mineralogicos são estes mais de interesse scientifico do que pratico. E' naturalmente muito difficil e até impossivel adquirir-se uma idéa certa sobre o caracter geologico e mineralogico de uma paragem essencialmente plana, onde a vegetação cobre tudo e não existem cortes naturaes nem artificiaes que deixem conhecer as differentes camadas do terreno. O Gurupy acha-se nestas condições. Como já mencionei, é o terreno quasi todo plano e coberto de uma vegetação viçosa. As barreiras do rio são formadas por sedimentos, que o mesmo rio forneceu. Só em poucos lugares mostra-se o terreno primitivo, descoberto, mas isto mesmo não em grande profundidade e em parte nenhuma excede esta a 20m. As pedras apparecem quasi só nas cachoeiras, por isso deve-se partir dellas para poder formar ao menos idéas genericas sobre a natureza geologica do terreno, e neste intuito notar em primeiro lugar que a *mesma* — pedra de arêa — argilosa (franc : *grés*, ing : *sandstone*, allm : *sandstein*) apparece logo acima da zona das cachoeiras principaes nas Pedras

d'amolar, bem como logo abaixo della no —
Cachaoal.

Esta foi portanto a base da formação sedimentaria que foi interrompida pela erupção das pedras que formam as cachoeiras e que são na maior parte granitos. Sua differença, porém, prova que não nasceram de uma só erupção. Na região superior da zona, de que trato, nas cachoeiras Mocão-açú, Lavandeira, Magdalena etc. é o quartzo do granito escuro, o feldspato avermelhado e a mica branca.

No gneiss, que apparece nas cachoeiras Canindé-açú, Canindé-merim e Tauaryuira, são estes mineraes da mesma côr, enquanto no granito da cachoeira Itapeua o quartzo é muito mais claro.

Depois da cachoeira Tamauary desaparece a mica e é substituida pelo talco, de sorte que se encontram alli protogyna e talcochisto, Mais abaixo na cachoeira Bueury-uira apresenta-se outra vez granito, porém mostra-se no aspecto muito differente d'aquelle que se viu mais acima, o quartzo é em quantidade menor e a mica côr de bronze.

Na cachoeira Algibeira tem desaparecido a mica, de sorte que se deve classificar a pedra

como eurite (*weissstein*), que é formada de feldspato e quartzo. Finalmente no baixo Jutahysica é a mica em parte substituída pelo amphibole (*hornblende*) e a pedra deve ser classificada como granito que se aproxima ao syenito.

Acima das "Pedras d'amolar" não se encontram mais pedras plutônicas, tudo que apparece pertence ás formações estratificadas e consiste em pedras de arêa argilosas e ferruginosas, conglomerados de quartzo com cimento argilo-ferruginoso, e argila variegada, tudo coberto de uma camada mais ou menos espessa de arêa, barro e humus. Abaixo do Cacaoal é a pedra que apparece na flôr da terra, toda pedra de arêa, como se vê no porto de Vizeu e na "Pedra-grande" coberta igualmente de camadas de arêa, barro e humus. As pedras plutônicas das cachociras formam o que se costuma chamar "diques" isto é, parece que são os cumes das montanhas levantadas pelas forças plutônicas que não chegaram a elevar-se acima da superficie actual do terreno, e, tendo desaparecido por catastrophes posteriores as camadas estratificadas pelos quaes ellas romperam e que levantavam, ficaram apparecendo só onde o rio cavou seu leito.

De mineraes aproveitaveis para a industria não achei cousa alguma. Não duvido que se possam encontrar alli algumas camadas auríferas, pois a zona, ja conhecida ha muito tempo como aurifera e que parece passar dos Montes Aureos para as cabeceiras do Sampaio, atravessa o Gurupy talvez na altura das cachoeiras. Porem seria preciso um trabalho muito grande e especial para verificar isso, em que eu não pude empregar-me porque meu tempo foi absorvido por outros trabalhos. Outros mineraes duvido que se encontrem.

7.º - *Observações geraes sobre todo o rio.*

Pelo que fica exposto, é o rio Gurupy formado pela junção do Cajú-apára e Ytinga. No principio pouco mais do que um riacho grande, começa a merecer o nome de rio depois de ter recebido as aguas do Gurupy-merim. Correndo com pouca velocidade não tem na sua parte superior outros obstaculos á navegação senão accumulações de madeiras, até que chegue á zona das cachoeiras. Esta é extensa e as cachoeiras são numerosas e perigosas, impossibilitando completamente emquanto as aguas são baixas uma navegação superior á das canoas actualmente

empregadas. Logo, porém, que as aguas cobrem as cachoeiras, o que tem lugar ordinariamente do mez de janeiro até maio podiam vapores pequenos chegar muito bem até a barra do Gurupy-merim e lanchas a vapor até Cajú-apára, se se removesses os entulhos de madeira alli existentes. Este serviço pode ser avaliado em oito contos de reis.

Fazer navegavel a zona das cachoeiras seria só possivel por meio de quatro ou cinco esclusas com comportas e custaria nunca menos de quatrocentos contos de reis.

8.º — *População das margens do Gurupy.*

As margens do Gurupy são em geral pouco povoadas, e em parte completamente deshabitadas. Afóra a insignificante villa de Vizeu, 25km acima da fôz do rio, na provincia do Pará, existe na margem esquerda só uma povoação pequena denominada "Gurupy" composta de meia duzia de palhoças, distante 67km,5 daquela villa e no lado opposto 64km,5 para cima a colonia militar de S. Pedro d'Alcantara. Esta é o ultimo ponto até onde penetrou a civilização. Encontrando-se abaixo della alguns, ainda que raros, sitios habitados, não se acham acima desse

ponto serão terrenos completamente despovoados ou habitados sómente por índios.

A população civilizada é portanto pouco numerosa, e infelizmente ainda menos industrial. A lavoura que é o unico ramo de industria a que se applica, é tratado em escala tão insignificante, que seu producto não é sufficiente para o consumo local. Além da farinha importada de outros pontos das duas provincias, recorre-se aos índios do Alto-Gurupy para obter-se a farinha necessaria. A quantidade de assucar, café, algodão, que se produz nos arredores de Vizeu, é insignificante. Os productos das mattas, que se exportam do Gurupy, são adquiridos dos índios.

Não existe criação nem pode existir visto a natureza dos terrenos, que são todos cobertos de mattas altas e fechadas, onde o gado não encontra o pasto necessario para seu sustento.

A colonia militar de S. Pedro d'Alcantara não corresponde nas suas circumstancias actuaes, ao que se devia esperar de um tal estabelecimento. Não havendo alli colonos, nem engajados para os trabalhos agricolas, pesa todo o serviço sobre a força militar alli destacada e os poucos empregados que existem, como ferreiro, carapina,

oleiro &. Naturalmente não pode progredir nestas circumstancias a lavoura, e a unica vantagem, que offerece esse estabelecimento, é servir de posto militar para a policia do rio. Não me cabe examinar e apreciar as circumstancias especiaes, em que se acha a colonia, que todavia já viu dias melhores. Seja-me, porém, licito dizer que o resultado, que actualmente se tira desse estabelecimento não corresponde de forma alguma ás quantias avultadas, que se despendem com elle, e que se podia sustentar alli um destacamento para a policia do rio com menor despeza e sem o mechanismo complicado, que actualmente existe.

Pouco interesse, portanto, pode inspirar toda a população civilizada, que se encontra no Gurupy ; muito mais attenção se deve á população indigena, que não tem tido até hoje a consideração, que merece, e sobre a qual o governo deve lançar suas vistas, afim de que não continue a ser explorada por meia duzia de homens ignorantes e viciosos, que como regatões vivem entre ella ; mas em vez de espalharem conhecimentos e artes uteis, que elles mesmos não possuem, servem sómente para desmoralizar essa população, que de forma alguma se acha tão distan-

te da civilização, como geralmente se pensa. É com certa repugnancia, que emprego o termo de "população civilizada em contraposição á indigena", e só a falta de um termo mais adequado me leva a praticar esta injustiça. Pois, se é exacto, que uma parte dos indios, que habitam as margens do Gurupy, se acha sem civilização, é esta a parte menor, emquanto á maior não se pode negar ao menos o gráo de civilização, que possuem as classes baixas da nossa sociedade, ainda que ella differe alguma cousa na sua forma. Se ter uma habitação certa em casas, occupar-se da lavoura em escala sufficiente para garantir o sustento, andar vestido, e viver em sociedade pacifica, sem praticar crimes, e reconhecer certa autoridade constitue um gráo de civilização, não se pode negar que a maior parte dos indios do Gurupy está fora do estado selvagem. Convem notar que as casas dos Timbés, que é a nação mais numerosa alli, são tão bem construidas como as da maior parte da nossa população rustica ; que os productos da sua lavoura são sufficientes para seu consumo, e ainda supprem a falta de mantimentos, que muitas vezes afflige a população civilizada na parte inferior do rio, e finalmente que, apesar de

não existir entre elles autoridade policial de qualidade alguma e de ser de pouca importancia a autoridade dos proprios chefes, todavia são rarissimos os casos de homicidio e quando algum se dá pode-se affoitamente affirmar que foram os indios provocados. A vantagem que as classes baixas da nossa sociedade tem sobre elles, é que tiveram a felicidade de ser baptizados, emquanto os indios vivem quasi sem religião alguma. O christianismo ainda não chegou a elles, e da sua religião pagan, que outr'ora tinha chegado a certo ponto de desenvolvimento, restam apenas umas recordações fracas e praticas supersticiosas, que se revelam principalmente nas feitiçarias, que praticam ou antes pretendem praticar seus pagés, e nas suas festas.

E', portanto, desta população indigena, que devo occupar-me mais extensamente e expôr o que pude observar dos seus habitos e costumes para mostrar que ella, debaixo de uma direcção conveniente, podia ser convertida em uma colonia de cidadãos uteis, a qual pela industria e bôa indole destes podia tornar-se em pouco tempo muito importante. Todavia é necessario discriminar bem as differentes tribus, a que pertencem, pois nem todas se acham nas mesmas cir-

cumstancias e no mesmo gráo de desenvolvimemto intellectual, e neste sentido deve-se distinguir dous grupos differentes, dos quaes um pertence á nação Tupy e outro a nação Tapuya, aquelle abrange os Timbés e Amanajés ou Manajós, e este os Urubús, Timbiras, e provavelmente tambem os Guajás e Guajajáras.

A tribu mais numerosa é a dos Timbés, que moram das cabecciras do Gurupy até a barra do Uruaim e se estendem de um lado até o Pindaré e do outro até o Capim. O numero total das familias que pertencem a esta tribu excede talvez a 1.500, e calculando-se 6 cabeças por familia, teremos uma população de 9.000 almas, das quaes se acham no Gurupy talvez perto de 6.000. E' naturalmente muito difficil dar um numero exacto, onde ainda não tem havido nem pode haver um censo regular, e neste ponto devo basear-me sómente sobre as informações que pude obter.

Encravada no terreno desta tribu, acha-se a dos Amanajés ou Manajós, cujo numero porém é muito inferior, e não chega talvez a 60 familias ou 300 a 400 almas. Elles moram divididos em 3 malocas na margem do Cajú-apára, que é um dos braços que formam o Gurupy.



Vaso de ceramica indigena

Acima desta tribu, nas cabecciras do Cajú-apára moram os Timbiras, que emigraram para lá ha poucos annos, tendo antes habitado as chapadas proximas á villa da Imperatriz, onde tiveram o nome de Carajés. O motivo da sua mudança contaram-me da forma seguinte : em uma occasião, que todos os homens estavam fora, atacaram uns sertanejos a aldêa e roubaram alguns filhos dos indios (o que se tem praticado muitas vezes). Quando os homens voltaram e souberam do facto, suspeitando que o ataque tivesse partido da gente, que morava em uma fazenda proxima que pertencia a uma viuva, resolveram atacar por sua vez a tal fazenda, que de facto queimaram, morrendo 7 pessôas dos habitantes della. Receiando as consequencias deste facto mudaram de residencia e embrenharam-se nas mattas das cabeceiras do Gurupy, onde appareceram com o nome de Timbiras, que adoptaram para illudirem as pesquisas que receiavam. Actualmente, porém, já querem outra vez adoptar seu nome de Carajés, ao menos me disse um velho no seu modo de falar : “Timbira não tem, Carajé”. Esta tribu é um pouco mais numerosa e pode conter umas oitenta fa-

mílias ou 400 a 500 almas e occupa só uma aldêa.

Os Urubús moram abaixo da barra de Uraim, porém não na beira do Gurupy. Suas aldêas acham-se entre as cabeceiras do Coracy Paraná (rio do sol) e do Piria na provincia do Pará, sendo o primeiro um confluente do Gurupy, e correndo o outro entre o Gurupy e o Capim. Esta tribu vive isolada e sem relações com a população civilizada ; só nas suas correrias, que estendem até as margens do Gurupy, que elles tambem transpõem, é que entram em contacto com a população civilizada, para a qual ás vezes se torna perigosa. Todavia força é confessar que os casos, em que elles têm disparado algumas flechas, sobre canôas, que passavam no rio, ou sobre as casas na proximidade da colonia militar, são muito raros. Por causa da falta de relações são pouco conhecidos, mas parece que não são sem industria, ao menos andam suas mulheres vestidas de saias de um panno grosso tecido porellas mesmas do algodão que cultivam para este fim. Tambem seus arcs e suas flechas, que são de um tamanho descommunal (as flechas têm 1^m,8 de comprimento), são muito bem trabalhadas, e as ultimas se distinguem muitas

vezes por um côco de tucun, que, depois de polido e furado com diversos buracos, é collocado entre a ponta da canna, que forma a haste da flecha e o páozinho, que leva na sua extremidade a ponta de ferro, ôsso, taboca ou madeira dura. As flechas munidas de tal côco produzem quando vôm um sibilo singular. Elles usam muito de pontas de ferro para suas flechas e dizem que estas lhes são fornecidas por uns mucambos negros, que, como se pretende, existem naquellas paragens.

No meio de todos estes indios de differentes tribus, encontra-se ainda uma outra, a dos "Gua-jás", que andam foragidos em bandos pequenos de 1 a 4 casacs, sem habitação certa e perseguidos por todos os outros indios. Elles vivem na matta mais cerrada, onde no inverno se abrigam da chuva embaixo de algumas folhas de anajá encostadas ao tronco de uma arvore. Naturalmente não têm lavoura alguma e se sustentam só da caça, principalmente de jabotis, e talvez de algumas raizes selvaticas. Dizem que se acham em toda a parte das mattas vestigios delles, mas é difficil encontral-os, pois os outros indios os perseguem e matam sem piedade, e captivam os filhos que criam depois nas suas aldêas. Es-

tes Guajás não possuem naturalmente civilização alguma e são completamente selvagens, porém o numero limitado que compõe seus bandos, e o medo de que são possuidos por causa das perseguições continuas, fazem com que não possam tornar-se perigosos.

Finalmente existe ainda o ultimo resto da tribu dos "Guajajáras" nas terras da colonia militar do Gurupy, mas as molestias e a aguardente têm produzido seu effeito, e mal chegará seu numero a trinta cabeças entre velhos e crianças, homens e mulheres. Provavelmente desaparecerá esta tribu em pouco tempo completamente.

De todos estes indios, portanto, não podem ser considerados como verdadeiros habitantes das margens do Gurupy senão os Timbés, Amanajés e Timbiras. As duas primeiras tribus pertencem, como já mencionei, á nação Tupy e a ultima é Tapuya. As differenças nos costumes e na lingua, que se originaram desta circumstancia, saltam aos olhos, enquanto entre os Timbés e Amanajés parece haver pouca differença nos costumes. Todavia se distinguem tambem estas duas tribus pela physionomia, devendo-se notar principalmente que a côr dos

Amanajés é ainda mais clara do que a dos Timbés, que já é muito clara, de sorte que os Amanajés são quasi brancos, e se encontram entre elles muitas pessoas de olhos azues. Como, porém, tive pouca occasião de observar os Amanajés de perto, e sendo seu numero muito reduzido, limitar-me-ei a fazer ligeira comparação dos costumes dos Timbés com os dos Timbiras.

Os Timbés têm a côr bastante clara, sua estatura é abaixo da mediana e suas extremidades, tanto as mãos como os pés, são pequenas e delicadas, emquanto os Timbiras são trigueiros, altos e reforçados.

A lingua dos Timbés assemelha-se muito á lingua geral que, como é sabido, foi composta dos differentes dialectos em que se tinha dividido a lingua tupy na epoca da descoberta do Brasil. Grande numero de palavras são identicas, emquanto a lingua dos Timbiras differê completamente. Para trazer um exemplo será sufficiente mencionar as seguintes palavras :

<i>portuguez :</i>	<i>Timbé :</i>	<i>geral :</i>	<i>Timbira</i>
fogo	tatá	tatá	quehy
agua	y	y	cú
mulher	cunhan	cunhan	cujaré
gallinha	sapucaya	sapucaya	cuzaccac

Os Timbés aparam o cabello na largura da testa dous dedos acima dos olhos ; o resto, que ambos os sexos deixam solto, é cortado pelos homens na altura da nuca, enquanto as mulheres o deixam crescer livremente, e o enfeitam de pennas, que são grudadas nos cabellos por meio de um pouco de cera, ou amarradas em cordões.

Os Timbiras, porém, aparam os cabellos ao redor de toda a cabeça dous dedos acima dos olhos. O resto que fica abaixo desta divisão cresce livremente, deixando-o as mulheres solto e amarrando-o os homens em um rabicho por meio de um cordão feito de croá ou por uma embira. Este corte singular do cabello tem de longe o aspecto de uma carapuça, o que se torna ainda mais saliente quando amarram nessa divisão, em guiza de fita, uma tira larga de embira. Entre as mulheres não vi enfeite algum nos cabellos quer de pennas, quer de outros objectos.

O uso de pintura sobre o corpo encontra-se tanto entre os Timbés como entre os Timbiras, mas ha uma differença notavel entre elles, que actualmente se torna ainda mais saliente, visto que este costume está cahindo sempre mais em



*Indio com o beijo furado e nelle collocado
um ornato.*

desuso entre os Timbés, que apenas fazem desenhos formados por traços finos de tinta preta sobre a cara e os braços. Os Timbiras, porém, tingem em primeiro lugar todo o corpo de vermelho, mastigando côco de Babaçú ou Auaçú e esfregando a saliva deste modo impregnada da parte oleosa do côco com a semente machucada de urucú sobre o corpo. Em cima fundo deste vermelho traçam elles desenhos compostos de traços grossos por meio de tinta preta, que preparam com a fructa do genipapo. Estes desenhos cobrem todo o corpo, ás vezes tingem tambem uma parte do corpo toda de preto. Este costume torna a presença dos Timbiras muito desagradavel ao olfato.

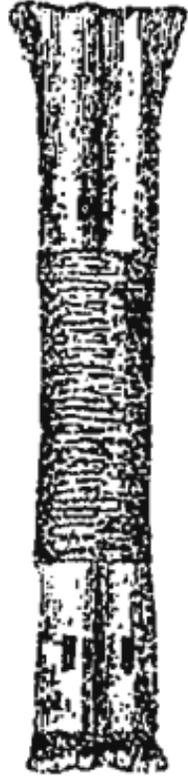
Por enfeite usam principalmente as mulheres, de uma como de outra tribu, missangas ou contas de vidro que compram aos regatões. Além disso, empregam as Timbés as pennas de aves de differentes côres, que grudam no corpo por meio de cera. Eu vi uma mulher que tinha assim grudada sobre os braços uma tira de quatro dedos de largura, que começava nas costas das mãos, passava sobre todo o comprimento dos braços e se reunia no meio do peito. Isso foi feito com tanta perfeição, que parecia ser uma pelle

de ave, e estava tão seguro que ella tomou um banho no rio sem perder uma só penna. Entre os Timbiras não vi enfeites desta ordem, mas nesta tribo usam os homens furar os lóbulos das orelhas e alargar os buracos até que caiba nelles uma rodinha de madeira leve denominada "pente de macaco" de 7 centímetros de diametro, ou fazem um anel deste diametro de uma folha enrolada da jussareira, que mettem nos lóbulos das orelhas. Tambem furam o beigo inferior logo ao pé da gengiva e mettem nelle uma especie de esporão formado de um pedaço de madeira de 5 centímetros de comprimento e de 6 milímetros de grossura no pé, que se vai afinando até a ponta.

Os costumes do funeral variam tambem entre as duas tribus, de sorte que os Timbiras enterram seus mortos na praça que deixam no meio da sua aldêa, ficando o corpo no fundo da cova de cócoras, a sepultura fica coberta de um montão de terra e sobre este se collocam tóros de madeira, ficando tudo coberto com uma casinha de palha.

Os Timbés, porém, enterram seus defuntos deitados em uma cova rasa, fazem ao redor da mesma uma estacada que encham de terra e co-

*Alcibi ou flauta dos
indios feita de ossos
humanos.*



Igaroba indigena.



brem tudo igualmente com uma casinha de palha, se a sepultura não é feita dentro da casa onde morou o defunto, o que acontece muitas vezes, se bem que os outros habitantes deixem por este motivo de continuar a morar nella.

Fóra deste caso, escolhe-se para a sepultura um lugar no matto ou a casinha vai fazer parte do circulo que formam as casas de uma aldêa, mas não se enche de sêpulturas a praça, que tambem os Timbés deixam no centro de suas aldêas. Ambas as tribus costumam accender por certo numero de dias uma fogucira sobre a sepultura para que a alma do defunto possa aquecer-se de noite.

Tambem na comida e no preparo desta distinguem-se as duas tribus. Os Timbés sustentam-se principalmente da mandioca, de que preparam a farinha chamada *d'agua*, e para este fim preparam roçados grandes, tão bem preparados e tratados como os de qualquer outro proprietario da provincia ; a carne, e o peixe, que lhes fornecem a caça e a pescaria, costumam moquear, isto é, assar sobre uma grelha de madeira.

Os Timbiras que preparam seus roçados, que têm menos extensão, com todo o esmero possivel, onde plantam tambem canna de assu-

car para chuparem o sumo, sustentam-se mais de cará, batatas e outras raízes tuberculosas, usam pouco da mandioca e preparam toda a sua comida debaixo da terra. Para este fim aquecem uma porção de pedras em uma fogueira grande, espalham estas no chão, cobrem as mesmas de folhas e mettem sobre estas toda sua comida seja carne, ou cará, batatas, massa de mandioca, etc. Depois, cobrem tudo com outra camada de folhas e esta de terra. Tudo fica alli exposto ao calor das pedras o tempo necessario para ser assado e depois remove-se a terra e as folhas para tirar a comida, que naturalmente se prepara deste modo cada vez para um numero crescido de pessoas. Actualmente já começam os Timbés a usar de pannels de ferro e de cosinbar suas comidas.

Devo mencionar aqui que ambas as tribus são pouco escrupulosas na escolha e no preparo da sua comida, e comem quasi todos os animaes, com excepção talvez do urubú. Tudo o mais, seja o que fôr, até cobras, serve-lhes de sustento.

Além da lavoura não exercem os Timbiras industria alguma, mas os Timbés fabricam redes de fio de algodão, que são tão bem feitas como

as de qualidade ordinaria, que se encontram no nosso mercado.

Elles dormem, por isso, tambem todos em redes, enquanto os Timbiras dormem no chão, ou sobre umas esteiras da palha de coqueiro ou de anajá, ou sobre alguma palha de jussareira. Só aquelles que tiveram occasião de comprar redes aos Timbés usam dellas.

Além disso, fazem os Timbés muitos utensilios para seu uso da casca do guariman e de varias qualidades de cipó, que tecem com uma habilidade extraordinaria. Assim encontra-se lá uma especie de cesta alta denominada "uruapá" em que guardam a farinha e objectos semelhantes, e que é formada de tres capas, uma sobre a outra, e tão bem feita que os tecedores de vimes na Europa, que vivem desta industria, não sabem fazer obra tão delicada e perfeita. Tambem as cestas que lhes servem para o transporte de qualquer carga são muito bem feitas, principalmente os "panacús" de que usam as mulheres.

E' de admirar o peso que transportam as mulheres nelles, que repousam sobre as costas e são sustentados por uma tira larga de embira que passa por cima do alto da cabeça, carregan-

do ao mesmo tempo uma criança, que está suspensa em uma especie de bandoleira, que vai diagonalmente de um hombro para o lado opposto do corpo em tal altura, que a criança pode mamar sem interromper a mãe nas suas occupaões.

Dest'arte supportam os musculos do pescoço uma parte consideravel do peso da carga. Os "jamacis" em que os homens transportam suas cargas são de um feitio muito mais simples e têm fóra da embira, que passa por cima da cabeça, duas azas em que se enfiam os braços, de sorte que sustentam o peso da carga, ora pelos musculos do pescoço, ora pelos braços.

Da casca do guariman fazem elles os "tipitis", nos quaes espremem da massa da mandioca a agua na fabricação da farinha. Este tipiti é uma invenção dos indios, que se deve considerar como muito engenhosa. É um tubo flexivel que se enche da massa, com que se alarga o seu diametro; depois fica dependurado por uma ponta, emquanto se collocam pesos na outra, com o que augmenta em comprimento o que diminue no diametro, espremendo a massa, cuja agua passa pelos furos do tecido.



Índios fazendo fogo com torqueto de pau.

Os Timbés e Amanajés andam todos vestidos, homens e mulheres, o que se tem de agradecer principalmente aos esforços do director parcia! do 18.º districto, Cesario Augusto de Noronha, emquanto os Timbiras, com raras excepções, andam nús. No principio e ainda hoje, importa o mencionado director muita roupa feita, mas as mulheres dos Timbés com sua habilidade em imitar tudo que vêem, aprenderam depressa a fazer roupa e actualmente já compram muita fazenda para este fim, e agulhas e fio de coser são artigos muito procurados.

Como já mencionei, fazem os Timbés roçados importantes e mostram-se dest'arte inclinados á lavoura. O systema, de que usam, é naturalmente aquelle que herdaram de seus pais ; os portuguezes, depois da descoberta, o adoptaram e infelizmente ainda hoje é geralmente usado no Brasil.

Pela introdução de utensilios de ferro e de aço tem-se tornado o trabalho mais suave para os indios. Antigamente começavam, logo que acabava a estação das chuvas, a conservar fogueiras grandes ao pé das arvores maiores, no terreno destinado para ser roçado, afim de derubal-as deste modo.

Os cipós e o matto eram decepados, machucando-se os ramos entre duas pedras, e o fogo acabava de limpar o terreno. Os machados e facões americanos de que actualmente dispõem, facilitam naturalmente o trabalho, mas o systema continúa. Plantam de preferencia mandioca ; mas tambem milho, algodão e croá, de que fabricam suas cordas. De fructeiras vi sómente bananeiras, mamoeiros e ananazes.

O systema da lavoura, que exige annualmente novos terrenos, influe muito para sustentar sua inclinação de mudar de residencia, que podem satisfazer com tanto mais facilidade quanto possuem poucos trastes, que transportam sem grande trabalho nos seus jamacis e panacús, ou nas suas canôas feitas da casca do jutahy ; e as casas cobertas de palha com paredes de enchimento tapado de barro constróem-se tambem facilmente em qualquer lugar.

Todavia, devo mencionar que vi algumas casas delles de madeira lavrada e em nada inferiores ás que se encontram geralmente no interior da provincia e mesmo nas villas.

Os Amanajés e Timbiras não se dão tanto trabalho com suas casas, que são apenas ranchos cobertos de palha, onde se abrigam durante a

estação das chuvas, enquanto o resto do anno vivem na matta debaixo das arvores. Os Timbés, porém, fazem isso só quando estão occupados longe das suas aldêas.

Revelando-se os costumes e a indole desses povos em parte nenhuma tão bem como nas suas festas, folguei de poder assistir a uma dos Timbés, que são sempre notaveis.

Ordinariamente escolhem as noites de luar para este fim; mas por um motivo que ignoro, fizeram uma excepção á regra nessa occasião, o que não deixou de tirar de alguma forma um certo esplendor á festa. Convem, porém, notar que quasi todas as suas festas têm um fim determinado, que mostra que são intimamente ligadas ás suas antigas crenças religiosas. Assim têm elles uma festa para fazer engrossar o milho, para chamar a chuva, quando esta tarda a apparecer, para conjurar molestias, etc.

Na occasião de que trato, achando-me arranchado na barra do Tucumandua, perto da aldêa dos Timbés de que é tuchaua (chefe ou capitão) o Taminjoá, governando sob seu nome seu filho Cué, fui á boca da noite para a aldêa, onde achei todos os habitantes e a maior parte dos das aldêas vizinhas, reunidos em diversos

grupos na praça, que costumam deixar limpa e destocada no meio da aldêa. O grupo, que attraheu logo rainha attenção rodeava os quatro pagés, que alli ha e que se chamam : Mainá (beija-flor), Guariba, Quandú e Arapoá-arembó. A noite toda foi consagrada a dança destes pagés, porque era a primeira da festa, e nessa dança não podem tomar parte senão os pagés e as mulheres.

Tambem este costume parece-me ser uma reminiscencia das antigas cerimoniaes religiosas, e isso ainda mais porque esta dança é acompanhada pelo som do maracá, enquanto nas outras noites, quando dansam os outros rapazes não se emprega este instrumento.

Dos mencionados pagés estava um assentado, tendo nas mãos duas trouxas enormes de pennas de gavião real, os outros tres estavam em pé atraz d'elle, tendo um na mão um arco e flechas, o outro, um cacete, e o ultimo um maracá ornado de 3 grandes pennas encarnadas de arára. A' direita e esquerda do que estava assentado e que era um verdadeiro dansador, estendia-se uma fileira de mulheres todas assentadas. Em pouco começou o dansador a entoar uma cantilena, que, apesar de ter alguma

cousa de triste e melancolico, não era desagradavel ao ouvido. O final de cada verso foi *ho! ho! ho!* ... acompanhado pelas mulheres com *hé! hé! hé!* ... A voz do pagé, no principio muito fraca e tremula, ganhava paulatinamente força e firmeza, e igualmente se animava o *hé! hé! hé!* ... das mulheres, até que o pagé se levantou afim de executar a dansa. Neste momento, começava o outro pagé a fazer resoar seu maracá e todos quatro tomaram parte no canto. O dansador abanando se com suas trouxas de pennas de gavião real, que manejava com as duas mãos levantadas na altura da cabeça, fazia um salte com as pernas e os pés unidos, dava dous passos pequenos para adiante e outro salto igual. Assim continuava, alternando com saltos e passos pequenos, até ter percorrido uma distancia de 3m pouco mais ou menos, sem interromper seu canto nem o movimento das trouxas de pennas, sendo acompanhado em todo o trajecto pelas duas fileiras de mulheres, que continuamente deixavam ouvir no final de cada verso seu *hé! hé! hé!* ... e imitavam seus movimentos. Depois, virou-se e voltou pelo mesmo modo para o lugar de onde tinha sahido, e a dansa estava acabada. Elle

assentou-se para descansar e pouco depois começou a mesma dança, parecendo-me que a cantilena era outra. Desejava muito conhecer seu sentido, mas não tive quem me servisse de interprete. O tuchaua, que falla como quasi todos os homens um pouco de portuguez e a quem me dirigi, não quiz ou provavelmente não soube explicar-mo. Entretanto estavam todos os outros homens conversando entre si, e assim passaram todo o tempo até a madrugada.

Na noite seguinte, realizou-se a festa geral, em cuja dança toma parte toda a população, e que se distingue completamente da dos pagés, sendo mais variada, e simulando a caça de certos animaes ou a guerra com uma outra tribu. Assim começaram elles com a dança da onça ou do "iaraujá" (pronunciando-se o j como no hespanhol); depois, seguiram-se as do "jacamim", "miruá" (mergulhão), "jandará" (morcego), "imatan" (caitetú), "taiaquú" (queixada), "jauari-peruan" (lontra), "cahi" (macaco) e outras mais. Nestas dansas, occupam os pagés e os outros velhos reunidos em um grupo, e armados de arcs e flechas, cacetes e espingardas, o centro e dirigem o canto, que é apropriado á caça do animal, cujo nome tem a dança, contando o

modo como se procura, persegue, alcança e finalmente mata o animal. Os rapazes, divididos em duas fileiras, formam ao redor do grupo dos velhos um circulo, imitando uns os movimentos dos caçadores e cachorros, os outros os da caça e acompanhando o final de cada verso com *ho! ho! ho! ...* As mulheres formam um terceiro circulo exterior e acompanham o final dos versos com *hé! hé! hé! ...* Em todas estas dansas usam daquelle movimento característico que mencionei na dansa dos pagés, alternando dous passos pequenos com um salto de pernas e pés unidos.

Conforme a ocasião, é este divertimento repetido por duas, tres e mais noites, nunca acabando antes das 2 ou 3 horas da madrugada. No ultimo dia da festa, porém, devem todos os homens sahir logo de manhã para a matta afin de caçar um animal. Quando voltam para a aldêa, são recebidos pelas mulheres com uma cantiga e levados para uma casa onde se preparou alguns dias antes uma mistura de mel de abelha com agua, que se acha em uma cabaça pendurada no tecto da casa e necessariamente soffreu alguma fermentação. Alli deve o caçador beber alguns goles daquelle mistura, depois de

ter cantado uns versos em referencia á caça que trouxe. Quando os pagés vão beber, é seu canto acompanhado do som do maracá.

Nestas festas, não faltam gritos, nem tiros de espingarda, nem outros signaes estrondosos de alegria, mas justiça é dizer que ellas parecem muito accomodadas em comparação com as festas das classes baixas da nossa sociedade, e de certo ha nellas muito mais ordem e harmonia e não ha as brigas e gritarias infernaes que se observam nestas. Tive occasião de observar a differença, pois poucos dias depois estive na villa da Imperatriz durante eleições municipaes, e não havia uma noite que não fôsse perturbada por gritarias, brigas e vozerias de toda a qualidade.

Os indios do Gurupy são ainda pagãos, todavia parece-me que sua catechese não seria muito difficil, pois entre os Timbés já alguns, tendo ido a Vizeu como tripulantes de canôas, fizeram baptisar alli seus filhos. Reina entre elles a polygamia e os Timbés têm o costume de dar suas filhas já em idade muito tenra em casamento, que neste caso naturalmente é só nominal, ficando a filha no poder do pai até sua puberdade. E' isso uma especie de especula-



Índios lupis em trajes de festa

ção, pois conforme seus costumes, não passa a filha á ser membro da familia do noivo, mas este fica pertencendo a familia da noiva, e tem a obrigação de trabalhar e caçar para o sogro e vestir a noiva. Deste modo adquire o pai da filha, com facilidade, um trabalhador para si. Mas tambem ha muitos casos em que o casamento não se ajusta senão depois de ser a filha já adulta, e no caso de enviivar a sogra não é raro que o genro a tome tambem por mulher junto com suas outras filhas, se ainda as tiver solteiras.

O parentesco parece não ser muito respeitado entre elles, ao menos vi entre os Amanajés um dos seus chefes que estava casado com sua propria neta.

As cerimoniaes do casamento parecem ser muito simples e consistem em que a mãe da noiva leva de uma mão sua filha bem pintada de novo, e da outra a rede della, arma esta ao pé da rede do noivo e lhe entrega a filha.

Os Timbés, Amanajés e Timbiras do Gurupy têm muitas relações com a população civilizada por intermedio dos regatões, que os procuram por causa do oleo de copauba, casca de cravo, rama da abuta e de algum breu, consis-

tindo nestes generos a exportação daquellas regiões, predominando, porém, o oleo de copauba. Não se pode negar que este commercio tem muito benignamente influido para abrandar e modificar tambem os costumes dos indios e acabar com as rixas e guerras entre as differentes tribus.

Além disso, tem acostumado os indios a certas necessidades, de que já não podem mais prescindir, e que não podem satisfazer senão pelo producto de um trabalho mais regular, o que tambem lhes tem ensinado certa sujeição. Com a extensão deste commercio, porém, e com a affluencia de um numero mais crescido de pessoas ignorantes e viciosas, que se dedicam a este trafego só por causa da sua antipathia a um trabalho regular, tem elle não só perdido aquella influencia bôa, mas a tem tornado pernicioso. Para provar este juizo é preciso expor mais minuciosamente a maneira por que se faz este commercio, e para este fim devo notar, em primeiro lugar, que o regatão não pertence á classe instruida. Seus conhecimentos mal chegam a ler e escrever um pouco. Elle negocia com o credito muito limitado, que um ou outro negociante lhe concede. Mas poucos são os que podem

negociar directamente com as praças do Maranhão ou Pará; a maior parte tem de sortir-se na villa de Vizeu, e alguns compram suas fazendas na colonia de S. Pedro de Alcantara, e o resto depende finalmente de outros regatões mais abastados. Dest'arte saem-lhes as fazendas por um preço mais elevado, que ainda mais cresce pelas despesas do transporte, e de que se pode fazer uma idéia, se se considerar que uma canôa do porte de 1.500 kilos gasta na viagem redonda entre Cajú-apára e Vizeu pelo menos 4 mezes com uma despeza de 300\$000 rs.

O credito corre ordinariamente por um anno, do qual já se perde na viagem pelo menos a terça parte.

Os 9 mezes restantes não são sufficientes para liquidar o negocio, que leva quasi sempre 6 mezes mais, de sorte que o preço primitivo fica augmentado pelos juros de um e meio por cento por mez ou por nove por cento pelo excesso total do tempo. Pode imaginar-se qual o custo das fazendas em Cajú-apára, que é actualmente o centro de todo este commereio, e que para certos generos fica tão elevado que sua importação se torna impossivel. Assim chega o

custo verdadeiro de um alqueire de sal em Cajú-apára a 8\$000.

Emfim, o regatão tendo gasto 6 a 8 mezes para adquirir um sortimento ao valor nominal das facturas de quinhentos a oitocentos mil reis, e quando muito de um conto a um conto e duzentos mil reis, chega sem perdas e danos nas cachoeiras na matta.

Seu primeiro cuidado é dispôr d'elle, e de facto em pouco tempo passa tudo para as mãos dos indios, mas bem entendido — fiado. Agora, carece munir-se de farinha com que deve sustentar os indios, quando estes vão para a matta afim de tirar o oleo de copauba com que hão de pagar suas dividas. Tendo adquirido esta dos proprios indios e chegando a estação favoravel de novembro em diante, para tirar-se o oleo, procura reunir seus devedores e vai com elles para uma paragem, onde espera encontrar muitas copaubeiras, levando consigo não só os indios, mas tambem suas mulheres e filhos, cachorros, papagaios, cutias, gallinhas, etc. em uma palavra tudo que elles possuem, e tudo isso se sustenta com farinha d'elle. Se tem felicidade e descobre uma paragem onde ainda ha muitas copaubeiras, ajunta-se em pouco tempo seu paga-

mento. Se tem lugar, porém, o contrario, ou se os indios zombam delle e não trabalham, ou se um dos seus collegas se encontra com os indios dentro da matta mesmo e lhes compra o oleo já tirado, de sorte que elles chegam no lugar da reunião com suas vasilhas vazias, acaba-se sua farinha, a campanha está acabada e o que não foi pago passa ás dividas perdidas. Seja o resultado qual fôr, elle deve levar o oleo que apurou a seu credor e ajustar suas contas para poder-se munir de novo sortimento. Se elle não pode saldar suas contas, correm os juros sobre o que falta, e, se elle não for muito feliz no seguinte anno, ver-se-á em pouco tempo tão endividado que não ha mais possibilidade de poder salvar-se.

Elle abandona o lugar onde negociava e procura outro, da praça do Maranhão vai á do Pará, de Vizeu para a colonia S. Pedro de Alcantara, onde pode esperar illudir a outrem, e o resultado final é que, em poucos annos, passados no meio das mattas com muitas privações, em vez de ter adquirido alguma fortuna se vê reduzido á mais completa miseria. Vi naquellas paragens algumas pessoas que, negociando desta maneira ha mais de 12 annos, hoje não pos-

suem mais o menor credito, achando-se endividadas em toda parte. Nestas circumstancias, não é de admirar que estes homens, que desde o principio pouca consciencia têm, procurem todos os meios de enganar os indios, e de atravessar os negocios dos outros, o que tem como resultado final a completa desmoralização dos indios. Já não se encarrega indio nenhum de serviço algum sem ter recebido seu pagamento adiantado, e muitas vezes é difficilimo obter d'elle que cumpra aquillo a que se sujeitou.

E pode-se admirar que o indio, vendo que a gente, que se diz civilizada, faz tudo para se enganar e illudir entre si, siga pela pista dos que sempre considera como intrusos? Encontrei um só regatão, que é ao mesmo tempo o director parcial daquelle districto que merece aos indios completa fé, e a quem elles servem sem exigir pagamento adiantado, porque têm plena convicção que não serão illudidos.

Ficando deste modo os indios desmoralizados, accresce ainda mais uma circumstancia prejudicial para elles.

Pois os regatões, tendo em vista só sua vantagem, não se importam de empregar os indios tambem no serviço do oleo da copauba no tem-

po em que elles deviam se dedicar aos trabalhos da lavoura, e só aos esforços extraordinarios do director parcial, de quem já fiz por algumas vezes menção, têm elles de agradecer, não ter por este motivo ainda apparecido alli falta completa de mantimentos, pois elle tem sempre obrigado os regatões a interromper seus trabalhos, dando-lhes o primeiro exemplo, apesar de ser mais interessado nesse ramo de industria do que elles, pois não só negocia directamente com os indios, mas fornece tambem a muitos outros regatões suas fazendas.

Os indios têm-se actualmente acostumado a certas necessidades da vida, e seria difficil para elles prescindirem dellas. A facilidade com que adquirem hoje espingardas e pólvora tem feito calir em completo desuso o arco e a flecha, que apenas servem para matar peixe. Elles não podem mais prescindir de machados nem de facões, nem de fazendas para roupa, nem de cobertas de lã, nem de muitas outras miudezas, que o commercio tem espalhado entre elles. Actualmente satisfazem a estas necessidades pe'a extracção do oleo de copauba, mas este ramo de industria desapparecerá, como já demonstrei, em poucos annos, e o que será depois delles?

Seria sempre uma tentativa sem resultado, se se quizesse colonizar um povo completamente selvagem, que não tem outras necessidades do que aquellas a que pode facilmente satisfazer sem industria.

O indio que não precisa de roupa para cobrir a sua nudez no nosso clima benigno, que acha por meio de arco e flecha, que elle mesmo prepara, sua subsistencia, não se sujeitará ás exigencias da vida civilizada. Mas o indio que precisa de espingardas, polvora, chumbo, espoletas, machados, facões, facas, panellas de ferro, louça, colheres, panno, agulhas, fio para coser, etc., acha-se em circumstancias differentes.

O matto já não satisfáz ás suas exigencias e elle reconhece a necessidade de sujeitar-se a uma vida e a um trabalho mais regulares. Se elles actualmente se sujeitam por sua propria vontade a trabalhar para os regatões, não seria possível aproveitá-los para a lavoura, principalmente mostrando elles por suas proprias culturas aptidão para este ramo de industria? Em verdade seria necessario introduzir desde logo entre elles uma lavoura racional, em vez da rotineira, e elles com sua habilidade em imitar tudo que vêem, a acceptariam depressa, e ligando esta o

lavrador ás suas terras, poder-se-ia combater com efficacia a tendencia que os indios têm de mudar constantemente de residencia, emquanto a lavoura rotineira os confirma neste vicio.

Parece-me seria necessario que o governo lançasse suas vistas sobre essa população, que até esta parte tem ficado completamente em esquecimento, e isso ainda mais, como as terras do Gurupy são ameaçadas de uma invasão de gente baixa do sertão da Imperatriz, que, ignorante quanto possivel, ao mesmo tempo tem todos os vicios da raça branca e da preta, das quaes nasceu, sem ter suas boas qualidades. Enganar os indios onde e quando podem, parece-lhes acção, não só licita, mas muito boa.

Durante minha estadia naquellas regiões, deram-se muitos factos desta ordem, praticados por sertanejos, que levaram algum gado a Cajú-apára ; e, se, depois, os indios, reconhecendo serem logrados, reagem e commettem alguma violencia, então sim, então carece logo gritar aqui d'Elrei !

Existe naquellas regiões mais uma circumstancia para que devo chamar a seria attenção do governo.

Sendo formada a divisa entre esta provincia e a do Pará por um riacho estreito, torna-se muito facil a passagem da jurisdicção de uma provincia para a da outra, e para poder se sustentar a moralidade da auctoridade seria preciso que esta fosse exercida em ambas as provincias por pessoas de criterio, que não se deixassem influir por considerações alheias á sua posição e fúteis. Entre o pessoal existente alli, e que se compõe todo de regatões sobre cujo character já dei minha opinião, é mui difficil achar pessoas capazes, e, se a provincia do Maranhão possui no director-parcial do 18.º districto uma tal pessoa, é isso uma excepção, que não se dá em relação á provincia do Pará, que mesmo não tem no seu territorio alli mais que uns seis habitantes. Durante minha estadia alli, chegou um tal Borges, que veio de Vizeu e tinha obtido uma nomeação de director de índios pelo governo da provincia do Pará. Em vez de entender-se com o director do lado do Maranhão para o fim de ambos sustentarem em harmonia a ordem, começou logo pelo contrario, e o primeiro acto que commetteu foi para desmoralisar ainda mais os índios, pois tendo dous Timbés de uma das aldêas na margem do Ytinga pedido por emprestimo ao

director maranhense uma canôa e obtida a mesma com a condição expressa de restituil-a até certo dia, não foi cumprida esta promessa, e, quando se indagou dos motivos, verificou-se que foi por ordem expressa do director paraense, que prohibiu aos indios levarem a canôa a seu dono, porque deviam tratar de preparar sua roça. Podendo-se passar com dous passos da jurisdicção de uma directoria para a da outra e não havendo harmonia entre os directores, não é possível que estes exerçam alguma autoridade. Por isso me parece que seria medida muito conveniente, se os governos das duas provincias chegassem a um accordo e nomeassem uma só pessoa para exercer o cargo de director, tanto em uma como na outra provincia, garantindo deste modo a moralidade. Isso parece tanto mais necessario como desde ha dous annos começa a affluir a Cajú-apára gente do sertão, trazendo gado para lá e alguns já se preparavam para uma mudança completa para alli, e já se deram alli pequenos incidentes que exigiram a intervenção da autoridade, que só pelo procedimento prudente do director do 18.º districto não tomaram mais vulto. Já representei sobre estas circumstancias á presidencia desta provincia no meu officio de

3 de agosto do anno passado, chamando a attenção do governo para a conveniencia de estabelecer alli uma subdelegacia de policia sustentada por um, ainda que pequeno, destacamento. A necessidade que a autoridade alli, seja director dos indios, seja subdelegado de policia, tenha uma força á sua disposição mostrou-se ainda emquanto eu lá me achei, pois os Timbiras, por cuja aldêa passa o caminho para os campos de Santa Thereza, roubaram a um sertanejo uma rez e mataram a mesma, ameaçando depois ao dono com a morte, ainda que nada lhe fizeram.

Este facto devia ter sido immediatamente reprimido, mas não dispondo o director de força alguma foi preciso deixar o crime impune.

Por esta consideração recommenda-se muito una outra medida — desligar o Alto-Gurupy da comarca de Tury-açú e unil-o á comarca novamente creada da Imperatriz.

Aquella região é inacessivel para as autoridades do Tury-açú, que haviam de gastar uma viagem de 3 mezes para chegarem lá, emquanto da Imperatriz podem chegar em poucos dias. A divisa entre as duas comarcas será talvez bem marcada pelo confluyente do Gurupy : Jararáca.

Devo concluir este esboço sobre a população india do Gurupy com o desejo que ella mereça a séria attenção do governo e que este se resolva a fazer alguma cousa em beneficio della, obstando por medidas energicas á completa destruição do resto das copaubeyras, e tratando da colonização dos indios debaixo de principios racionaes, prohibindo a invasão daquellas terras devolutas pela plebe do sertão e livrando os indios de serem desfructados pelos regatões.

III. — DESCRIÇÃO DO TERRENO ENTRE AS CABECEIRAS DO GURUPY E A MARGEM DO TOCANTINS, DA VILLA DA IMPERATRIZ ATE' A BARRA DO ARAGUAYA.

Como já se mencionou mais acima, encontram-se as cabeceiras do Gurupy ao pé septentrional da "Serra do Gurupy".

Parece-me que esta serra é uma prolongação ou um braço da "Serra da Desordem", que divide as aguas do Gurupy e Pindaré. A serra do Gurupy corre em geral parallelamente ao Tocantins e parece-me que ella atravessa este rio nas cachoeiras da Itaboca. Ella eleva-se no lugar onde

eu a transpuz a 721m de altura sobre o mar, porém só 61m sobre seu pé. Parece-me que forma uma cordilheira assás estreita unida no lado do Tocantins enquanto elle forma muitos braços lateraes e pontas para o lado do Gurupy. Ella acha-se toda coberta de uma vegetação viçosa em tudo igual á das margens do Gurupy, onde estas se elevam um pouco mais; só pude descobrir ao longe um alto formado de rochedo, que parecia ser granito, mas que era naquella occasião inacessivel para mim. As la-deiras são muito ingremes.

Logo, porém, depois de ter se transposto a serra, muda o character do terreno completamente. A matta que se estende do pé da serra até o Tocantins é formada em grande parte por Angicaes e adquire em geral o character da matta chamada "secca". Nas margens dos riachos apparecem muitas palmeiras Babaçú ou Auaçú, que no Gurupy não se encontram senão muito embaixo.

Acima da villa da Imperatriz estendem-se entre a zona das mattas e a margem do Tocantins chapadas arenosas cobertas de piassaba. Estas chapadas, que constituem o verdadeiro sertão proprio para criação, vão estreitando-se sempre mais, de modo que a villa da Imperatriz se acha collocada na ultima ponta dellas,

e abaixo da villa chega a matta até a beira do rio, apenas interrompida ainda em alguns lugares por vargens, que todavia abaixo do lugar denominado "Frades" não se encontram mais.

O Tocantins mesmo tem na villa da Imperatriz uma largura de 500m com uma profundidade variavel. Elle corre dalli até a barra do Araguaya sem ser obstruido por cachoeira alguma, mas em alguns lugares torna-se tão raso que sua profundidade não excede a 1m.

Na barra do Araguaya mesmo começa uma região de pedras por entre as quaes se espalham os dous rios sem todavia formarem uma cachoeira.

O caracter geologico das pedras, que se encontram em toda essa região do rio, faz classificar o terreno como pertencente á *formação de transição*, pois na barra do Araguaya apparecem protogyna e talcochisto, mais acima pedras de arêa e conglomerados de quartzo, que devem ser considerados como representantes da grão-vake, alternando com schistos argilosos, que predominam na villa da Imperatriz. Em um lugar observei tambem schisto quartzoso. Pode ser que, procurando-se com cuidado, se ache o schisto argiloso fino e forte, que é conhecido como lousa

e que serve para coberturas de casas, etc. Ao menos observei em alguns pontos da margem camadas que se prestariam para este fim, se não tivessem sido decompostas pela humidade continua, a que se acham expostas. Perto da villa mesmo tiram-se lages grandes deste schisto para construcção de fornos, etc.

A navegação no Tocantins acha-se sem des-
envolvimento. Usam-se botes de 24 a 48 toneladas de porte, que, porém, só no inverno podem navegar, enquanto no verão só botes de 8 toneladas de porte acham agua sufficiente. Todas essas embarcações são construidas sem o menor geito, não tendo prôa nem pôpa e imitando na sua forma as canôas feitas de uma só arvore. É de facto uma tal canôa serve de fundo áquellas embarcações. Collocam-se nella cavernas para altear as bordas e fecham-se adiante e atraz por meio de rodellas de taboas. Deste modo são aquellas embarcações muito pesadas e andam tanto mais de vagar como não são impellidas a remos de voga, mas por pás ou remos de mão, que além disso são mui pequenos. Em cada borda sobre as cavernas corre uma taboa ao longo de toda a embarcação, que é denominada *coxia*. Nella está assentada toda

tripulação com as pernas estendidas, firmando-se cada um com seus pés nas costas do que está adiante. e assim rema elle com seu reminho de mão. Deste modo não só é necessario uma tripulação muito numerosa, mas tambem que a embarcação esteja tão carregada que os remos possam alcançar a agua. Nas cachoeiras que se acham tanto acima da villa da Imperatriz como abaixo da barra do Araguaya, puxa uma parte da tripulação estas embarcações pesadas por meio de ganchos cortados na matta, emquanto a outra parte aguenta e afasta-as da margem por meio de forquilhas igualmente cortadas na matta, e firmando-se os ganchos e as forquilhas nos ramos das arvores da beira do rio.

Pode-se fazer uma ideia das difficuldades de tal navegação. O emprego de espias compridas para poderem vencer-se as cachoeiras é desconhecido. Fóra dos remos de mão, dos ganchos e das forquilhas, usam-se apenas varas ainda manejadas a mão, e não apoiadas contra o peito e portanto de pouca força.

Não tive occasião de ver as cachoeiras do Tocantins, mas em vista dos meios empregados para poderem subir taes embarcações pesadas, parece-me que não podem ser tão difficeis como

aquellas que se encontram no Gurupy ou no Itapecurú.

IV. — ESTRADA ENTRE AS MARGENS DO GURUPY E TOCANTINS.

Tendo sido communicado em 23 de outubro de 1871 pelo subdelegado de policia da villa da Imperatriz ao chefe de policia a descoberta de uma estrada franca e transitavel daquella villa para o Gurupy, foi levada esta noticia ao conhecimento do presidente da provincia pelo officio, que lhe dirigiu o chefe de policia em 3 de janeiro do anno passado e confirmada pela informação ministrada em 1.º de março, igualmente do anno passado, pelo director da colonia militar do Gurupy. Indagando na localidade mesmo tudo que dizia respeito a esta chamada estrada, vim a saber o seguinte: O regatão José Alexandre Coelho empreheudeu no anno de 1868 ou 69 (elle mesmo não se recordava com exactidão do anno), guiado pelo Timbira Ambrosio, uma viagem da aldêa dos Timbiras á villa da Imperatriz, rompendo pela matta pouco mais ou menos no mesmo lugar onde mandei abrir no anno passado uma picada de exploração, e voltou pelo mesmo caminho, sem que

esta viagem tivesse attrahido a attenção de alguém e nem trazido resultado algum. No anno de 1871, porém, emprehendeu o vaqueiro Clementino Jorge uma viagem do lado do Tocantins ao Gurupy, procurando para este fim o lugar onde os Timbiras tinham um acampamento ao pé da serra do Gurupy do lado do Tocantins e que dista da estrada que vai da villa da Imperatriz para a cidade da Carolina cerca de 10 kilometros, muito menos, porém, do fim da matta até onde se queima todos os annos o pasto. Alli, achou o começo da picada dos Timbiras, que passa por cima de muitos morros com ladeiras tão ingremes, que é quasi intransitavel. Elle chegou desse modo até a aldêa dos Timbiras, e de lá voltou. Espalhando-se, porém, a noticia da existencia daquella picada levaram algumas pessoas um numero limitado de cabeças de gado para lá e chegaram com elle acompanhando o curso do Cajá-apára até o lugar deste mesmo nome, ondê venderam o gado ao director parcial do 18.º districto. No anno passado tornaram a levar algum gado para lá. Todavia não se pode dizer que aquella picada dos indios seja uma estrada franca, pois as difficuldades do trajecto são tautas que só um numero muito

limitado de bois acompanhado de um numero crescido de tangedores poderá tentar tal empreza. As ladeiras são numerosas e ingremes que mal podem ser vencidas por animaes descarregados, e sendo todo o terreno coberto de mattas altas não acham os animaes pasto nenhum. Além disso tem o caminho do pé da serra do lado do Tocantins até a aldêa dos Timbiras, em cujo trajecto levam quasi sempre 3 dias, falta absoluta de agua. Sem duvida podia ser melhorado o caminho, desviando-se delle nos lugares das ladeiras, mas neste caso ficaria muito mais extenso e a falta de agua seria remedida.

Tendo noticia que o terreno na direcção, em que o mencionado regatão Coelho tinha feito sua viagem para a villa da Imperatriz, era muito melhor, mas não podendo romper eu mesmo pela matta fechada, contratei com o indio tumbé João Mucura, que é baptizado e tem um estabelecimento no porto da Sapucaya, que elle engajasse um numero sufficiente de Timbiras e fizesse na direcção indicada uma picada de exploração, que me permittisse poder examinar o terreno, na minha volta do Tocantins, o que elle executou fielmente. Verifiquei desta forma que

fóra da ladeira necessaria para a subida da serra do lado do Tocantins se podem evitar todas as demais ladeiras e que a distancia maior, onde não se encontra aguada, é na serra mesmo só de 35km e que toda a estrada entre Cajú-apára e a villa da Imperatriz póde ser avaliada em 300 kilometros, sendo de Cajú-apára até Sapucaya 128km, da Sapucaya até a aldêa dos Timbiras 35km e da aldêa dos Timbiras até a villa da Imperatriz 140km. Para este fim deve-se acompanhar o pé do terreno mais elevado na beira dos jussaraes, que se estendem nos lados do Cajú-apára até a aldêa dos Timbiras, de lá procurar uma lagôa que fica ao oeste da dita aldêa. Dalli se póde subir paulatinamente até chegar ao alto da serra, fazer alli uma ladeira de pouca inclinação abeirando sua fralda até as cabeceiras de uns riachinhos que nascem logo ao pé da serra. Acompanhando estes, atravessa-se a estrada que já se abriu uma vez da villa da Imperatriz para o Capim, mas que nunca serviu e da qual apenas restam alguns vestigios. Abrindo-se a mesma daquelle ponto para adiante pode-se chegar na dita villa com um trajecto de 300 kilometros. Calculando-se a abertura de uma picada de 2m de largura

por cada kilometro em 30\$000 seria a despeza total de nove contos de reis, e mais não seria necessario por emquanto do que uma tal picada.

Levar a estrada mais para baixo da villa da Imperatriz não me parece ser de utilidade alguma, visto que todo o terreno é deserto. Da mesma forma não me parece convenienté levar a estrada para baixo do lugar denominado Cajú-apára, pois sendo as margens do Gurupy, como expuz mais acima, cobertas de mattas altas e em grande parte expostas ás inundações, do rio não acharia o gado, que se transportasse, alimento algum, e a estrada ficaria intransitavel no inverno. Afastando-a porém do rio para evitar estes inconvenientes, haver-se-ia de lutar com falta de aguada. Além disso, deve se considerar, que a estrada do Cajú-apára para baixo não teria utilidade alguma. Até aquelle ponto pode ella servir para fazer entrar certo numero, ainda que limitado, de cabeças de gado para o consumo da população, que se está agglomerando naquelle sitio, e onde as vargens acima mencionadas e algumas capoeiras dão lugar á alimentação dellas. Mais para baixo seria só a colonia militar onde podia haver algum consumo, sendo o de Vizeu supprido com mais facilidade dos campos de Tu-

ry-açú. Para exportação de gado para esta capital ou para a do Pará parece-me que este caminho nunca poderia ser aproveitado, pois o gado chegaria no porto de embarque em Vizeu pelo longo trajecto tão decahido, que nada mais valeria.

Levar, porém, o gado por estações seria impracticavel por falta de lugares para solta em todo o trajecto.

V. — CONSIDERAÇÕES GERAES.

Em todo o terreno, de que se tratou acima, é a variação magnetica de Oeste, e a inclinação Sul. Ainda que os instrumentos á minha disposição não me permittissem fazer observações muito exactas, achei em

Vizeu	1° 12' 0" S; 2° 54' 0" O.	
	variação magnetica: 3° 30' O;	inclin. magnet.: 38° S.
Colonia militar	1° 48' 0" S; 3° 10' 50" O.	
	variação magnetica: 3° 10' O;	inclin. magnet.: 40° S.
Cajé-apára	4° 17' 4" N; 5° 9' 10" O.	
	variação magnetica: 2° 10' O;	inclin. magnet.: 43° S.
Sapucaya	4° 49' 30" S; 4° 58' 0" O.	
	variação magnetica: 2° 0' O;	inclin. magnet.: 44° S.
V. da Imperatriz	5° 31' 40"; S; 5° 26' 40"	
	variação magnetica: 1° 50" O;	inclin. magnet.: 45° S.

A respeito da força total do magnetismo parece não haver grande differença, pois achei em toda a parte que o numero das oscillações da agulha de inclinação no meridiano variava em 10 segundos de 8 a 10.

As altitudes foram todas determinadas pela altura da passagem de astros pelo meridiano, e as latitudes dos principaes lugares como da barra do Gurupy, colonia militar, barra do Gurupy-merim, Cajú-apára, Sapucaya, villa da Imperatriz e barra do Araguaya por observações da altura da lua comparada com a de estrellas fixas. Só para pontos intermediarios me servi de transporte do tempo. Para o levantamento do mappa do rio mesmo, usei da agulha magnetica e da luneta de Rochon.

Maranhão, 1.º de maio de 1873.

DR. *Gustavo L. G. Dodt.*

Annexos

N.º 1

Palacio do Governo do Maranhão em 18 de abril de 1872.

4.ª Secção. — Tendo resolvido encarregar a Vmc. do levantamento da planta do rio Gurupy, segundo as instrucções juntas, assim o communico a Vmc. para seu conhecimento, prevenindo-o de que a Thesouraria da Fazenda expeço ordem para que, nao só lhe seja entregue a quantia de um conto de reis para occorrer as despesas imprevistas, que tiver de fazer, mas tambem pagar a diaria de transporte, a que tem direito, calculada pelo maximo da tabella annexa ao decreto n.º 2922 de 10 de maio de 1862.

No desempenho desta commissão confio que Vmc. cujo zelo e esclarecida intelligencia me são conhecidos, se haverá de modo que seja o trabalho, de que é incumbido, o mais completo possivel.

E por esta occasião declaro a Vmc. que fica expedida ordem para que lhe seja dado o transporte em um dos vapores da Companhia Costeira até Vizcu, e bem assim recommendo ao director da colonia militar do Gurupy, que lhe preste todo o auxilio, ponha á sua disposição, sem prejuizo do serviço da colonia, a força necessaria para garantir a Vmc. das aggressões

dos indios selvagens, que infestam os lugares que tem de percorrer e lhe ministre os esclarecimentos que precisar, acompanhando-o em sua viagem até onde Vmc. julgar indispensavel. Deus Guarde a Vmc. *Augusto O. Gomes de Castro.*

Ao Sr. engenheiro Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt.

N.º 2

Instrucções a que se refere o officio dirigido nesta data ao engenheiro Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt para desempenho da commissão de que se acha encarregado.

A planta do rio Gurupy comprehenderá o curso do rio de sua foz até ao ponto a que permittirem chegar as circumstancias do tempo e os obstaculos oppostos pela deficiencia de meios de locomoção, a hostilidade dos indios etc. Se não encontrarem estes obstaculos, ou se forem superados pelos meios concedidos ao engenheiro, a planta comprehenderá todo o curso do rio, da foz ás suas nascentes.

Serão clara e exatamente notadas na planta as ilhas, bem como as corôas, cachoeiras, recifes e outros quaesquer obstaculos á livre navegacão, especialisando-se os confluentes de uma e outra margem,

Em todo o curso do rio deverão ser determinadas as posições geographicas dos pontos principaes e de outros que forem precisos para dar a todo o trabalho o cunho da exactidão.

Procederá o engenheiro a sondagem e medições da velocidade das aguas e ao mais acurado estudo de seu regimen.

No relatorio, que deve apresentar depois de concluida a commissão, exporá circumstanciadamente os obstaculos que offerecer o estado actual do rio á livre navegação e os meios de removel-os e o orçamento e plano das obras, que se devem fazer.

Apresentará tambem uma minuciosa descripção do terreno regado pelo rio, sua conformação, especificando as arvores principaes que nelle vegetam pelos seus nomes, vulgar e scientifico, e notando seu emprego na construcção civil e naval, na tinturaria ou marcenaria.

Procurará com a maior solicitude colligir amostras dos mineraes, que existirem na referida região, das plantas empregadas na medicina e de outros quaesquer objectos que possam servir para avaliar-se a riqueza natural do solo, a industria e gráo da civilisação de seus habitantes.

Concluidos os trabalhos acima expostos e outros que o engenheiro julgar necessarios, seguirá sem perda de tempo para a villa de Santa Theresa, á margem do Tocantins, pela antiga estrada ultimamente descoberta e de que tratam os officios annexos, determinando a

posição geographica, bem como a altura dos pontos principaes da mesma estrada, indicando as alterações que deve soffrer seu traço, para que fique mais recta, ou para que se evitem pantanos, outeiros ingremes, etc.

Apresentará o traço e orçamento de uma estrada que, partindo da colonia militar de S. Pedro de Alcantara, ou de outro ponto a margem do Gurupy, que melhor parecer, termine a margem do Tocantins, o mais proximo que fôr possível da confluencia do Araguaya, aproveitando no todo ou em parte, ou desviando-se della, a estrada existente já mencionada.

Palacio do Governo do Maranhão, 18 de abril de 1872.

Augusto O. Gomes de Castro,

N.º 3.

Secretaria da Policia do Maranhão em 3 de janeiro de 1872.

Ilm. e Exm. Sr. O subdelegado de policia da villa nova da Imperatriz communicou ao delegado de policia da Carolina a descoberta de uma estrada que parte d'ailli até o rio Gurupy.

Passo pois ás mãos de V. Exc. a copia inclusa dessa communicacão para que se digne V. Exc. de tomal-a na consideracão que lhe merece. Deus Guarde a V. Exc. Ilm. e Exc. Sr. Dr. Augusto Olympio Gomes de

Castro, presidente da provincia. O chefe de policia.
Domingos Monteiro Peizolo.

N.º 4

Subdelegacia de Policia da villa nova da Imperatriz 23 de outubro de 1871.

Levo ao conhecimento de V. S. que acaba de descobrir-se uma estrada franca e transitavel desta villa para o rio Gurupy, nem só moradores deste termo têm entrado com algumas rezes para alli fazerem feira, como os moradores de lá têm vindo a esta villa. Acolá existe um Presidio pertencente a esta provincia e do lado opposto existe uma pequena povoação e mais abaixo a villa de Vizen pertencente á provincia do Pará. O commercio por ora está fraco, os gados dão trinta mil reis, porém, com falta de compradores, o que promette de janceiro em diante melhorar o commercio. É' quanto tenho á informar a V. S. neste sentido. Deu guarde a V. S. Illm. Sr. delegado de policia do termo da Carolina. *Antonio Bento de Menezes*, subdelegado de policia.

N.º 5

Illm. e Exm. Snr.

Dando cumprimento ao que V. Exc. foi servido ordenar-me em seu officio de 4 de janceiro ultimo para informar sobre a estrada ultimamente descoberta entre

o rio Gurupy e a villa da Imperatriz, conforme relata o subdelegado daquella villa no officio, que acompanhou outro do Dr. chefe de policia, os ques devolve, o faço pela maneira seguinte :

Em 1869 tive conhecimento por intermedio dos regatões, que vão commerciar ao Alto-Gurupy, que uma tribu de indios semi-selvagens aldêada nas mattas proximas ao igarapé "Cajú-apára", principal cabeceira do Gurupy, noticiava que a tres dias de viagem para o centro existia uma povoação á margem de um grande rio, reconheci que essa povoação devia necessariamente ser a villa nova da Imperatriz no rio Tocantins, assim como visei desde logo o proveito que traria estabelecer communicações com aquella parte da provincia por via deste rio, pois incontestavelmente sanariam em grande parte as difficuldades com que lutam os habitantes daquellas paragens para communicar com os centros populosos e comecei desde então, vista a falta de meios directos, a animar os regatões para irem até aquelle ponto, porém quasi todos se recusavam pela pouca confiança, que depositavam nos indios Timbiras. Finalmente em principios do anno passado, depois de reiterados pedidos, o regatão José Alexandre Coelho empreendeu essa viagem e de facto conseguiu guiado pelos indios chegar até aquella villa.

E' isto fielmente, Exm. Sr., tudo quanto se tem dado em relação á pequena estrada, que hoje liga o rio Gurupy á antiga villa de Santa Thereza.

Creio não ser ocioso aqui declarar que não fui enganado na minha espectativa, pois sei que vão tendo

prompto desenvolvimento as communicações entre aquella villa e este rio, tendo já vindo dali algum gado. Portanto parece-me acertado autorisar a esta directoria a investigar pessoalmente esses lugares para habilitar-se a mais amplias informações, e de accordo com o director-parcial dos indios do 18.º districto melhorar a estrada primitiva, que tem muitas ladeiras e mesmo encurtar a distancia, buscando-se, tão sómente para isso, um desvio, como fui ultimamente sabedor. Deus Guarde a V. Exc. Illm. e Exm. Sr. Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro. D. presidente da provincia. O capitão *Leonardo Luciano de Campos* - director.

